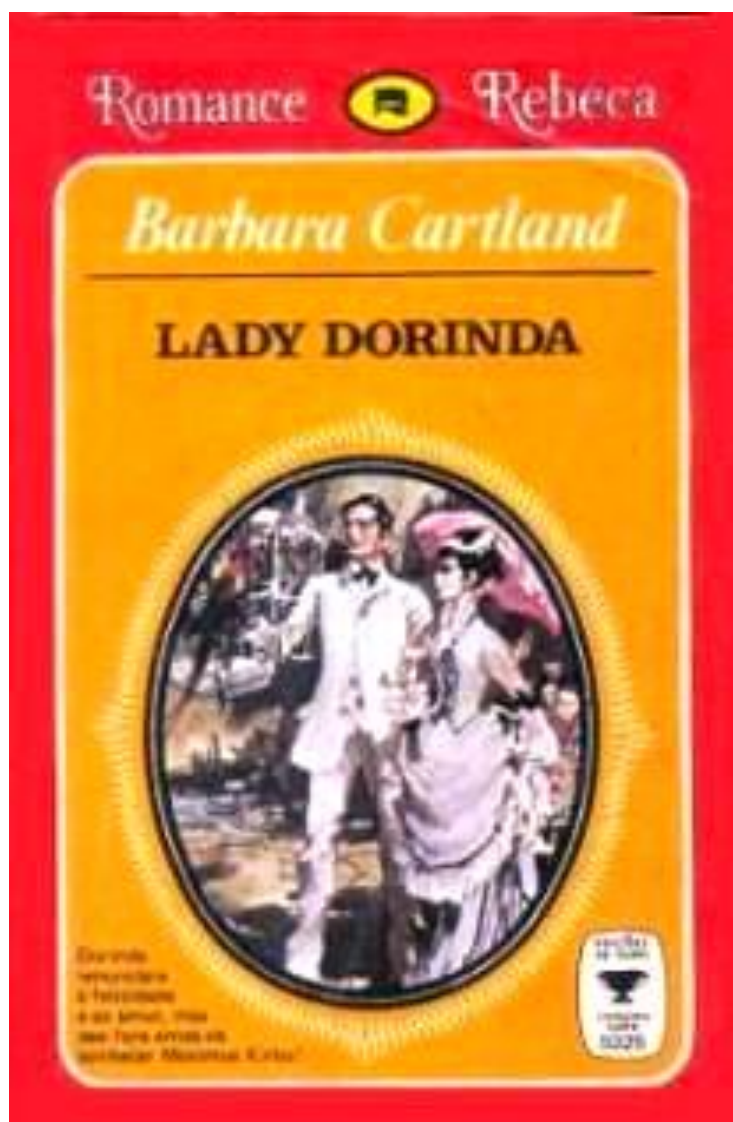


# Lady Dorinda

Barbara Cartland



Coleção Rebeca nº 5325

Coleção Barbara Cartland nº 72 - sob o título "ROSA DO ORIENTE"

Título do original: "THE MAGNIFICENT MARRIAGE"

Publicação original em 1974 by BARBARA CARTLAND

Tradução de: Ivany da Silva Nunes

Da tradução — EDITORA TECNOPRINT S.A., 1977

EDITORA TECNOPRINT S. A.



**Dorinda renunciara à felicidade e ao amor, mas isso fora antes de conhecer Maximus Kirby!**

Em sua fria e escura mansão, Dorinda era uma sombra, sempre se esgueirando pelas escadarias, sempre correndo para se esconder quando um convidado chegava. Não suportava ver a repulsa dos que olhavam para seu rosto, deformado por uma doença que nenhum médico conseguia curar. Era Lettice, sua linda irmã, que estava destinada a ter um futuro brilhante como esposa do riquíssimo Maximus Kirby, o homem mais poderoso de Cingapura. Mas, por ironia, a irmã se recusava a cruzar o oceano ao encontro do noivo que a esperava. Só concordou com uma condição: que Dorinda a acompanhasse. Assim, as duas partiram a bordo do Osaka, rumo ao oriente desconhecido. E, em pleno mar vermelho, um milagre aconteceu!

## NOTA DA AUTORA

*É um fato médico que o eczema pode desaparecer no clima quente e úmido do sul da Ásia. Eu mesma vi isso acontecer em Cingapura e Bangcoc.*

*Embora Maximus Kirby e Dorinda sejam personagens imaginários, o cenário de Cingapura e parte da história da cidade são completamente reais, inclusive a descrição dos piratas. Mordidas de cobra, tanto na Inglaterra quanto nas colônias, eram tratadas, há vinte e cinco anos atrás, do modo aqui descrito.*

# CAPÍTULO 1

1879

COM uma expressão de alegria, o Conde de Alderburne levantou os olhos da carta que tinha nas mãos.

— Chegou, Elizabeth! — exclamou ele. A condessa, sentada no outro extremo da mesa do desjejum, olhou-o com surpresa.

— O quê? — perguntou a senhora.

— A carta de Kirby. Você sabe que eu a estava esperando há semanas!

— Sim, é claro, Hugo... e a espera o tornou um bocado desagradável. Que é que ele diz? O conde olhou de novo a carta, parecendo muito feliz. Finalmente, respondeu:

— Ele pede que Letty vá para Cingapura no mês que vem, no navio “Osaka”.

— Para Cingapura?

A pergunta foi quase um grito e Lady Lettice Burne pousou a xícara na mesa. Sua mão estava trêmula.

— Para Cingapura, papai? — repetiu a moça. — Não... não posso ir...

— Ora, Letty — disse o pai. — Já discutimos esse assunto antes. Você me prometeu que se casaria com Maximus Kirby.

— Mas não em Cingapura, papai. Você disse que ele viria para cá... Além do mais, já faz tanto tempo...

As palavras terminaram num murmúrio. Os belos olhos azuis de Lady Lettice estavam cheios de lágrimas.

— Eu... não quero casar com ele, papai. Não quero casar com ninguém.

— Isso é ridículo, Letty! — interveio a condessa.

Mas, apesar da voz segura, seus olhos revelavam preocupação ao pousarem na filha mais nova.

— Mas, Letty, quando Maximus Kirby veio aqui — disse o conde, como se se dirigisse a uma criancinha — você o achou muito agradável...

— Ele me deu... os periquitos... — respondeu Letty, a voz trêmula. — E eu o achei... muito bondoso... Mas não quero casar com ele nem vou sair desta casa, papai. Quero ficar aqui... com vocês...

Os olhos do conde pousaram no rosto da filha com expressão aparvalhada. O fidalgo não suportava lágrimas e sempre achara difícil recusar o que quer que fosse a Letty.

A moça era muito bonita e o conde sempre apreciara a beleza!

Sim, não havia dúvida de que Lady Lettice Burne era de impressionante formosura. Seu cabelo macio parecia de ouro e a pele era fina e rósea. Tinha olhos azuis orlados de escuras pestanas e uma boca mimosa e bem desenhada, que seria a delícia de qualquer pintor.

Era de se esperar que Lady Lettice fosse a moça mais cortejada, se não na sociedade londrina, ao menos pelos jovens cavalheiros do condado.

Mas embora corressem para o seu lado assim que ela aparecia, logo e inesperadamente se afastavam em busca de mulheres menos bonitas, mas mais interessantes.

Após a primeira temporada da filha em Londres, o conde, um homem inteligente, depressa compreendeu que Letty não ia fazer o brilhante casamento que para a mesma ambicionara.

Mas sempre havia a esperança de que um dos velhos Pares do reino pudesse achar seu belo rosto compensação suficiente para sua quase infantil inteligência.

— Não se trata apenas de sua falta de vivacidade mental... ela nem sequer presta atenção! — disse o conde à mulher, após um baile quando, no final da noite, percebera uma peculiar escassez de pares para a bela Lettice.

— Eu sei, Hugo — respondera a condessa. — Já expliquei a ela milhares de vezes que os homens esperam que as mulheres lhes dêem atenção, ouçam o que eles têm a dizer e riam de suas piadas.

— Mas em que diabos pensa Letty? — explodiu o conde.

— Francamente, Hugo, modere a sua linguagem! — recriminou-o a condessa.

— Desculpe, querida — disse o conde. — Mas você tem que admitir que isto é exasperante! Não há moça mais bonita que Letty e eu estava esperando um genro rico.

A condessa suspirou. Todos contavam com um vantajoso casamento para Letty.

Com Alderburne Park hipotecada e suas dívidas crescendo a cada ano, parecia que o único bem que agora possuíam era a beleza incomparável de Lettice.

Então, já de volta à sua propriedade e quando o conde ainda se ressentia das despesas provocadas pela temporada em Londres, Maximus Kirby aparecera.

De início, o conde não pensara no rapaz como um provável genro.

Kirby lhe fora apresentado no White's Club por um Par do reino, que lhe dissera, numa voz que ele julgava abafada, mas que vibrava na Sala Vespertina:

— Tenho um bom negócio para você, Alderburne. Um rapaz que quer comprar cavalos para levar para o Leste. É rico como Creso e paga qualquer preço pelo que deseja.

Mais tarde, o conde descobriu que a última afirmação não era verdadeira.

Maximus Kirby não era o tolo que as palavras do amigo pareciam insinuar. Extremamente rico, era, no entanto, bastante sagaz para valorizar seu dinheiro. Embora preparado para pagar bem pelos melhores cavalos do conde, não estava disposto a levar nenhum que não fosse de primeira classe.

O conde o tinha convidado a visitar Alderburne Park para ver os cavalos.

Fora a condessa quem lançara no cérebro do marido a idéia de que Maximus Kirby era não apenas um homem rico, mas muito bem apessoado.

— Posso dizer sem medo de errar que, embora não seja nenhum nobre, Kirby é certamente bem-nascido. Ele passaria por um cavalheiro em qualquer lugar...

— Ele é um cavalheiro — afirmou a condessa. — E o fato de ser um pouco excêntrico, certamente devido à sua longa permanência no Leste, não o torna pior partido.

— Você está sugerindo...? — indagou o conde, um pouco incrédulo.

— Eu o vi olhando para Letty no jantar, à noite passada — declarou a condessa. — Acho que antes de ir embora ainda falará no assunto com você.

— Mas Letty ia ter que morar muito longe daqui! — exclamou o nobre. — Kirby tem muitas propriedades na Malásia.

— Desde a abertura, há dez anos, do Canal de Suez, não é tão difícil ir ao Leste — retrucou a condessa. — Lorde Avon estava dizendo no outro dia que se pode chegar à Índia em

vinte e cinco dias!

— Ele é muito bem apessoado — disse o conde, e certamente não estava se referindo a Lorde Avon.

— Eu o acho maravilhoso — afirmou a condessa.

Não havia dúvida de que Maximus Kirby tinha um firme aliado na mãe de Letty.

E que mulher seria capaz de resistir a um estranho encantador como o jovem milionário? Havia qualquer coisa em Kirby, uma estranha fascinação que fazia lembrar os antigos piratas.

E, além da irresistível atração que exercia sobre as mulheres, Kirby era um esportista, o que o popularizava entre as pessoas de seu próprio sexo.

Era verdade que o rapaz tinha uma audácia que provocava o ciúme de muitos maridos e noivos, mas também era educado e sua personalidade parecia ter levado a Alderburne Park uma lufada de ar fresco.

Comprou não apenas os melhores cavalos do conde, mas também muitos quadros, uma papeleira Rainha Anne e alguns livros da biblioteca, que o conde nunca tinha sequer olhado, desde que herdara a propriedade.

Apenas Dorinda, quando Maximus Kirby já tinha ido embora, reparou, com tristeza, nas prateleiras vazias. Sabia que aquelas prateleiras não iam mais ser recompletadas.

Foi para Dorinda, sentada no outro lado da mesa do desjejum, que Letty apelou agora, os olhos úmidos e os lábios trêmulos.

— Dorinda, você sabe... que não posso me casar... — disse ela, como uma criancinha. — Faça papai compreender que eu... não gosto... os homens me assustam...

— O Sr. Kirby é diferente — respondeu Dorinda. — Pense na sua gentileza em lhe presentear com aqueles periquitos. Estou certa de que, uma vez em Cingapura, você vai poder ter um viveiro inteiro de pássaros exóticos... Vai ser maravilhoso!

— Eu preferia um viveiro aqui mesmo — teimou Letty.

— Aqui é frio demais e as aves morreriam. Mesmo os periquitos estremecem de frio perto da lareira...

A voz de Dorinda era firme, mas suave. Lettice, os olhos fitos no rosto da irmã, era a imagem viva do desconsolo.

Poucas pessoas olhavam assim diretamente para Dorinda. Talvez porque sempre estivesse perdida nos próprios pensamentos e não visse o rosto da irmã como os outros viam.

Podia-se perceber facilmente que até o conde, à mesa do desjejum, evitava olhar para a filha mais velha, mesmo quando a ela se dirigia.

Mas Dorinda já não estranhava que as pessoas olhassem em outra direção quando falavam com ela.

Aos vinte anos — quase vinte e um — ela já se tinha convencido de que nunca se casaria. Era-lhe, no entanto, difícil ouvir Lettice, uma jovem tão linda, afirmar freqüentemente que tinha medo dos homens.

Dorinda raramente tinha a oportunidade de conversar com outro homem que não fosse seu pai ou um dos criados. Desde a infância, sofria de uma desfigurante doença de pele que enfeava seu rosto, os braços e as pernas com manchas avermelhadas.

Era fácil esconder os pulsos, que às vezes ficavam piores, e, é claro, também as pernas. Mas não havia como esconder as feias manchas que permanentemente lhe desfiguravam a testa, o lábio superior e o queixo.

No início, os médicos que a condessa procurara tinham dito que se tratava apenas de um sintoma da adolescência.

— Muitas moças têm problemas de pele nessa idade — afirmaram os especialistas. E prescreveram uma porção de cremes e loções que de nada tinham servido, a não ser para aumentar a irritação da pele.

Quando Dorinda completou dezessete anos, a condessa se desesperou. Era o momento de providenciar a apresentação da filha à corte, de levá-la para uma temporada em Londres, dar em sua honra um baile em Alderburne Park. Mas de que adiantaria gastar dinheiro com uma moça da qual quase todos fugiam, se não com desgosto, pelo menos com piedade?

Sem falar nos que desconfiavam de que a doença fosse contagiosa, idéia que os médicos achavam ridícula.

— Mas como vamos prevenir as pessoas de que a doença não pega? — indagou Dorinda.  
— Não posso usar um cartaz...

Não havia mesmo nada que se pudesse fazer e no final foi a própria Dorinda quem resolveu não forçar a entrada numa sociedade que não a desejava.

— Esqueça-se de mim, mamãe — dissera à condessa. — Guarde esse dinheiro para Letty. Ela vai ser maravilhosa, como todo mundo sabe, e nada do que você possa fazer melhorará a minha aparência.

Era verdade, embora a condessa não o quisesse admitir.

Belos vestidos e chapéus pareciam acentuar a enfermidade de Dorinda. Afinal, resolveram aceitar o inevitável.

Dorinda permanecia em casa e poucas vezes deixava Alderburne Park, a não ser para acompanhar Letty, que exigia sua presença onde quer que fosse.

O tato de Dorinda, ou talvez sua timidez em forçar uma presença indesejável, acabou se tornando um hábito.

Freqüentemente tinha que acompanhar Letty a alguma festa porque, de outra maneira, a irmã não iria. Então, despercebida, Dorinda desaparecia.

Tornou-se exímia em andar sozinha e sem ser vista por Alderburne Park, quando havia hóspedes na propriedade.

Muitas vezes dizia a si mesma, com um sorriso triste, que se parecia com um daqueles fantasmas que se supunha assombrar o sótão ou a ala leste. Mas, ao contrário dos fantasmas, Dorinda era extremamente útil.

— Ora, deixe que Dorinda resolve o caso — costumava dizer o conde. — Ela sabe exatamente o que eu quero.

— Consulte Lady Dorinda sobre o cardápio, cozinheiro — ordenava a condessa. — Você sabe que eu nunca me lembro do nome desses pratos exóticos.

— Quero Dorinda! Onde está Dorinda? — choramingava Letty.

Só Dorinda conseguia restaurar seu bom humor, fazê-la descer a tempo para o jantar ou pentear-lhe o cabelo tão bem como uma cabeleireira profissional.

Fora Dorinda quem, no ano anterior, tentara convencê-la de que o casamento com Kirby seria algo maravilhoso, um acontecimento memorável para toda a família.

— Lembre-se de como será formidável viver sempre ao sol! — tinha dito a Letty, num certo dia enevoado. — Pense nas flores de Cingapura. Acho que você vai poder ter um jardim só de orquídeas. E lá também existem belos, coloridos e brilhantes pássaros, Letty. Você vai



adorá-los.

“Eu devia ter sabido”, pensou Dorinda, agora, à mesa do desjejum “que papai transtornaria Letty, dando-lhe a notícia sem a menor preparação.”

— Eu... não quero ir — dizia Letty. — Quero ficar aqui... com Dorinda e você, papai... oh, papai, gosto tanto de vocês... sou feliz aqui. Não quero me casar!

— Mas, Letty, pense nas roupas maravilhosas que você vai usar — insistiu o conde. — E nas jóias! Maximus Kirby poderá lhe presentear com diamantes muito mais deslumbrantes do que os que pude dar à sua mãe. E pérolas também. Há pérolas maravilhosas em Cingapura!

— Não gosto de pérolas — resmungou Letty.

O conde olhou desalentado para a esposa, no outro lado da mesa.

— Hugo, acho melhor deixar Dorinda falar com Letty a respeito da viagem — disse a condessa, diplomaticamente.

— Tenho de mandar um telegrama a Kirby — observou o conde. — Ele espera que Letty viaje no dia dez de janeiro.

— Não vou! — gritou Letty, levantando-se de repente. — Não vou mesmo! Quero ficar aqui! Vocês não gostam de mim... mas eu não vou...

Em lágrimas, Letty correu pela sala, parecendo tão bonita e graciosa que nos olhos do conde havia mais admiração que raiva.

— Você tem que convencê-la, Dorinda — disse ele, finalmente.

— Certamente o Sr. Kirby não espera que Letty viaje sozinha para Cingapura... — comentou a condessa.

— Claro que não — concordou o conde. — Na sua carta ele diz que nós por certo desejaremos uma companhia para a nossa filha e para isso falou com Lady Anson, esposa do Tenente Governador de Penang, que vai viajar no mesmo navio...

— Uma companhia! — exclamou a condessa. — Claro que sim, mas alguém de quem Letty realmente goste.

— Deve haver alguém — tornou o conde, com uma nota de irritação na voz.

— Claro que deve haver — concordou a condessa. — Mas não sei quem. O Sr. Kirby também vai pagar a despesa da dama de companhia?

O conde consultou novamente a carta.

— Sim, certamente. Ele vai enviar uma chinesa como camareira. Diz que é muito experiente e que já providenciou para que esteja a bordo do “Osaka” em Tilbury, quando Letty embarcar.

— Ele pensa em tudo... — comentou a condessa.

— Bem, não seria conveniente mandar uma de nossas criadas — observou o conde. — E, de qualquer modo, Letty precisa aprender a usar empregados chineses.

— Acho que são muito bons — disse a condessa, com um tom de inveja na voz. — Honestos, trabalhadores e fiéis aos seus patrões.

— Então, não há problemas com a camareira — declarou o conde. — Mas e a dama de companhia? É claro que Letty precisa de alguém que a mantenha de bom humor.

— Terei de ir com ela, papai — interveio Dorinda, quietamente.

O conde pareceu surpreender-se.

— Você, Dorinda? Claro que isso seria...

Fez uma pausa, como se escolhesse as palavras.

— ...embaraçante — completou Dorinda. — Sim, seria, papai, se eu me identificasse. Mas não vou fazer isso. Irei simplesmente como companhia de Letty e ninguém precisa saber que, na verdade, somos irmãs.

Houve um breve silêncio enquanto os pais digeriam a idéia. Finalmente, Dorinda concluiu:

— Quando Letty estiver casada, voltarei.

— Sozinha num navio? — perguntou a condessa.

— Estarei a salvo, mamãe — respondeu Dorinda, em tom galhofeiro.

— Sim, sim, é claro — disse o conde, ligeiramente constrangido. — Mas não é o tipo de comportamento que se deve esperar de uma de minhas filhas...

— Ninguém vai saber que sou sua filha — retrucou Dorinda. — Vou arranjar um nome falso e bem discreto. Posso manter Letty de bom humor. Se eu não a acompanhar, duvido que ela se case com o Sr. Kirby.

Houve um pesado silêncio na sala, como se todos estivessem pensando em como Letty sabia ser difícil quando assim o desejava.

Seu medo do casamento era o resultado de um infeliz incidente que acontecera dois anos antes.

Justamente por sua beleza e porque o conde queria exibi-la, o pai a levava a um baile de caça quando ela ainda não tinha dezesseis anos. Não era um ato sem precedentes, porque muitas das participantes ainda não tinham sido apresentadas à sociedade. Em verdade, várias moças da idade de Lettice iam comparecer à caçada e, depois, ao baile.

Usando um vestido novo, vindo de Londres, e um arranjo de rosas brancas no cabelo, Lettice ofuscava facilmente todas as mulheres do salão, qualquer que fosse a idade.

O baile estava animado e, infelizmente, o conde não quis sair quando sua esposa pediu. De um modo que a condessa não sabia explicar, Letty tinha se afastado do seu lado e um jovem cavalheiro, arrebatado pela beleza da jovem, a tinha beijado.

Deve ser dito, em defesa do rapaz, que Lettice não protestou diante das suas primeiras investidas. E, quando ele a abraçou e beijou, a jovem ficou tão apavorada que não podia falar ou mover-se.

O moço não percebera que Letty estava completamente alheia às suas intenções. De fato, no início, ela nem mesmo ouvia o que ele estava dizendo. O rapaz a beijou apaixonadamente e só percebeu o que fizera quando ela caiu, desmaiada, a seus pés.

A condessa recebeu confusas desculpas e levou a aterrorizada Letty para casa, onde a entregou aos cuidados de Dorinda.

Para uma moça normal, tal episódio seria facilmente esquecido ou se tornaria piada, mas em Letty deixou uma irremovível cicatriz. Dali em diante, passou a ter medo de todos os homens, por mais calmos e inofensivos que parecessem.

— Você não pode desconfiar de todos os rapazes — dizia-lhe Dorinda, às vezes, num baile. — Aquele é um bom rapaz...

— Não quero dançar com ele — respondia Letty. — Não gosto que os homens me toquem...

— Mas, Letty, querida, eles não vão machucá-la.

— Eles... ficam olhando para mim... ficam dizendo... uma porção de coisas... — protestava Letty.

— Só querem elogiar sua beleza — explicava Dorinda. — Você é muito bonita, Letty, e sabe disso.

— Gosto que você e papai me achem bonita, mas não quero que os homens fiquem olhando para mim...

— Isso é ridículo, Dorinda! — dizia a condessa, não uma, mas dúzias de vezes à filha mais velha. — Ela tem que acabar com essas idéias infantis!

— Devemos dar tempo ao tempo, mamãe — respondia Dorinda.

Mas, consigo mesma, a moça admitia que, a cada dia que passava, Letty achava mais difícil conviver com rapazes.

— Letty não pode voltar atrás! — estava dizendo agora o conde. — Ela não pode desistir de casar com o Sr. Kirby!

— Você ouviu o que ela disse, papai — respondeu Dorinda.

— Bem, mas ela não pode fazer isso! — protestou o conde, com firmeza. — As moças têm que se casar com quem os pais determinam!

Fez uma pausa e depois prosseguiu:

— A semana passada, o duque me dizia que casou as sete filhas sem problemas, todas com abastados fidalgos... Aposto como não teve essa espécie de contrariedade.

— O problema, Hugo, é que você estragou Letty desde criança — acusou a condessa.

— Ora, como é que eu podia adivinhar que ela ia se comportar de maneira tão anormal?

— retrucou o conde, aborrecido.

Levantou-se da mesa, empurrando agressivamente a cadeira.

— Deus sabe que já é bem triste não ter um filho para herdar o nome de família. Mas ter duas filhas e ambas tão peculiares... é mais do que qualquer homem pode suportar!

— Hugo, francamente! — repreendeu-o a mulher. — Como pode ser tão mau para Dorinda?

O conde olhou para a filha mais velha e, antes que pudesse acrescentar alguma coisa, a moça disse:

— Não faz mal, papai. Posso entender muito bem. Você está devendo dinheiro ao Sr. Kirby, não é? Por isso Letty tem que se casar com ele.

— Hugo! — exclamou a condessa. — Isso é verdade?

O conde atravessou a sala em direção à lareira acesa.

— Bem, para ser franco, querida... — começou o fidalgo.

— Como é que você pôde fazer uma coisa dessas? — bradou a condessa. — Endividar-se antes mesmo de Letty ter a aliança no dedo! É humilhante demais!

— Eu estava em má situação na época — respondeu o conde. — E ele levou seis dos meus melhores cavalos. Eu precisava de algum dinheiro.

— E o que foi feito do dinheiro que ele pagou pelos cavalos? — insistiu a condessa.

— É preciso perguntar? — retrucou o conde, amargamente. — Os credores não me largavam e você sabia disso se tivesse ouvido pelo menos uma palavra do que tenho lhe contado. Era o caso de entregar a casa ou pedir emprestado a Kirby.

A condessa apertou os lábios.

Ela sempre parecia fria, austera. E agora ainda mais, ao perguntar, rispidamente:

— E quanto é que você pediu ao futuro genro?

Houve um breve silêncio antes da resposta do conde:

— Se quer mesmo saber a verdade, dez mil libras.

A condessa deixou escapar uma exclamação de horror. Depois, sem mais uma palavra, saiu da sala.

Dorinda voltou-se para o pai.

— Sinto muito, papai. Eu não devia ter dito aquilo.

— Não havia mais nada a fazer, Dorinda — afiançou o conde. — As dívidas cresceram de modo alarmante e Kirby ficou simplesmente fascinado com a possibilidade de me emprestar o dinheiro em troca da promessa de que Letty se casaria com ele.

Dorinda suspirou.

— Se ela o recusar agora, papai, você vai ter que devolver o dinheiro.

— Mas você sabe tão bem quanto eu que não o tenho. Você tem visto as minhas contas. Não tenho segredos para você.

— Sim, papai, eu sei. E sei também que não poderá levantar dez mil libras a não ser que venda a casa e o que restou dos quadros da família.

— Na verdade, duvido que valham dez mil libras — retrucou o conde.

— É, não devem valer mesmo — suspirou Dorinda.

O conde caminhou da lareira até a janela e ficou olhando o jardim coberto de neve.

— Pensei que, com o casamento de Lettice, seria fácil vender mais cavalos a Kirby... ou qualquer outra coisa que lhe interessasse. Ele é suficientemente rico para não precisar regatear e negociar com ele seria ótimo para mim.

— Eu sei, papai — respondeu Dorinda. — Assim, só nos resta convencer Letty a se casar com ele. Eu não quis dizer nada diante de mamãe, mas Letty me afirmou uma porção de vezes que prefere morrer a ser tocada por um homem.

— Oh, meu Deus! — exclamou o nobre. — Eu devia ter matado aquele patife que a beijou!

— Se quisermos ser honestos um com o outro — observou Dorinda, calmamente — temos que admitir que, se não fosse ele, seria outro qualquer. Letty não é como as outras moças.

— Mas ela é linda, Dorinda. A mais linda moça do mundo. Ela deve ter sentimentos normais. Todas as mulheres querem ser amadas e casar.

— Nem todas.

— Ela vai acabar se acostumando com a idéia — declarou o conde, tentando convencer-se do que dizia. — Tudo o que você tem a fazer, Dorinda, é convencê-la de que seu noivo será generoso e gentil com ela e dizer a Kirby como ele deve se comportar.

Fez uma pausa antes de acrescentar:

— Pensei que ele viria aqui e eu poderia falar-lhe a respeito desse assunto.

— Por que não vai a Cingapura com Letty, papai? — indagou Dorinda.

— Por duas boas razões — respondeu o nobre. — A primeira é que não fui chamado. A segunda é que as corridas começarão no mês que vem e tenho que estar aqui.

— É verdade — concordou Dorinda. — É inútil mandar mamãe. Ela não tem paciência com Letty.

— Devo admitir que Letty é capaz de esgotar a paciência de um santo — comentou o conde. — Só você pode convencê-la, Dorinda.

— Então, concorda que eu a acompanhe a Cingapura?

— Não tenho escolha. Mas só Deus sabe como vou sentir a sua falta...

Dorinda começou a acreditar, nos dias que se seguiram, na sinceridade do pai. Eram tantas as providências que devia tomar antes de viajar! Havia dias em que, ao deitar, não tinha nem ânimo para pensar.

Não bastava manter Letty calma: além das muitas compras a realizar, todos os encargos da casa continuavam a seus cuidados, pois Dorinda cuidava de tudo, até nos menores detalhes.

— Poderei me apresentar como Miss Hyde — disse a moça ao conde. — E, como vou servir de dama de companhia, é melhor que eu pareça um pouco mais velha do que sou... apesar de realmente ninguém me dar atenção.

O pai não a contradisse e ela continuou:

— Encomendei alguns vestidos novos para mim, não muito caros e todos cinza, pois não quero chamar a atenção. As roupas de Letty serão todas coloridas. As cores vivas vão muito bem com a sua pele...

— Compre o que achar melhor, Dorinda — aprovou o nobre. — E não precisa fazer muita economia, já que Kirby me mandou um bom cheque para as despesas. Ele já pagou as passagens e está disposto a cobrir todos os gastos...

— Oh, papai, e você nada nos disse a esse respeito! — reclamou a jovem.

O conde pareceu um pouco envergonhado.

— Não queria que sua mãe soubesse — confessou ele. — Ela não gosta que eu tome dinheiro emprestado de ninguém e sabendo que devo tanto a Kirby não toleraria nova dívida.

— É melhor não preocupá-la — concordou Dorinda.

O conde colocou a mão em seu ombro.

— Você é uma boa moça, Dorinda, e mais sensível do que qualquer filho poderia ser. É uma pena...

Deixou a frase inacabada. Dorinda sabia que o pai sentia-se frustrado por ter a esposa lhe dado apenas duas filhas e nenhuma delas plenamente satisfatória...

Aquela noite, a jovem se olhou no espelho do quarto e viu que as horríveis marcas continuavam em seu rosto.

“Se eu fosse bonita como Letty” — pensou ela — “me casaria com alguém que pudesse ajudar papai, que se sentiria muito orgulhoso se eu me tornasse marquesa ou duquesa.”

Pensou então em Maximus Kirby e seu coração deu um salto.

De uma janela do primeiro andar ela o viu chegar caminhando ao lado do conde, que fora ao seu encontro em Londres. Dorinda pensara, na ocasião, que nunca vira um homem tão atraente.

Naquele momento, não pudera observar cada detalhe de seu rosto másculo e, no entanto, os ombros largos, o modo como usava o chapéu, seus gestos firmes, tudo a levava a crer que Maximus Kirby fosse realmente especial.

Saíra da janela para o topo da escada a fim de aguardar a entrada do jovem no grande vestíbulo da casa e, escondida num vão, como costumava fazer em criança, pudera vê-lo transpor a porta principal. Divisara, então, claramente, o rosto do rapaz e algo acontecera ao seu coração. Dorinda nunca pensara que um homem pudesse ser tão fascinante.

Suas feições não eram clássicas, mas a força de seu olhar, a expressão dos lábios e o bronze da pele combinavam-se magnificamente para dar-lhe uma aparência que a moça jamais

poderia esquecer.

Maximus Kirby tinha ficado dois dias em Alderburne Park e, durante esse tempo, jamais encontrara Dorinda, não podendo, portanto, imaginar que ela observasse todos os seus movimentos.

Da galeria perto da sala de jantar, Dorinda vira o pai lhe mostrar a casa e os estábulos, tendo ouvido sua voz grave e morna, que parecera vibrar no coração da moça.

Percebera também quando o conde o apresentara a Letty e Maximus entregara à sua irmã os dois periquitos que trouxera de Cingapura.

Até na sua ausência, ela ouvia o pai falar a seu respeito e mesmo a voz sempre fria de sua mãe parecia ter adquirido um novo calor.

Embora nunca aparecesse quando havia hóspedes, Dorinda, na segunda noite da visita de Maximus Kirby, tinha se sentado por muito tempo ao espelho, pensando num modo de disfarçar as feias manchas do seu rosto a fim de poder descer para o jantar, que contaria com a presença de alguns convidados do conde, ansiosos por conhecerem o homem mais comentado de Londres.

— Todo mundo está falando do Sr. Kirby — Dorinda ouviu o Lorde Tenente declarar. — Dizem que a própria rainha o convidou a visitar o Castelo de Windsor, para ouvir pessoalmente as maravilhas que ele conseguiu realizar em Cingapura.

— Que maravilhas? — perguntou o conde, com indisfarçado interesse.

— Meu marido lhe contará como o Sr. Kirby melhorou o porto e construiu novos edifícios, além de uma porção de realizações de que não me lembro no momento — respondera a duquesa.

“Eu gostaria de ouvir a descrição desses melhoramentos” — dissera Dorinda para si mesma.

E então, com horror, descobrira que novas manchas avermelhadas apareciam perto do canto de seus olhos, provavelmente devido às caçadas que fizera na semana anterior, uma das poucas diversões a que se permitia, embora fugisse dos grandes grupos, preferindo os dias de pouco movimento.

Sendo uma amazona excepcional, facilmente se distanciava das outras mulheres e, muitas vezes, era, no fim do dia, a única participante da caçada, quando todos, já cansados, voltavam para suas casas.

O vento frio, o ar gelado e a chuva, porém, cobravam seus dividendos. Seu eczema — o nome que os médicos tinham dado à sua doença de pele — piorava sensivelmente depois de um dia de caçada.

Mas valia a pena, ou, pelo menos, assim pensava Dorinda, ao fim de uma daquelas jornadas.

Agora, porém, que tanto queria conhecer Maximus Kirby, odiava como nunca a doença que o destino lhe reservara.

Como poderia aparecer assim na sala de estar? Seria insuportável ver Maximus Kirby olhá-la com piedade ou desviar, constrangido, os olhos de seu rosto, como todos costumavam fazer.

Ela o viu deixar a casa na manhã seguinte, já sabendo que ele pedira a mão de Letty e o conde prometera que, dentro de um ano, quando a filha fizesse dezoito anos, eles poderiam casar.

— Foi uma visita maravilhosa — Dorinda ouviu Maximus dizer ao conde, no vestíbulo.  
— Tivemos muito prazer em contar com a sua presença, Kirby — respondeu o conde. — Gostaríamos que ficasse um pouco mais.

— Nada me seria mais agradável — respondeu Maximus — mas tenho que ir amanhã a Windsor e no dia seguinte voltarei a Cingapura.

— Tenho certeza de que está ansioso para voltar ao sol — tornou o conde.

— Na verdade, trata-se de voltar ao trabalho — respondeu Maximus Kirby. — Vim à Inglaterra para comprar máquinas e equipamentos modernos e encontrar novos empresários para os planos de expansão da cidade, da enseada e de parte da selva. É nisso que Sua Majestade está interessada.

— Ouvi falar dos seus milagres por lá — declarou o conde. — Chamam-no até de “rei não coroado de Cingapura”...

Maximus Kirby sorriu.

— Sua Majestade não gostaria de saber disso. Não, sou apenas um humilde servidor da Inglaterra e, na verdade, estou apenas dando seguimento aos planos de Sir Thomas Raffles. A ele a Inglaterra deve a posse de Cingapura.

— Era um grande homem — afirmou o conde.

— Muito grande, pelo menos na parte do mundo de onde venho — confirmou Kirby. — Espero que um dia o senhor visite Cingapura e veja o que ele realizou.

— Um dia, quem sabe?

Houve um curto silêncio e depois, Kirby disse:

— Eu lhe escreverei a respeito dos preparativos para o casamento. Primeiro quero terminar a casa que estou construindo. Tenho certeza de que Lady Lettice gostará dela.

— Eu também — declarou o conde.

— Então, obrigado por tudo e até a vista — despediu-se Kirby.

Os dois homens apertaram-se as mãos e Kirby desceu os degraus da entrada, caminhando em direção à pequena diligência que o esperava.

Dorinda ficou a observá-lo enquanto ele se afastava e, depois, correu para seu quarto, de onde podia ver a frente da casa.

Ele já tinha subido no veículo e, aparentemente, dissera ao cocheiro que o conduziria, pois as rédeas estavam em suas mãos.

Fazia frio e Kirby usava uma capa, tendo o chapéu meio de lado sobre o cabelo escuro. Seu aspecto era majestoso — um homem decidido, que certamente despertaria admiração onde quer que fosse. E, no entanto, algo mais emanava de sua personalidade — pensou Dorinda. Uma espécie de encanto, de poder mágico, de vitalidade, que se fizera sentir desde a primeira vez que o vira.

Dorinda pensou, desconsoladamente, que agora ele estava indo embora e nunca mais o veria.

E, no entanto, não conseguiria esquecê-lo.

Era como se tivessem sido visitados por um habitante de outro planeta. Ele não fazia parte da Inglaterra, vinha do outro lado do universo e talvez na realidade tivessem pouco em comum.

Embaixo, na escada que levava à porta principal, o conde acenava para seu hóspede. Maximus Kirby levantou o chapéu.

Dorinda viu-o sorrir e teve a impressão de que era um sorriso vitorioso. Uma certa contorção em seus lábios e um brilho especial em seus olhos demonstravam que ele estava satisfeito.

“O que o terá alegrado tanto?” – perguntou-se Dorinda. Mas ela sabia a resposta: Maximus Kirby tinha vindo a Alderburne Park para conseguir uma esposa... e isso era exatamente o que acabava de realizar!

## CAPÍTULO 2

DORINDA começou a desfazer as malas em sua cabina no “Osaka”. Era um dos mais modernos navios da linha P. & O., que serviam ao longínquo Oriente e ela estava agradavelmente surpresa com o conforto e mesmo o luxo dos aposentos destinados para si e Letty.

Compunham-se de dois grandes dormitórios e uma saleta de estar onde cestas e cestas de flores para Letty traziam os cumprimentos de Maximus Kirby.

As duas irmãs tinham sido recebidas à bordo com impressionante formalidade, quase como se fizessem parte da realeza.

Quando a camareira chinesa apareceu, fazendo seguidas reverências, era impossível ignorar como de fato eram bem tratadas e tinham sido otimamente acomodadas.

Mas Letty, de péssimo humor e terrivelmente deprimida nas últimas semanas, sempre declarava não desejar ir a Cingapura, não querer casar-se e desejar apenas ficar em casa, com os pais.

O conde, aborrecido com a atitude da filha, saía cedo de casa e só voltava à noite, freqüentemente após o jantar.

A condessa, declarando estar com dor de cabeça, se fechava em seus aposentos particulares, evitando assim as lamúrias de Letty. E, como sempre, Dorinda tinha de resolver tudo.

Letty não demonstrava o menor interesse pelas belas roupas compradas para o seu enxoval, recusando-se quase sempre a experimentá-las e obrigando Dorinda a fazê-lo por ela.

As duas irmãs tinham o mesmo tipo físico, mas Dorinda era um pouco mais magra que Lettice. Ultimamente, porém, com sua sistemática recusa em alimentar-se, Letty havia sofrido sensível perda de peso.

A costureira provava as roupas em Dorinda, e a jovem, obrigada a ficar em pé durante horas, pensava ansiosamente nos outros compromissos importantes que tinha para resolver.

O conde e a condessa levaram as filhas a Londres, onde ficaram dez dias para que Letty pudesse escolher as roupas mais modernas e elegantes. Tão caras eram elas que a condessa perguntou, desconfiada, como o conde as pagaria, o que nem o marido nem Dorinda souberam lhe responder.

Em Londres, Letty mostrou-se ainda mais difícil, chorando quando o pai tentava discutir com ela o próximo casamento e recusando-se a agradecer sempre que os amigos lhe davam os parabéns e desejavam felicidades.

– Se Kirby vir Letty nesse estado – disse o conde particularmente a Dorinda – por certo desfará o compromisso. Vamos esperar que, entusiasmado com sua beleza, só procure



conversar com ela depois que a aliança estiver em seu dedo.

Dorinda se perguntava se não estariam tentando enganar o “rei não coroado de Cingapura”. E dizia para si mesma que a culpa era toda dele se estivessem.

A jovem tinha certeza de que devia haver alguma razão especial para ele querer uma esposa e estava determinada a descobri-la.

Pensando no rosto atraente de Maximus Kirby, Dorinda não tinha dúvidas de que devia haver centenas de mulheres que agarrariam com unhas e dentes a oportunidade de desposá-lo e que o amariam até a morte.

Então, por que ele viera à Inglaterra e escolhera Letty, sabendo tão pouco a seu respeito?

Dorinda pensou que a posição de seu pai devia ter tido alguma influência na escolha. Apesar de estar a família praticamente arruinada, Alderburne era um nome tradicional na história da Inglaterra e os antigos fidalgos que o ostentaram tinham sido poderosos e respeitáveis. Vários Alderburnes na corte de Elizabeth se tinham revelado grandes figuras do Império. Outros Alderburnes tinham alicerçado a Restauração da Monarquia no Reinado de Charles II e houvera também poderosos Alderburnes no reinado da Rainha Anne.

Sempre honestos e empenhados em servir ao seu país, mais que a si mesmos, eles sem dúvida fizeram jus ao respeito que granjearam. Mas o que Dorinda tinha certeza era que seu pai tinha procurado um genro rico.

Em Londres, a moça procurou novas informações a respeito de Maximus Kirby.

Não lhe foi difícil induzir o pai a procurar junto ao Secretário das Colônias e mesmo ao Primeiro Ministro esclarecimentos sobre a política e desenvolvimento de Cingapura.

— Preciso fazer com que Letty se interesse pelo futuro marido e seus negócios antes que o reveja, papai — era apenas um pretexto de que Dorinda lançara mão para forçar o conde a obter todas as informações que desejava.

Entre outras novidades, ela soube que se devia a Maximus Kirby o grande desenvolvimento do Porto de Cingapura, realizando o sonho de Sir Thomas Stamford Raffles, um brilhante aventureiro inglês que nascera num navio mercante do qual seu próprio pai era o capitão e se tornara, na idade de quatorze anos, um funcionário nos escritórios da Companhia das Índias Ocidentais.

Aos vinte e quatro anos, Thomas foi mandado a Penang, onde imediatamente demonstrou sua capacidade e, quando a Inglaterra ocupou Java, tornou-se Governador Tenente. O povo lamentou sua partida como se tivesse perdido o seu maior amigo.

Em 1818, ele alimentava a idéia de quebrar o monopólio alemão nos Estabelecimentos do Estreito e tornar Cingapura um grande porto livre. A despeito da grande oposição e muitas dificuldades encontradas, ele conseguiu realizar sua pretensão, seis anos depois.

— Ouvi dizer que Kirby praticamente exterminou os piratas — informou o conde a Dorinda. — Eles chegaram a causar tantos prejuízos na Península Malaia que o comércio na região era quase impraticável, apesar das providências do governo para protegê-lo com seus navios.

— Navios de guerra, papai? — indagou a filha.

— Vários cruzadores estiveram em ação em 1830 e uma flotilha especial contra pirataria nos vinte anos seguintes — respondeu o conde. — Mas o interessante é que em 1837 um vapor, o “Diana”, foi mandado a Cingapura e tornou-se o primeiro vapor colonial a combater os piratas.

– Fale-me a respeito do “Diana” – pediu Dorinda, fascinada.  
– O Primeiro Lorde do Almirantado não foi muito claro sobre o assunto – tornou o conde. – Aparentemente, o ocorrido entrou nos anais da História Naval...

– Que aconteceu ao “Diana”?

– O Primeiro Lorde me disse que foi o primeiro vapor construído na Índia e tinha 160 toneladas, além de uma velocidade de cinco nós. Sua tripulação era constituída de três europeus e trinta malaaios.

– Continue, por favor – pediu Dorinda.

– Ao lado do veleiro H.M.S. Wolf, o vapor começou sua primeira aventura, tendo encontrado seis grandes *prahus* – nome que os piratas chineses dão aos seus navios – atacando um junco.

Dorinda ouvia, compenetrada, e o conde prosseguiu:

– Os piratas, vendo a fumaça do “Diana”, tomaram-no por um veleiro em chamas e, julgando-o uma presa fácil, transferiram seu ataque do junco para o vapor.

O conde riu.

– Para seu horror, o vapor cruzou as águas contra o vento e atirou de passagem nos *prahus*, fez meia-volta e repetiu a manobra.

– Não deve ter restado muita coisa dos navios piratas depois do combate – comentou Dorinda.

– E não restou mesmo – confirmou o conde.

– E essa ação eliminou de vez a pirataria? – indagou Dorinda.

– Não imediatamente – respondeu o conde – mas mostrou às autoridades que alguma coisa podia ser feita para reduzir o que se tornara um transtorno intolerável, pois um grande número de firmas importantes estavam deixando Cingapura.

– Esses acontecimentos devem ter ocorrido anos antes de o Sr. Kirby ter se tornado influente em Cingapura – disse a moça.

– Ele, por certo, ouviu falar muitas vezes no caso quando criança – retrucou o conde.

– E logo que começou a ter alguma autoridade, pôs suas próprias idéias em ação.

– Que idéias?

– Kirby descobriu que, embora os piratas tivessem deixado de molestar os navios no alto-mar por medo de revanches, continuavam a atacar qualquer barco ancorado em pequenas enseadas ou os veleiros que se encontrassem nos trechos menos freqüentados da costa.

O conde fez uma pausa, como se procurasse recordar as informações que obtivera.

– Aparentemente – continuou ele, logo depois – o costume dos piratas era abordar silenciosamente o navio vítima, de hábito à noite, e matar brutalmente a tripulação e os passageiros antes que pudessem gritar por socorro.

– E o que fez o Sr. Kirby a esse respeito? – indagou Dorinda.

– Organizou sua própria flotilha de pequenos barcos-patrulha, pesadamente armados, mas muito mais fáceis de manobrar que os navios de guerra. O Primeiro Lorde me disse que em consequência dessa medida a pirataria foi quase totalmente erradicada dos Estreitos da Malásia.

Dorinda guardou cada detalhe de tudo o que ouvira para tentar depois interessar Letty nas atividades de seu futuro marido, mas foi um esforço inútil.

Bastava que mencionasse o nome de Maximus Kirby e Letty desatava a chorar, dizendo sempre e sempre que não queria se casar.

Na verdade, era tão viva a reação da irmã que finalmente Dorinda disse a seu pai:

— Papai, que farei quando chegarmos a Cingapura, se Letty continuar na mesma obstinação?

— Ela tem que se casar com Kirby! — afirmou o conde, os dedos apertando os braços da cadeira em que se sentava. — Por Deus, Dorinda, será que você não consegue mostrar-lhe as vantagens desse casamento?

Dorinda olhou-o apenas, sem responder. Após alguns momentos, o conde declarou, em tom diferente:

— Sei que não é fácil. Talvez eu lhe tenha dado uma missão impossível. Mas se ela se recusar a casar, estamos todos numa situação difícil... Não só terei de arranjar os dez mil que Kirby me emprestou, mas ainda serei obrigado, por uma questão de honra, a devolver o seu último cheque.

— Foi tudo gasto, papai? — perguntou Dorinda.

— Tudo — confirmou ele.

Dorinda soube depois que mais três cavalos tinham chegado aos estábulos de Alderburne, e compreendeu então no que o dinheiro fora gasto.

Apesar de tudo, seu pai fora generoso com o enxoval de Letty e quando, afinal, ele foi entregue, todos na mansão ficaram encantados, à exceção da noiva.

— Você vai ficar linda com estes vestidos — disse Dorinda à irmã.

— Só quero ficar bonita para papai — respondeu Letty.

— Se você gostasse mesmo de papai, faria tudo para agradar-lhe — retrucou Dorinda.

Não havia dúvida de que Letty adorava o pai e era esse o único trunfo com que Dorinda contava para convencer a irmã a embarcar para Cingapura.

Na noite anterior à partida de Alderburne Park, Letty tinha ficado histérica e tentado se trancar no quarto. Dorinda conversou com a irmã e depois de mostrar-lhe o que sucederia se o conde fosse obrigado a vender a casa e os cavalos, conseguiu que Letty concordasse em partir no dia seguinte.

— Você não pode ser tão cruel com papai, se gosta tanto dele como afirma — dissera Dorinda.

— Eu gosto de papai, gosto sim — assegurara Letty.

— Então, demonstre seu amor ajudando-o — dissera Dorinda, com firmeza. — Se você lhe falhar agora, Letty, ele não vai mais querer vê-la de novo. Como poderia ele suportar que alguém do seu próprio sangue se comportasse assim? — e, como Letty não respondesse: — Se você desmanchar agora o noivado, papai não vai apenas parecer desonrado, mas também desonesto.

Somente depois de uma lacrimosa e comovente despedida, que deixou os condes pálidos e emocionados, é que Letty consentiu em embarcar no “Osaka”.

— Será melhor se vocês não a acompanharem até o último momento — aconselhara Dorinda ao conde. — Digam-lhe adeus e vão embora. Ela certamente vai ficar desesperada quando o navio estiver para partir e pode tentar desembarcar, se vocês ainda se encontrarem aqui.

E, como sempre, a moça tinha razão.

Ao ouvir a chamada final para a saída dos que não iam viajar, misturada aos apitos do navio, Letty compreendeu que estavam para partir, e frenética, gritou:

— Não vou! Não quero ir! Quero voltar para casa! Quero ficar com papai!

— Agora é tarde demais, Letty — disse Dorinda. — Ele já está de volta a Londres e contente por você ter se comportado tão bem!

Dorinda levou-a para a cabina e, exausta de tantas emoções, Letty adormeceu quase imediatamente.

Depois de fechar as cortinas das vigias, Dorinda foi para sua própria cabina.

A camareira chinesa, que tinha desfeito as malas de Letty tão logo as irmãs tinham subido a bordo, ofereceu-se para fazer o mesmo com as de Dorinda, mas a jovem preferiu cuidar delas sozinha.

Os novos vestidos, todos cinzentos, pareciam muito convenientes e adequados à sua posição de dama de companhia de Letty, dando-lhe o aspecto apagado que desejava.

Mas em sua bagagem, mais que os vestidos, eram os livros que lhe interessavam, alguns comprados em Londres, outros recentemente descobertos na biblioteca de Alderburne Park.

Em Londres, ela conseguira convencer Letty a acompanhá-la, não somente a uma livraria em Saint James Street, mas também ao British Museum.

Dorinda devia ter doze anos quando percebeu pela primeira vez que era inteligente. Esse conhecimento lhe foi dado, indiretamente, por sua preceptora ao dizer ao conde, sem saber que a aluna a escutara:

— O problema, Lorde, é que não há muito mais que eu possa ensinar a Lady Dorinda! Ela é tão inteligente que percebe as coisas no ar e compreende o assunto quase sem me dar tempo para explicações. É uma grande tragédia que ela não seja um menino.

Dorinda achou falta de tato da preceptora fazer tal comentário a seu pai. O conde, entretanto, retrucou:

— Miss Greenway, suponho que a senhora esteja querendo insinuar que Dorinda deve ter preceptores especiais?

— Acho que, com a inteligência dessa moça, seria lamentável que reduzíssemos sua educação ao pouco que posso ensinar-lhe — respondeu Miss Greenway. — Quando me empregaram, expliquei à condessa que minha capacidade era limitada...

O conde não respondeu e Miss Greenway prosseguiu:

— Eu ficaria muito triste por deixar Alderburne Park, mas tenho obrigação de lhe dizer a verdade: Dorinda precisa de uma preceptora mais experiente, alguém que possua mais conhecimentos do que eu.

— Homem nenhum quer uma esposa inteligente — respondeu o conde, com uma nota de irritação na voz. — Estou muito satisfeito com o modo como a senhora tem ensinado minhas filhas, Miss Greenway, e não tenho a menor intenção de perder tempo e dinheiro numa educação desnecessária.

Fez uma pausa antes de continuar:

— Uma mulher precisa apenas aprender o indispensável para ser uma boa esposa e uma boa mãe. Qualquer outro conhecimento pode ser adquirido do esposo, quando tiver um.

O conde saiu da sala de lições quando Dorinda entrava pela outra porta. Olhando para Miss Greenway, a moça notara vestígios de lágrimas em seus olhos.

— Fiz o que pude por você, Dorinda, mas falhei — dissera a preceptora. — Você vai ter que se instruir sozinha.

Por intermédio de Miss Greenway Dorinda aprendeu que os livros podem não apenas

abrir a mente a novos horizontes, mas também proporcionar distração e conforto.

Quando finalmente compreendeu que nada podia ser feito pela sua doença, Dorinda voltou-se para os livros e neles encontrou um meio eficaz de esquecer o mundo, para o qual sua infelicidade nada significava.

Um dos especialistas da Harley Street, depois de examinar Dorinda, tinha dito à condessa:

— Sempre achei que os portadores de eczema são criaturas extremamente inteligentes. Acredito que Júlio César deve ter tido toda a vida essa doença.

— Júlio César era um homem — comentou Dorinda, calmamente.

O especialista não retrucou, mas a jovem sempre recordava suas palavras e nelas encontrava uma pequena consolação. E, desde então, procurou dedicar-se com afinco aos estudos, a fim de desenvolver cada vez mais seus conhecimentos.

Antes de mais nada, porque lhe dava prazer, procurou aprender tudo o que podia a respeito de cavalos: corridas, criação, treinamento e pedigrees.

Era a única pessoa da casa com quem o pai conversava realmente, confiando suas esperanças e ambições e à procura de consolo quando seus cavalos perdiam.

Normalmente, a conversa ao jantar versava sobre esporte, mas, certa vez, o conde recebeu um eminente senador americano, o que fez Dorinda ler a história completa dos Estados Unidos.

Em várias ocasiões, diplomatas da Europa visitaram Alderburne Park e Dorinda transformou-se numa enciclopédia viva dos costumes dos respectivos países e da genealogia dos reis.

Havia outros assuntos que lhe interessavam. Dorinda achava os pássaros fascinantes, mas depois de se aprofundar em leituras a respeito da construção de seus ninhos, suas migrações, seu modo de vida, começou a achar insuportável a idéia de matá-los por esporte.

A jovem estudava regularmente a situação política e era a única pessoa em Alderburne Park que lia o “Times” e achava assuntos de interesse nas revistas que seu pai recebia apenas por seu noticiário sobre corridas de cavalos.

Agora, em sua cabina do “Osaka”, ela examinou um a um os livros que tinha levado, todos relativos à cultura chinesa. Havia um livro sobre jade, outro sobre cerâmica chinesa e alguns dedicados à pintura chinesa. Dorinda os tinha encontrado com grande dificuldade e quando o funcionário da livraria os exibira, a moça ficara horrorizada com o seu preço. Mas, abrindo mão de dois vestidos, tinha conseguido comprá-los.

Além do mais, na biblioteca de Alderburne Park, tivera sorte de encontrar dois livros referentes à história da Península Malaia.

Dorinda tocou os livros gentilmente e, só de olhá-los, sentia-se alegre.

Havia neles tantos assuntos de interesse! Tantas novidades para aprender e compreender!

Dorinda tinha visitado as salas chinesas do Museu Britânico, observado as pinturas longilíneas e descoberto que, de algum modo inexplicável, tudo tinha para ela uma significação especial. A inexplicável afinidade que experimentara por aquelas obras de arte era algo que a jovem não conseguia traduzir em palavras.

Dir-se-ia que elas tentavam contar-lhe alguma coisa, algo que talvez estivesse meio esquecido no fundo de sua memória, ou fizesse parte de um conhecimento secreto que apenas

esperava o momento de revelar-se.

Com certo esforço, a moça começou a desfazer as malas, pois os livros arrumados sobre a mesa eram uma tentação quase irresistível. Dorinda mal conseguia esperar o momento de poder começar a lê-los... e descobrir todas as revelações que eles continham.

Mesmo a excitação de estar a bordo de um navio diminuía muito de intensidade diante da idéia de que os livros guardavam algo que ela precisava saber.

Após arrumar a cabina, Dorinda vestiu a capa que comprara para a viagem e subiu ao convés. O navio se deslocava em direção ao mar alto, mas ainda havia terra à vista.

Era uma tarde cinzenta e fria, que parecia prometer neve ou chuva, a julgar pelo céu ameaçador. Dorinda olhou as ondas deslocadas pelo movimento do navio e respirou fundo.

Tinha começado a grande aventura. Ela ia cruzar o mar, rumo a Cingapura.

“E o que mais?” — a jovem não pôde deixar de pensar.

No íntimo, ela sabia a resposta, mas, como um animal assustado, não queria tomar conhecimento dela.

A verdade, entretanto, era mais forte, Dorinda foi obrigada a encará-la.

Queria rever Maximus Kirby. Sim, queria tornar a vê-lo. Era o maior desejo de sua vida...

\* \* \*

O mar tornou-se especialmente bravio quando o navio atingiu o Canal da Mancha. O tempo piorou e o mar, cada vez mais tempestuoso, dificultava o avanço do navio para o sul, em busca da costa da França.

Letty imediatamente começou a enjoar e, muito assustada, queixou-se:

— Sei que esse navio... vai afundar! Todos nós acabaremos... no fundo do mar...

Durante três dias e noites, Dorinda não saiu de sua cabeceira. Então, o médico de bordo interveio.

— Não pode continuar assim, Miss Hyde — disse ele a Dorinda. — Pedirei a alguém para lhe ajudar a assistir Lady Lettice, do contrário vou acabar tendo duas doentes para cuidar...

— Estou bem, Dr. Johnson — respondeu Dorinda.

— Quantas horas dormiu à noite passada? — perguntou o médico.

E, como Dorinda não respondesse, acrescentou:

— Não quero discutir com a senhorita, Miss Hyde. Já falei com a Irmã Teresa e ela vai ajudá-la. Nós a conhecemos bem nesta linha. É uma mulher maravilhosa e muito respeitada na parte do mundo para onde vamos.

— É uma enfermeira? — indagou Dorinda.

— É uma missionária — respondeu o médico. — Não sei se tem tido êxito na conversão dos nativos ao cristianismo, mas é uma excelente pessoa, além de boa enfermeira. Quando necessário, é tão competente quanto qualquer médico...

Dorinda não duvidou das palavras do médico, quando conheceu a Irmã Teresa, uma mulher de mais ou menos quarenta anos que inspirava confiança. No hábito negro e véu branco, seu sorriso afetuoso e seus olhos brilhantes se destacavam.

— O doutor me disse que a senhora tem tido problemas com Lady Lettice — disse a

freira a Dorinda. — Bem, deixe-me ajudá-la um pouco.

— É muita gentileza de sua parte — respondeu Dorinda. — Mas é difícil conquistar a simpatia de Lady Lettice...

— Não se preocupe — disse a missionária, calmamente.

E, para sua surpresa, Dorinda descobriu que Letty simpatizou com a Irmã Teresa à primeira vista. Achou maravilhoso que ela, de repente, passasse a obedecer à Irmã Teresa, aceitando sem o menor protesto, os seus remédios.

Além de aliviar-lhe as preocupações, o auxílio de Irmã Teresa ainda lhe permitia algumas horas de leitura. Mas era impossível praticar um pouco de exercício com o navio jogando o tempo todo.

Apesar disso, Dorinda foi ao convés no segundo dia e sentou-se no sofá do salão, concentrando-se inteiramente no livro que tinha nas mãos.

E, quando deixaram a Baía de Biscaia, navegando em direção às águas mais calmas do Mediterrâneo, era evidente que Letty se sentia perfeitamente à vontade na companhia da Irmã Teresa, parecia até disposta a ler um livro, coisa em que Dorinda jamais conseguira interessá-la.

— Sou-lhe muito grata, Dr. Johnson — disse Dorinda ao jovial e sempre bem-humorado médico, que ela descobrira ser mesmo uma personalidade de destaque nas linhas P. & O.

— A Irmã Teresa é uma criatura admirável — respondeu o médico. — Ela sempre consegue realizar o que se propõe. E, a propósito, Miss Hyde, agora não há mais desculpas para que a senhora não venha fazer as refeições no Salão de Jantar.

Dorinda pareceu pouco à vontade.

— Prefiro comer sozinha, doutor — respondeu a jovem, depois, pensando consigo mesma que o médico devia ter tido o tato de compreender que ela não queria ser vista.

— Bem, a senhorita é que sabe...

Aquela noite, a Irmã Teresa pediu a Dorinda que fosse à cabina de consultas do médico buscar um remédio preparado para Letty.

— E uma poção para o estômago de Lady Lettice — explicou a missionária. — Eu disse ao doutor esta manhã que estávamos terminando o frasco.

— Vou buscar — respondeu Dorinda.

A jovem foi à cabina onde o médico normalmente examinava seus pacientes, mas não encontrou ninguém. Um camareiro, ao vê-la bater à porta, informou que o médico devia estar no gabinete do comissário de bordo.

Dorinda dirigiu-se ao convés superior e bateu à porta do gabinete indicado. Quando esta se abriu, ela viu o Dr. Johnson sentado numa poltrona com um copo na mão.

— Entre, Miss Hyde — disse o médico, jovialmente levantando-se de sua poltrona. — A senhorita ainda não teve a oportunidade de ser apresentada ao nosso comissário de bordo... mas ele estava ansioso para conhecê-la.

Dorinda olhou um pouco surpresa o comissário, um homem alto de uns cinqüenta anos.

— Ele está curioso a respeito de sua missão — sorriu o médico. — Como pode imaginar, o navio inteiro só fala nisso.

— Em Lady Lettice? — indagou Dorinda.

— E em quem mais? — indagou o doutor. — A futura esposa de Maximus Kirby! Ele é o homem mais importante de Cingapura, como a senhorita deve saber.

— Acho que preciso voltar à cabina — falou Dorinda, sentindo-se constrangida. — Vim

apenas buscar o remédio que o senhor prometeu à Irmã Teresa.

— Ora, vamos, Miss Hyde — disse o médico. — Não vai conseguir fugir tão depressa assim. Como médico deste navio, vou lhe passar também uma receita: a senhorita está precisando de um gole de Madeira e uma conversa informal. Desde o começo da viagem tem se mostrado muito pouco social...

Dorinda tentou inutilmente protestar.

Ela não podia se opor à amabilidade do Dr. Johnson nem recusar o copo de Madeira que o comissário lhe estendia.

Lembrou-se também de que aqueles dois homens podiam falar-lhe sobre Maximus Kirby e deviam ter muito a dizer a esse respeito.

— Como conheceu o Grande Max? — indagou o médico.

— Eu não o conheci — respondeu Dorinda, sinceramente. — Mas é assim que todos o chamam?

— Muitas pessoas em Cingapura o chamam de Todo-Poderoso — riu o comissário. — E é uma descrição adequada. Ele governa a região com mão de ferro em luva de veludo e não há um chinês que não se curve para limpar-lhe as botas se ele assim ordenar.

— Por que é tão admirado? — perguntou a jovem.

— Primeiro, porque ele lhes deu prosperidade — disse o médico. — Segundo, porque Kirby é o tipo do homem que eles gostariam de adorar.

— Como é ele? — indagou Dorinda.

Os dois homens se entreolharam e riram.

— Descreva-o, você — disse o médico ao comissário de bordo.

— Não posso — confessou o comissário. — Suponho que “fantástico” seria uma descrição adequada.

— Tente também “fabuloso”, “soberbo”, “autocrata”, “poderoso”... e concordarei — riu o médico.

— Gostaria de saber se Lady Lettice conhece a espécie de homem que vai desposar... — disse o comissário. — Qualquer mulher no mundo faria o impossível para estar em seu lugar...

Dorinda olhou os dois homens com apreensão.

Percebia agora que eles só falavam francamente na sua presença porque a supunham apenas dama de companhia de Lady Lettice. Além do mais, a jovem sempre percebera que, justamente por causa de sua doença, poucas pessoas a tratavam como uma moça comum.

Recebera tantas confidências, ouvira tantos segredos de pessoas normais, de todas as espécies e condições, simplesmente porque, de um modo estranho, todos pareciam julgá-la diferente e assim estavam sempre inclinadas a contar-lhe coisas que normalmente não diriam a outros.

Todos os aldeões de Alderburne a tinham tomado alguma vez como confidente e até os criados da mansão a consideravam uma amiga.

— Como é a noiva? — indagou o comissário de bordo.

— Maravilhosa! — respondeu o médico. — Nunca vi uma moça tão bonita. Você não precisa se preocupar com as mulheres de Cingapura. Nenhuma delas chega aos pés de Lady Lettice.

Dorinda sorriu.

— Fico muito satisfeita em ouvir isso, doutor.



— Mas ela vai precisar de algo mais que beleza para prender o Max — observou o comissário.

— Que quer dizer com isso?

— Bem, o Dr. Johnson e eu conhecemos, nos últimos anos, um grande número de pretendentes a Max — respondeu o comissário, tomando um gole de uísque.

— Isso é verdade — afiançou o médico.

— Lembra-se da Pérola Perfeita? Minha nossa, como Max gastou dinheiro com aquela mulher!

— Aposto como ela valia — retrucou o comissário de bordo. — Que mulher maravilhosa! E o nome lhe fazia justiça...

— Quem era ela? — indagou Dorinda, tentando disfarçar a surpresa.

— Uma chinesa — explicou o médico. — Max a encontrou em Hong Kong. Nunca se viu uma mulher tão exótica...

— E Max não poupou dinheiro. Dava-lhe pérolas do tamanho de ovos de passarinhos... Muitas vezes me perguntei como um pescoço tão frágil podia suportar o peso daquelas pérolas...

— Para Goldie foram diamantes... — lembrou o doutor.

— Goldie! — o comissário sorriu. — Será que poderemos um dia esquecer aquelas festas? Meu Deus, como eram divertidas! Lembra-se daquela que durou três dias? Quando finalmente voltei ao navio, pensei que minha cabeça estava separada do pescoço!

— Quem era Goldie? — perguntou Dorinda, baixinho.

— Uma australiana — respondeu o médico. — Bela garota... seu cabelo parecia de ouro. A pele era branca, lisa e o riso soava como um toque de sinos.

— Que aconteceu a essas moças? — indagou Dorinda.

— Max cansou-se delas — respondeu o comissário de bordo. — Ele se cansa facilmente. É um aventureiro, sempre procurando novidades, sempre em busca de novas terras para conquistar.

— Ele parece nunca encontrar muita oposição — comentou o médico, maliciosamente.

O comissário lançou um olhar para Dorinda.

— O que estamos tentando descobrir, Miss Hyde, é se Lady Lettice vai ser uma boa esposa para Max e se conseguirá prendê-lo ao lar.

— Acho que é isso o que ele deseja — disse o médico.

— Max, preso ao lar? — riu o comissário. — Só acreditarei vendo!

— Acho que ele quer imitar seu ídolo, Sir Thomas Raffles. Se você se lembra, Raffles teve uma esposa notável, que o apoiou, encorajou e inspirou a vida toda.

— Talvez você tenha razão — concordou o comissário, muito sério. — Seria muito próprio de Max tentar um novo estilo de vida, trazendo para Cingapura uma esposa que vai eclipsar todas as mulheres que ele conheceu.

— Lady Lettice será certamente uma das maiores beldades que Cingapura já viu — comentou o médico, pensativamente.

Enquanto o Dr. Johnson falava, Dorinda se perguntava se ele chegara a perceber quão infantil era Letty. As palavras seguintes do médico a fizeram pensar que o subestimara.

— A mulher certa poderá fazer muita coisa por Max — continuou ele, lentamente — mas terá que ser a mulher certa.

— Pelo que sabemos, é exatamente isso que temos a bordo! — disse o comissário, entusiasticamente. — Vamos beber em homenagem a Lady Lettice, Miss Hyde. Depois, encho de novo seu copo.

— Não, obrigada, não posso beber mais que isso. Obrigada, doutor, mas peço licença para me retirar. Preciso voltar à minha cabina.

Dorinda olhou o médico com firmeza, como se tentasse fazê-lo perceber que ela de fato precisava retirar-se. O Dr. Johnson se levantou da confortável cadeira que ocupava.

— Levarei o remédio à cabina de Lady Lettice, Miss Hyde — disse ele.

— Obrigada, doutor — respondeu Dorinda, e voltando-se para o comissário de bordo, acrescentou: — E muito obrigada por sua hospitalidade.

— Venha visitar-me sempre que se sentir solitária — disse ele. — Poderemos organizar uma festinha quando o mar estiver suficientemente calmo.

— É muita bondade sua — respondeu Dorinda — mas nunca vou a festas.

O comissário de bordo não tentou argumentar e Dorinda compreendeu que ele tinha percebido as razões de sua recusa em participar de reuniões sociais.

A jovem voltou à sua cabina, e começou a pensar em tudo o que tinha ouvido. Ela agora estava quase certa de que não somente o casamento de Letty seria um desastre, como — nas palavras que seu próprio pai teria usado — o conde estava vendendo um “animalzinho de estimação” a Maximus Kirby.

Kirby não devia saber que Letty era tão tola e infantil, pois sempre a vira em Alderburne Park, em companhia dos pais. E como todos os seus antecessores, talvez tivesse tomado por timidez o silêncio de Letty.

Dorinda não ignorava que o pai tinha procurado mostrar Letty sob os mais favoráveis aspectos. A irmã realmente apreciara o presente dos periquitos, e devia ter parecido a Kirby uma doce e amável criatura, qualidades sem dúvida exigidas pelo rapaz para a sua futura esposa.

Dorinda se perguntou o que ele sentiria ao ver quão difícil, caprichosa, ignorante e obstinada Letty podia ser e como era impossível para ela discutir os assuntos mais corriqueiros da vida cotidiana.

Seria sua beleza suficiente, perguntava-se Dorinda, quando ela precisasse servir de anfitriã para as altas autoridades que freqüentemente o procuravam em Cingapura?

Como ficariam as relações entre ambos quando ela quisesse passar o dia brincando com um gatinho ou observando os pássaros com ar de tédio quando ele pretendesse falar-lhe sobre seus planos e ambições?

— Preciso fazê-la compreender como deve agir — disse Dorinda a si mesma, desesperadamente, perguntando-se ao mesmo tempo se alguém jamais recebera missão tão difícil para tão curto tempo.

A jovem entrou na cabina de Letty e encontrou a Irmã Teresa sentada à cabeceira da irmã, lendo em voz alta. Ao ver Dorinda, a missionária interrompeu a leitura.

— Conseguiu o remédio, Miss Hyde? — indagou ela.

— O médico vai trazê-lo dentro de alguns momentos — respondeu Dorinda.

— Você está nos interrompendo, Dorinda — protestou Letty. — Continue, Irmã Teresa. Quero saber como termina a história.

Havia um queixume na voz de Letty. Em breve, se contrariada, ela romperia em

lágrimas.

Dorinda sorriu.

— Por favor, não se interrompa — disse à Irmã Teresa — Esperarei na saleta.

Minutos depois, ouviu baterem à porta e o doutor entrou.

— Como está a nossa paciente? — indagou ele.

— Absorvida num livro que a Irmã Teresa está lendo para ela — respondeu Dorinda. —

A menos que o senhor ache importante, é melhor não interrompê-la. Nunca vi Letty se tornar tão amiga de alguém em tão pouco tempo...

— Eu lhe disse que a Irmã Teresa tem um toque mágico — sorriu o médico. — Logo teremos Lady Lettice de pé novamente.

— Sou-lhe muito grata, doutor.

— A senhorita se comporta como mãe extremosa para essa moça — comentou ele. — Conhece-a há muito tempo?

— Oh, sim, a vida toda...

— Isso é uma coisa maravilhosa — disse o médico. — Bem, ela tem sorte por tê-la encontrado.

— E por ter encontrado também a Irmã Teresa.

— Tem razão — riu o Dr. Johnson. — Foi uma sorte ela estar neste navio. Eu não devia dizer-lhe isso, mas o capitão e o comissário de bordo já estavam em pânico só em pensar que Lady Lettice podia adoecer seriamente... o que atrairia sobre nossas cabeças a ira do Poderoso Max...

Dorinda riu.

— Ele é tão importante assim?

— Muito mais.

O médico hesitou por um momento e, depois, acrescentou:

— Espero que a senhorita não tenha ficado chocada com o que conversamos ainda há pouco. Na verdade, não foi uma conversa que se devesse travar diante de uma jovem educada.

— Não se preocupe com o que foi dito na minha presença — declarou Dorinda.

— Acho que desejávamos apenas deixar claro para a senhorita que Maximus Kirby é uma pessoa realmente excepcional. E todos esperam que a mulher que ele escolheu para esposa também o seja.

Dorinda ficou em silêncio por um momento e, depois, perguntou:

— Doutor, o senhor está sugerindo que Lady Lettice não é a esposa ideal para ele?

O médico não respondeu imediatamente. Após alguns momentos, declarou, devagar:

— Não estou fazendo pré-julgamentos, Miss Hyde. Lady Lettice é uma das moças mais bonitas que já vi em minha vida — talvez a mais bonita de todas — mas não posso deixar de me perguntar o que mais ela possui para oferecer ao grande Max...

## CAPÍTULO 3

— LADY Anson envia seus cumprimentos e manda dizer que ficará muito honrada se Lady Lettice Burne a visitar em sua cabina.

O camareiro repetiu a mensagem quase sem respirar, com medo de esquecer alguma

palavra.

Dorinda, que pusera o livro de lado para ouvi-lo, sorriu.

— Por favor, agradeça a Lady Anson por sua gentileza e diga-lhe que, infelizmente, Lady Lettice Burne ainda não se encontra suficientemente recuperada para sair de seus aposentos ou receber visitas.

— Sim, senhorita.

O camareiro saiu da cabina e Dorinda voltou ao livro.

Aquela troca de recados tornara-se um acontecimento diário desde que o mar ficara mais calmo. Dorinda percebia que Lady Anson fazia o melhor possível para parecer uma boa companheira de viagem, embora ela própria se encontrasse em muito más condições de saúde desde a partida do navio.

E Letty não queria ver ninguém a não ser a Irmã Teresa.

Não somente os enjoos causados pela viagem, mas os acontecimentos anteriores — a saída da casa para um casamento que ela absolutamente não desejava — concorriam para que a jovem experimentasse uma profunda debilidade física e psíquica.

— Não tente fazê-la reagir — aconselhou o Dr. Johnson a Dorinda. — Deixe-a descansar. Tenho certeza de que ela se sentirá melhor quando encontrarmos o sol.

Falava como se o sol fosse remédio para todas as doenças, mas Dorinda não acreditava que o tempo ou clima pudessem modificar a atitude de Letty.

Entretanto, a moça sentia-se sinceramente grata à Irmã Teresa pela ajuda efetiva que prestava a Letty. Já não precisava levantar-se mais que uma ou duas vezes por noite e estava feliz porque tinha tempo para ler.

Agora que o mar estava calmo, ela começou a fazer exercícios de manhã cedo, quando o convés estava praticamente deserto e apenas os ardentes aficionados de cultura física por ele caminhavam, centenas de vezes, pelo menos duas vezes ao dia.

Dorinda percebeu que a maioria dos passageiros era meio insípida.

Havia plantadores de borracha e suas mulheres, seguindo para a Malásia pela primeira vez na vida, funcionários que deixavam a Inglaterra para ocupar diversos postos na Companhia das Índias Ocidentais e um grande número de homens de negócios que passavam a maior parte do tempo sentados no bar ou no salão de fumar.

Dorinda não achava tedioso ter tão poucas pessoas com quem falar, pois gostava da Irmã Teresa e achava muito agradável a sua companhia.

A missionária entrou na saleta, fechando atrás de si a porta da cabina de Letty.

— Ela está dormindo? — perguntou Dorinda.

A missionária assentiu, com um gesto de cabeça.

— Quer tomar um refresco?

— Oh, não, obrigada — respondeu a Irmã Teresa. — Hoje é sexta-feira, um dos meus dias de jejum.

— Mas a senhora come alguma coisa, naturalmente.

— O menos possível — retrucou a missionária. — Acho que tenho comido demais a bordo, onde as refeições são sempre regulares e muito fartas para o meu hábito...

— Fale-me do seu trabalho — pediu Dorinda.

A missionária sentou-se em uma das confortáveis poltronas, mas Dorinda notou que ela o fazia de um modo reto e empertigado, como se estivesse determinada a manter sempre a

autodisciplina.

— Trabalhei nos Estreitos da Malásia durante doze anos — respondeu a Irmã Teresa. — Antes disso, estive na Índia.

— E agora a senhora está em Cingapura?

A missionária sacudiu negativamente a cabeça.

— Não — respondeu ela. — Ajudei a construir as Escolas da Missão Católica em Cingapura e fui depois transferida para Sarawak. Há muita coisa a fazer lá. Inaugurei uma escola para crianças e também um pequeno hospital, que era muito necessário.

— Ouvi dizer que existem caçadores de cabeça em Sarawak. A senhora não tem medo? — indagou Dorinda.

A Irmã Teresa riu.

— Asseguro-lhe que eles não vão cortar a minha cabeça — respondeu ela. — E, como você deve saber, Sarawak tem um rajá branco, Sir Charles Brooke, muito generoso com os missionários e ao qual sempre podemos recorrer nos momentos de dificuldade.

— Lamento muito que a senhora não vá ficar em Cingapura — declarou Dorinda.

Estava pensando na falta que a missionária ia fazer a Letty e como seria confortador saber que havia naquela cidade alguém que gozava da sua estima e confiança.

— Ficarei em Cingapura umas duas ou três semanas — disse a Irmã Teresa. — E posso apresentá-la ao nosso Prior, Padre Pierre Paris, muito estimado na cidade.

A freira sorriu e acrescentou:

— Todo mundo em Cingapura logo o reconhece quando ele caminha pelas ruas com uma sombrinha chinesa numa das mãos e uma bengala na outra.

Dorinda riu.

Ela podia bem imaginar como um padre católico em sua longa batina preta, carregando uma sombrinha chinesa, devia parecer esquisito.

— A maioria das crianças que vocês ajudam é chinesa?

— Há pelo menos vinte e oito nacionalidades diferentes em Cingapura — respondeu a Irmã Teresa. — Mas, no momento, existem cerca de oito mil chineses, que constituem a grande maioria dos habitantes.

— Tantos assim?

— Cingapura é uma comunidade em desenvolvimento — respondeu a missionária. — Você logo vai perceber essa verdade.

— Eu gostaria de agradecer-lhe — disse Dorinda, em voz meiga — por tudo o que fez por Lady Lettice.

Hesitou por um momento e depois perguntou:

— A senhora me ajudaria a fazê-la compreender quanto é importante sua colaboração no trabalho do Sr. Kirby e em tudo o que ele está tentando empreender em benefício da colônia?

— Você conhece o Sr. Maximus Kirby? — indagou a Irmã Teresa.

— Não — respondeu Dorinda. — Mas ouvi muitos comentários a seu respeito.

— Ele é uma pessoa muito especial — disse a Irmã Teresa, lentamente, como se procurasse cada palavra. — Tem um caráter forte, decidido e é muito admirado em Cingapura.

— Ouvi dizer... — começou Dorinda. Mas antes que terminasse de falar, a Irmã Teresa tinha se levantado e, sem dizer mais nada, saíra da cabina.

Dorinda ficou olhando para a porta que se fechara atrás da missionária.

Tinha a incômoda impressão de que a freira lhe falara intencionalmente. Estaria ela pretendendo alertá-la sobre o que Kirby esperava de Letty ou tentava lhe dizer que não achava Letty a pessoa indicada para ele?

— Que posso fazer? — perguntou a jovem a si mesma.

Dorinda começava a pensar que o navio, movendo-se depressa demais, a estava arrastando para uma situação que ela não podia enfrentar e para a qual certamente não achava solução.

Atravessou a saleta e silenciosamente abriu a porta da cabina de Letty. A irmã estava dormindo e, imóvel, Dorinda ficou a contemplá-la, pensando que provavelmente não havia no mundo moça mais bonita.

Letty parecia uma princesa de contos de fada, com seus belos cabelos espalhados pelo travesseiro, as bem desenhadas sobrancelhas sobressaindo na pele clara e o perfeito contorno da boca.

— Ninguém pode parecer mais romântica ou mais feminina — disse Dorinda, baixinho, para si mesma.

Então, em pensamento, reviu o rosto atraente de Maximus Kirby, o rosto, sem dúvida, de um homem de ação. Um homem de caráter e personalidade, como dissera a Irmã Teresa. Um homem que exigiria da vida o que quisesse e certamente obteria.

Insensivelmente, Dorinda começou a rezar para que, de algum modo, Letty pudesse fazê-lo feliz.

Seria possível que duas pessoas tão diferentes, e com tão pouco em comum, fossem capazes de viver juntas?

Com um profundo suspiro a jovem recordou como Letty era indefesa e egocêntrica.

Voltou para sua cabina e apanhou o livro, mas não conseguia ler. Foi até a vigia e viu o sol brilhando sobre o mar, um mar agora tão manso que era difícil acreditar naquela feroz agitação de poucas horas atrás.

Aquela tarde, quando a Irmã Teresa ficou com Letty, Dorinda foi até o convés.

Era gostoso descobrir que, apesar de já ser noite, ela não precisava usar um casaquinho sobre o vestido. O céu estava estrelado e, embora não tão quente quanto durante o dia, a temperatura ainda estava bastante abafada. Uma temperatura morna e úmida que fizera Letty reclamar durante vários dias.

— É que ainda estamos no Mar Vermelho — tinha dito a Irmã Teresa. — Vai melhorar quando chegarmos ao Oceano Índico.

“Pois eu gosto”, pensara Dorinda.

E era verdade. A jovem tinha descoberto que aquele ar úmido a livrara do resfriado crônico que sofria no inverno. Não mais sentia as narinas congestionadas nem a dor de cabeça na altura das têmporas. E respirava melhor, o que era um alívio inesperado.

— Todos ficam resfriados no inverno — disse-lhe a mãe, certa vez. — Portanto, não pense que você é uma exceção.

— E não penso mesmo, mamãe. Só mencionei o fato porque me sinto tão mal...

— Não posso fazer nada! — interrompeu a condessa, com frieza.

Dorinda tinha se sentido magoada com a indiferença da mãe, mas, de certa maneira, a compreendia. Letty vivia reclamando de tudo e a condessa, que sofria de reumatismo durante todo o inverno, tinha padecimentos bastantes para não precisar ouvir as dores alheias.

Seu pai, entretanto, tinha sido muito mais compreensivo.

— Experimente um pouco do meu rafe, Dorinda — dissera ele. — Eu o uso quando estou resfriado e me sinto muito melhor.

Dorinda fez o que ele sugeria, mas o resfriado pareceu piorar. Ela achava que o problema talvez fosse causado pelo eczema que lhe desfigurava o rosto e não se tratasse de um resfriado comum.

E, se assim era, nada havia a ser feito. Dorinda passara grande parte de sua vida tomando remédios para a doença e sabia quão ineficazes eles tinham se revelado.

Agora, enquanto observava o mar, a jovem respirou fundo e notou que seu nariz estava muito melhor.

Caminhou pelo convés, procurando os lugares menos freqüentados e, ao ouvir risos provenientes do salão de fumar, compreendeu onde os passageiros, que ainda não tinham se recolhido, procuravam se divertir.

Ouvindo aquelas vozes e risos masculinos, Dorinda pensou que conhecia muito pouco os homens e sabia ainda menos a respeito deles.

E, no entanto, de algum modo, com os problemas que tentara resolver na vila e das confidências recebidas dos muitos empregados de Alderburne Park, ela sentia que conhecia bastante a natureza humana.

E o fato de algumas pessoas se vestirem melhor e viverem melhor, não as tornava menos humanas.

Todas nasciam e morriam, todos ansiavam pela felicidade, do mais humilde escudeiro ou cavaleiro, ao mais poderoso imperador.

Dorinda invejava a Irmã Teresa.

A missionária tinha dedicado sua vida à ajuda do próximo e, Dorinda tinha certeza, ela estava completamente segura de que em sua religião podia encontrar a resposta correta para qualquer problema.

Era evidente a fé que inspirava a Irmã Teresa. Podia ser percebida na expressão de seus olhos, no seu modo de falar, ou, quando não estava lendo para Letty, no movimento dos seus dedos em busca das contas do rosário.

— Tenho certeza de que suas preces ajudarão Letty — disse Dorinda a si mesma. — Talvez ela consiga um milagre e Letty se torne normal como a maioria das pessoas. Talvez o casamento a ajude a modificar-se.

Dorinda tentou imaginar a irmã como esposa e mãe, mas não o conseguiu.

“Tudo vai dar certo”, pensou, otimista.

Mas tinha de admitir para si mesma que, quando se preocupava com o futuro, não pensava apenas na felicidade de Letty, mas também na de Maximus Kirby.

Ela queria que o rapaz fosse feliz.

Achava que ele precisava ser feliz em sua vida particular, pois devia ser duro para um homem ter nos ombros tanta responsabilidade e não encontrar em seu lar a paz e a tranqüilidade.

Dorinda ficou olhando as estrelas ainda por algum tempo e, de repente, pensou como seria maravilhoso se estivesse no lugar de Letty, prestes a se casar com o homem mais atraente que já vira.

Sabia que, se esse devesse ser o seu destino, estaria naquele momento lhe enviando os

seus pensamentos, certa de que eles atravessariam o oceano e chegariam até ele. Imaginou que conversava com Maximus Kirby, e, de súbito, sem que pudesse evitar, que ele a tomava nos braços. Afastou a idéia com temor, ao ver até que ponto tinha sido levada pela imaginação.

— Como posso sequer pensar numa coisa dessas? — perguntou a si mesma.

Depois, com um sorriso triste, lembrou-se de que os sonhos são inofensivos.

Não estava sendo desleal com Letty, pois nenhum mal havia em sonhar com Maximus Kirby. Ele nunca saberia de nada e, quando ela estivesse de volta à Inglaterra, seus sonhos seriam o único consolo de sua vida.

“Apesar de tudo, tenho muita sorte”, pensou Dorinda, sabendo que nada podia impedir a excitação que a lembrança de Kirby, e a certeza de vê-lo brevemente lhe despertavam. Desde que o vira, chegando a Alderburne Park, sentira-se inteiramente enfeitiçada por ele.

— Vou vê-lo de novo! — murmurou consigo mesma.

E lhe pareceu que aquelas palavras de repente criavam asas, atravessavam o oceano e iam ao encontro de Maximus Kirby que aguardava sua futura esposa.

\* \* \*

Na manhã seguinte, Dorinda levantou-se cedo para dar seu passeio pelo convés...

Sempre havia ruído no navio. Além do barulho dos motores e do vento nos mastros, ouviam-se os passos apressados dos marinheiros pelo convés na execução das ordens firmes do comando.

Freqüentemente Dorinda ouvia música vinda da terceira classe. Alguns passageiros deviam estar dormindo no convés, agora que o tempo aquecera.

Dorinda gostava dos ruídos. Faziam-na recordar os chilreios dos pássaros que a acordavam em Alderburne Park.

Depois de lavar o rosto, trocou de roupa, ansiosa pelo passeio no convés. Por alguma razão que não sabia explicar, sentia-se especialmente feliz.

Escolheu um dos seus melhores e mais novos vestidos, cujos enfeites brancos suavizavam o cinzento do tecido. Não era necessário usar um casaquinho ou um xale, como o fizera nas últimas manhãs, pois o dia estava quente como na tarde anterior e Dorinda sabia que a temperatura se elevaria quando o sol aparecesse. Letty ia achar, como um grande número de passageiros, que o calor era intolerável.

Dorinda terminou de vestir-se e sentou-se por um momento diante da penteadeira de sua cabina para prender o cabelo.

Seu cabelo era sempre liso e baço, e ela nada podia fazer para melhorar sua própria aparência, a não ser conservá-lo preso em coque.

Não adiantava tentar imitar Letty, pois o cabelo da irmã era ondulado e ela o usava com uma franja na testa e preso no alto da cabeça, como uma coroa.

Desde criança, Dorinda sempre tentara conseguir que ele ficasse um pouco ondulado, mas jamais tivera êxito. Sua babá costumava enrolar seu cabelo com papélotes, todas as noites, antes de levá-la para o leito. Era um processo extremamente desconfortável, mas a jovem crescera conservando o hábito, apesar da ineficácia do método.

Cinco minutos depois de exposto ao ar, o cabelo enrolado voltava a ficar liso e sem vida. Nada o fazia mudar.



— Sempre tive belos cabelos — costumava dizer a condessa, ressentida. — E os de seu pai são também brilhantes e bonitos. Não sei a quem você saiu.

Dorinda não tinha resposta para aqueles comentários. Com o tempo, passava apenas a preocupar-se em manter o cabelo preso.

Agora, diante da penteadeira, a jovem escovou-o automaticamente, em movimentos rápidos, porque tinha pressa em ir para o convés. Juntou o cabelo na nuca, prendendo-o num coque com os grampos e deu um último olhar ao espelho para verificar se ele estava corretamente preso, já meio erguida na cadeira.

Então, espantada, fechou os olhos, e abriu-os de novo para observar o próprio reflexo.

Não podia ser verdade! Devia haver algo errado com aquele espelho!

Apanhou um lenço na penteadeira e passou-o no espelho.

Tornou a olhar-se, com apreensão, temendo estar louca ou sonhando! Aquele rosto no espelho não podia ser o dela! Aquela moça de olhos tímidos, rosto oval e pele lisa, não era, de forma alguma, Dorinda Burne!

Os olhos, verde-acinzentados, pareciam um pouco grandes demais para o rosto sem manchas e, naquele momento, mostravam surpresa.

Seu lábio superior também estava perfeito e o belo desenho da boca era agora bem visível, apesar de um pouco trêmulo.

Com um pequeno grito, Dorinda afastou as mangas do vestido. Os braços estavam limpos, a pele clara. As manchas vermelhas, desfigurantes, tinham desaparecido!

Levantou a saia até os joelhos e baixou as meias. Também as pernas estavam lisas e livres das manchas. Apenas uma ou duas manchas, quase imperceptíveis, ainda eram visíveis nos locais mais atingidos pelo eczema, onde a irritação tinha sido bem acentuada.

— Não pode ser verdade! — exclamou a moça para si mesma.

Tornou a levantar as meias, arrumou o vestido e, correndo, saiu da cabina, atravessando o corredor e descendo a escada para a enfermaria.

Bateu à porta e, como não houvesse logo resposta, bateu de novo.

Sabia que a cabina do médico era contígua e, após alguns momentos, ouviu passos e o médico abriu a porta.

De jaleco e com restos de sabonete num lado do rosto, o doutor, por certo, estava se barbeando quando fora interrompido pelas batidas de Dorinda.

— Que aconteceu, Miss Hyde? Lady Lettice...

— Eu precisava falar com o senhor, doutor — disse a jovem, ofegante. — Olhe... olhe meu rosto. Que se passou? Não compreendo...

Dorinda permanecia no corredor, e estava parcialmente nas sombras, de modo que o médico abriu mais a porta e a moça entrou na enfermaria.

Depois de observar seus olhos grandes, cheios de espanto, o médico sorriu.

— A senhorita conseguiu o melhor remédio do mundo para seu eczema, Miss Hyde.

— Mas... não compreendo... — murmurou a jovem.

— É o ar, minha cara amiga — disse ele. — O ar quente e úmido opera milagres, como a senhorita está vendo.

— Mas não posso acreditar! — exclamou Dorinda, com lágrimas na voz. — É mesmo verdade? O eczema... desapareceu?

— A senhorita pode verificar por si mesma — respondeu o Dr. Johnson. — Já vi o caso

acontecer antes, mas não tão depressa nem de modo tão efetivo...

— Então é verdade! — gritou a moça, sufocada.

Atravessou, depois, a enfermaria em direção à parede onde havia um pequeno espelho.

— É mesmo verdade! — repetiu ela, encantada. — Meu rosto e meus braços...

Sua voz se interrompeu e as lágrimas começaram a rolar pelo rosto.

— São lágrimas de felicidade — comentou o médico, mansamente. — Eu não quis fazer-lhe perguntas antes, mas a senhorita sofria há muito tempo de eczema?

— A vida toda.

— Uma vida nova está então começando para a senhorita. Sente-se, Miss Hyde. O camareiro acabou de trazer o meu café e vou lhe servir uma xícara. Esses acontecimentos algo inesperados sempre causam um choque...

— Eu... estou bem — tentou dizer Dorinda.

Mas estava tão fraca que sentiu-se grata por poder sentar-se na poltrona da enfermaria.

O médico aproximou o carrinho com o café e apanhou as xícaras.

Enquanto Dorinda tomava café, ele examinava seu rosto.

— É sem dúvida, uma das mais surpreendentes transformações que já vi — declarou o Dr. Johnson. — Normalmente, são necessários dois ou três dias para que o clima realize a cura.

— Estive no convés por muito tempo à noite passada — explicou a moça.

— Talvez seja essa a explicação — concordou o médico. — Bem, Miss Hyde, se me permite dizer, a senhorita é agora uma moça muito atraente e sua vida vai sofrer uma grande transformação, não é mesmo?

Dorinda olhou-o bem nos olhos, sem compreender.

— Eu quis dizer que já não há mais razão para que a senhorita permaneça todo o tempo trancada em sua cabina — sorriu o médico. — Todos agora vão gostar de vê-la e a senhorita não se sentirá mais embaraçada por isso.

Dorinda suspirou.

— Não posso acreditar — repetiu a moça, olhando os pulsos. — Estou curada para sempre?

Uma súbita nota de medo vibrava em sua voz.

— Depende — respondeu o Dr. Johnson. — Algumas pessoas nunca se curam de todo e as manchas tornam a aparecer quando voltam aos climas frios e secos, mas normalmente sem a intensidade anterior. Para outras pessoas, no entanto, a cura é definitiva. É algo que a senhorita vai ter que descobrir por si mesma.

— E se as manchas voltarem? — indagou Dorinda.

O médico sorriu.

— Bem, então a senhorita vai ter que passar o resto da vida nesta parte do mundo — retrucou ele. — E não duvido que dentro em breve um bocado de rapazes esteja insistindo para que o faça...

Dorinda colocou a xícara no carrinho.

— Eu... agradeço sua bondade e compreensão.

— Achei que o fato podia acontecer — declarou o Dr. Johnson. — Mas não quis dizer nada para não despertar esperanças que podiam não se confirmar. O eczema é uma das doenças mais imprevisíveis...

— Felizmente, no meu caso, as esperanças depressa se confirmaram...

— Há algo ainda que pode ajudá-la — disse o médico. — Especialmente quanto aos seus cabelos. Friccione a cabeça com óleo de oliva antes de lavá-los. Já vi dar ótimos resultados.

— Obrigada — respondeu Dorinda, os olhos brilhantes de alegria. — Muito obrigada por tudo, doutor. Estou tão contente! Ainda não consigo acreditar que seja verdade! Tenho até medo de me olhar de novo no espelho!

— Mas é exatamente o que lhe sugiro fazer — disse o médico. — Sente-se diante do espelho e conheça bem a nova Miss Hyde. Vai ser uma boa surpresa para a senhorita.

Dorinda sorriu-lhe um pouco timidamente antes de sair correndo da cabina.

Nos seus aposentos, sentou-se de novo diante da penteadeira e olhou o espelho.

Era verdade!

A moça no espelho tinha uma pele lisa, limpa e clara como as partes do seu corpo não atingidas pelo eczema.

Um dos médicos consultados por sua mãe tinha afirmado que as vítimas de eczema tinham uma pele fina e clara, especialmente nos locais não atingidos pela doença. Ela agora sabia que o crônico resinado, conseqüência, sem dúvida, de suas condições de saúde, é que tinha inchado seus olhos e os tornado menores do que eram.

Dorinda examinou o queixo, pequeno e ovalado, completando o oval quase perfeito do seu rosto, e, novamente, as lágrimas transbordaram de seus olhos.

— Oh, meu Deus... obrigada, obrigada! — gemeu, baixinho.

Letty e a Irmã Teresa, que estavam tomando café quando Dorinda entrou na cabina, compartilharam sua alegria.

— Oh, Dorinda, como você está bonita! — exclamou Letty.

A Irmã Teresa falou:

— Deus a abençoou, querida, e isso me torna muito mais feliz do que posso dizer...

Dorinda voltou ao espelho dúzias de vezes por hora naquela manhã, para ter certeza de que as manchas não tinham voltado e, a cada vez, se achava mais atraente.

Falou com a Irmã Teresa a respeito do conselho que o médico lhe dera sobre seus cabelos e a missionária lhe disse:

— É uma boa recomendação. Os malaios usam óleo de oliva nos cabelos com bons resultados e os chineses também.

— Não quero deixá-los emplastados...

— Use o óleo apenas na raiz — sugeriu a Irmã Teresa. — O couro cabeludo é a parte afetada pelo eczema e, agora que você está boa, seus cabelos ficarão mais bonitos.

Dorinda aceitou a sugestão da freira e, em poucos dias, enquanto o navio cruzava o oceano, seus cabelos pareciam realmente ter melhorado de aspecto. E, pela primeira vez na vida, ela começou a penteá-lo de modo diferente.

Dorinda aceitou também a sugestão do médico e passou a fazer suas refeições no salão. No início, seus contatos com os outros passageiros limitavam-se a “bom dia” e “boa noite”, mas, agora eles já paravam naturalmente para conversar com ela, movidos não mais pela curiosidade que Letty lhes despertava, mas por motivos inteiramente diversos. E começaram a chegar os convites para chás.

A jovem sentia-se um pouco culpada em relação a Letty.

— Vamos até o convés, Letty — insistia ela. — Você vai gostar do passeio.

— Está quente demais! — queixava-se Letty.

Finalmente, Dorinda e a Irmã Teresa conseguiram convencê-la a ir até o convés, onde ela poderia sentar-se, à sombra, numa espreguiçadeira com almofadas confortáveis.

A presença de Letty atraía a curiosidade geral e todos passavam por ela várias vezes, detendo-se os já conhecidos de Dorinda, para conversar um pouco. A jovem apresentou uma ou duas pessoas à irmã e, por serem de meia-idade, Letty mostrou-se simplesmente cativante.

— Ouvi dizer que Lady Lettice cativou o navio inteiro — comentou o Dr. Johnson aquela noite com Dorinda.

— Lady Lettice está bem melhor — respondeu Dorinda. — E esperamos que esteja totalmente recuperada quando chegarmos a Málaca.

— O comissário de bordo a avisou de que Maximus Kirby vai encontrá-la lá? — perguntou o médico.

— Ouvi dizer que deixaremos o navio em Málaca e iremos para Cingapura no iate do Sr. Kirby — respondeu a jovem.

— Vocês terão então um comboio triunfal — riu o doutor. — E receberão, quando desembarcarem, uma suntuosa recepção!

— Oh, não! — exclamou Dorinda.

— Mas é claro — afirmou o médico. — Que mais espera de Kirby? Ele é um homem dos grandes espetáculos e, aposto com a senhorita, Miss Hyde, que seu casamento nada ficará a dever a uma cerimônia de coroação.

— Como sabe disso?

— Conheço Max — respondeu o médico. — Ele nunca pôde fazer nada com discrição. Lembre-se do que estou lhe dizendo, vai ser o maior espetáculo que Cingapura já viu. Só desejo estar presente.

Dorinda sentiu seu coração confranger-se.

Se eram aqueles os planos, como reagiria Letty?

E, por estar angustiada, resolveu confidenciar à Irmã Teresa os seus temores.

— O Dr. Johnson me disse que tem certeza de que o Sr. Kirby está planejando um grande casamento para ele e Lady Lettice — declarou a jovem.

— Ficarei surpresa se não for um magnífico acontecimento — sorriu a missionária. — Pelo menos, é o que seus amigos chineses esperam... sem falar no resto da colônia.

— Mas Letty... — começou Dorinda. E não havia necessidade de continuar.

O sorriso desapareceu dos lábios da Irmã Teresa.

— Eu sei — disse ela, devagar. — Mas acho que ela poderá até gostar se lhe for explicado antecipadamente o que deve esperar. O que não acredito, Miss Hyde, é que ela possa suportar qualquer espécie de choque.

— Tem razão — concordou Dorinda, pensando no choque que Letty sentira quando fora beijada inesperadamente e quando seu pai lhe dissera brutalmente que ela devia partir para Cingapura dentro de poucas semanas.

Viera, em seguida, o choque da despedida dos pais e, depois, os violentos enjôos causados pelo mar bravio.

— Ajude-me, Irmã Teresa — pediu Dorinda, impulsivamente. — Não pode ficar com Letty até o casamento? Depois, terei que voltar para casa e ela será obrigada a arranjar-se sozinha, mas, até lá, fique conosco, por favor. Tenho certeza de que o Sr. Kirby não se importará.

— Maximus Kirby e eu somos velhos amigos — declarou a missionária. — Ele tem sido muito generoso comigo e de várias maneiras. Ajudou-me a levar adiante o projeto da escola da Missão para crianças chinesas quando todos apostavam que ia ser um fracasso.

— Então, por favor, fique conosco... pela felicidade dele e de Lady Lettice — insistiu Dorinda.

A Irmã Teresa sorriu.

— A qualquer momento você vai dizer que é minha obrigação...

— E é — Dorinda afirmou. — Estou certa disso!

Dorinda passou o dia inteiro tentando explicar a Letty como era importante que ela ajudasse o marido a desenvolver Cingapura, tornando-a um grande porto marítimo.

— É de grande significação para o mundo, Letty — disse Dorinda. — E não é excitante pensar que você poderá colaborar nesse desenvolvimento? Talvez até lhe ergam um dia uma estátua, como fizeram com Sir Thomas Raffles!

— Uma estátua minha? — exclamou Letty, com um brilho de interesse no olhar.

— Sim, uma grande estátua branca — respondeu Dorinda. — E talvez com um periquito na mão...

— Eu gostaria mesmo disso — afirmou Letty. — A Irmã Teresa diz que verei belos passarinhos em Cingapura.

— É verdade. Belos martins-pescadores, coloridos surucuás e grandes cegonhas que pousam nos telhados — confirmou Dorinda. — Já li sobre isso num livro.

— Uma porção de belos pássaros! — exclamou Letty.

— Você vai poder sentar-se em seu jardim cheio de flores — continuou Dorinda. — E os pássaros estarão cantando nas árvores. Você poderá alimentá-los e talvez até consiga, não tenho certeza, uma Ave-do-Paraíso.

Letty bateu palmas. E, vendo-a interessada, Dorinda foi apanhar alguns livros na cabina e sentou-se a seu lado no convés para ler-lhe o que diziam sobre os pássaros da Malásia.

— Tenho certeza de que tudo irá bem — confidenciou à Irmã Teresa um dia antes de chegarem aos Estreitos de Málaca.

— Tenho rezado por Lady Lettice — declarou a missionária. — É a moça mais bonita que já vi.

Dorinda tinha a impressão de que a Irmã Teresa, a exemplo de si própria, estava tentando parecer mais otimista do que realmente se sentia. Mas nenhuma das duas ousava expressar uma à outra suas dúvidas.

O navio parou em Penang onde se despediram de Lady Anson, cujo marido, o excelente Governador-Geral Sir Archibold Anson, um veterano da Criméia, que era muito estimado pela população, estava à sua espera.

Depois, quando seguiam a costa, Dorinda teve sua primeira visão da Malásia, uma região de grandes montanhas vulcânicas e luxuriante vegetação. Quando estavam suficientemente próximos da praia, a jovem pôde ver as estranhas casas que os malásios construíam para si mesmos sobre as árvores.

— Eles agem assim para evitar o excesso de calor — disse-lhe o Dr. Johnson. — São também suficientemente sensíveis para quando possível, escolherem árvores frutíferas, o que lhes assegura alimento fácil e gratuito... além de sombra, o que é o principal.

Dorinda soltou uma exclamação de prazer quando viu pela primeira vez mulheres

trabalhando entre as árvores, usando grandes chapéus cônicos.

— Sua raça é muito sensível e prática — continuou o médico. — Um chinês sempre tem uma boa razão para as suas ações.

O que mais impressionou Dorinda, enquanto o navio se movia lentamente ao longo da costa, foi o grande número de crianças que avistou no litoral, crianças malaias nadando nas praias e cavalgando búfalos e crianças chinesas trabalhando com os pais na agricultura.

— Para os malaios, é uma calamidade não ter filhos — explicou o médico. — Aqui as crianças constituem quarenta e cinco por cento da população, proporção muito maior que na Inglaterra.

— Os garotos têm seus atrativos — comentou Dorinda, olhando os corpos bronzeados e brilhantes, o cabelo escuro e liso e os olhos curiosos.

— Não há nada mais atraente para mim que as crianças chinesas — disse o médico. — A senhora deve pedir à Irmã Teresa que lhe mostre a Escola da Missão que ela fundou.

— Ela já me falou nisso — respondeu Dorinda.

— Aquela missionária é uma santa, pode ter certeza — declarou o Dr. Johnson. — Luta como uma leoa por suas crianças, mas enfrenta sem protestos os maiores desconfortos...

— Eu lhe sou muito grata por a termos conhecido através do senhor e por toda a ajuda que ela tem prestado a Lady Letty.

— Amanhã saberemos se essa ajuda foi realmente efetiva — disse o médico.

O coração de Dorinda deu um salto quando ela recordou que, no dia seguinte, chegariam a Málaca. Maximus Kirby as estaria esperando e, pela primeira vez, Dorinda sentia medo do encontro. Não havia motivo para receios. Podia olhá-lo nos olhos em condições de igualdade. Agora era uma moça como qualquer outra.

— E, no entanto por que temo o encontro? — perguntou-se honestamente. Seria apenas uma questão de igualdade, aquele seu desesperado desejo de vê-lo de novo?

## CAPÍTULO 4

— VEJA, Letty, veja que lindos pássaros! — exclamou Dorinda.

Letty deu um gritinho de alegria. De fato, era uma visão maravilhosa e Dorinda mal podia acreditar que o iate à sua frente não fosse um produto de sua imaginação.

Como o capitão, ela pensara que Maximus Kirby as estivesse esperando no cais de Málaca, mas, quando desciam os Estreitos e se aproximavam do pequeno porto, viram mais adiante um navio com velas rosadas.

Dorinda percebeu, com surpresa, que se tratava de um iate. Era a embarcação mais bonita que já vira.

— É o “Dragão do Mar” — ouviu o médico lhe dizer.

Ao notar seu interesse, o Dr. Johnson acrescentou, numa explicação desnecessária:

— É o iate de Maximus Kirby.

Era difícil imaginar algo mais enfeitado que aquele navio. Os mastros estavam engalanados e as velas, em rosa-escuro, ostentavam a insígnia de um coração com dois gordos cupidos.

O iate parecia um gigantesco vaso de flores. Superestruturas tinham sido colocadas em cada um dos seus lados e cobertas com brilhantes flores de todos os tipos, flores da Malásia.

Guirlandas de flores pendiam por toda a parte e pequenas plataformas ostentavam grandes gaiolas cheias de pássaros.

Mesmo à distância em que ainda se encontrava do iate, Dorinda podia distinguir a plumagem colorida dos periquitos.

— Pequenos papagaios como os meus! — exclamou Letty, e Dorinda percebeu que nada poderia ter-lhe agradado mais.

Pelo que tinha ouvido de Maximus Kirby, toda aquela encenação era bem típica do milionário. Kirby devia ainda recordar-se de como Letty tinha ficado encantada com os periquitos que ele lhe dera de presente na Inglaterra e ampliara mil vezes a idéia original para a chegada da noiva a Málaca.

O “Dragão do Mar” aproximou-se do “Osaka” e escoltou-o até a estreita enseada de Málaca, onde, para facilitar o ancoramento de grandes navios, tinha sido construído um espigão para o mar.

O iate moveu-se para o sul do ancoradouro e o “Osaka” para o norte. Os dois barcos ancoraram quase de frente um para o outro, de modo que era fácil para quem estava a bordo do navio ver claramente a decoração, os pássaros nas gaiolas douradas e as velas cor-de-rosa logo depois recolhidas lentamente, já que não havia vento.

— Eu lhe preveni que ele era especial — Dorinda ouviu uma voz dizer e deu com o Dr. Johnson a seu lado.

— Foi muita imaginação de sua parte pensar numa recepção assim — respondeu a jovem.

— Kirby é muito esperto... esperto até demais — comentou o médico.

E o comentário parecia mesmo verdadeiro, pelo menos no que se referia a Letty, que continuava a contemplar, encantada, o maravilhoso espetáculo.

A tal ponto tinha Letty melhorado naquela última semana, que Dorinda começara a pensar que as orações da Irmã Teresa e as suas próprias estavam dando resultados.

Como o Dr. Johnson previra, Letty tinha granjeado a simpatia geral no primeiro dia e continuara a parecer encantadora nos dias imediatos. Dorinda sabia que todos a achavam a mulher ideal para Maximus Kirby.

Agora, usando um dos mais belos vestidos do seu enxoval, a jovem noiva parecia a mulher ideal para qualquer mortal.

O vestido era de crepe rosa, ajustado ao corpo, como estava na moda, e caía em cascatas, abaixo dos joelhos, realçando sua delicada figura. Os adornos eram de cetim turquesa, a mesma do enfeite que Letty usava em seus brilhantes cabelos dourados.

Na mão, a moça carregava uma diminuta sombrinha com enfeites rosa e turquesa, do mesmo modelo que a rainha pusera em moda.

À primeira vista, não havia sombra de Maximus Kirby no iate, mas agora que o “Dragão do Mar” ancorara ao lado do “Osaka”, Dorinda o viu aparecer no convés.

Ele usava um terno branco bem cortado que lhe acentuava os ombros largos, a cintura estreita e os braços fortes, embora fosse difícil perceber-se alguma coisa além de seu rosto atraente.

Maximus Kirby estava mais queimado que da última vez em que Dorinda o vira, e seus olhos azuis pareciam mais profundos.

“E, no entanto, uma mulher só poderia reparar na expressão de seus lábios e de seu rosto, semelhante à de um pirata que tivesse capturado uma carga especial!” — pensou Dorinda.

A multidão que se encontrava no cais não tirava os olhos dos dois barcos. As âncoras foram baixadas, e Dorinda viu, então, a mais estranha das guardas de honra.

Era composta por crianças, algumas chinesas, outras malaia, todas com suas roupas típicas.

As crianças malaia usavam *sarong* e pequenos casacos de algodão vermelho até a altura do joelho. Os casacos tinham sido introduzidos pelos portugueses no século XVI e ainda eram usados automaticamente pelos malaia.

As crianças chinesas usavam rabicho, chapéus típicos e longos quimonos bordados sobre calças pretas. Todas as crianças levavam na mão uma pequena gaiola com um periquito.

Quando as pranchas foram colocadas, Maximus Kirby deixou o “Dragão do Mar” e atravessou calmamente a multidão, seguido por duas crianças: uma chinesa, outra malaia, cada uma carregando sua gaiola. Quando o rapaz chegou ao convés do “Osaka”, Dorinda pensou, sem fôlego, que tinha esquecido como ele era alto, forte e atraente.

Kirby caminhou diretamente para Letty e, segurando sua mãozinha enluvada, levou-a aos lábios.

— Parece que esperei um século por este momento... quero dar-lhe as boas-vindas... — murmurou o rapaz, com voz grave, profunda.

Letty sorriu para ele e foi com certo alívio que Dorinda notou que, pelo menos naquele momento, ela não parecia ter medo de seu futuro marido.

Maximus Kirby voltou-se para Dorinda.

— A senhorita deve ser Miss Hyde — observou ele. — O conde me informou no telegrama que a senhorita tinha concordado gentilmente em acompanhar Lady Lettice.



Dorinda assentiu com um gesto de cabeça. Estava achando difícil encará-lo. Maximus virou-se para a Irmã Teresa e tomou-lhe as mãos.

— Minha missionária favorita! — exclamou o rapaz, alegremente. — Ainda está empenhada no salvamento das almas dos caçadores de cabeça em vez de se preocupar com a minha?

— Desisti há muito tempo da sua alma — disse a missionária, rindo.

— Não sei dizer-lhe como a Irmã Teresa foi bondosa conosco — interveio Dorinda. — Ela assistiu Lady Lettice durante toda a viagem e esperamos que o senhor nos dê sua permissão para que ela fique conosco até chegarmos a Cingapura.

— Vai viajar conosco no “Dragão do Mar”? — indagou Maximus. — Nada me daria maior prazer...

— Obrigada — respondeu a Irmã Teresa.

— Não precisa agradecer — respondeu Kirby. — Tudo o que tenho é seu.

Era a saudação convencional do Leste, de um anfitrião a um convidado, mas a Irmã Teresa respondeu, maliciosamente:

— Cuidado com o que diz! Posso querer obrigá-lo a cumprir a palavra!

— Não tenho medo da senhora — riu Maximus Kirby.

Estendeu em seguida a mão para o Dr. Johnson, que declarou:

— Miss Hyde estava tentando lhe dizer como todos estamos gratos à Irmã Teresa. Tivemos uma péssima passagem pela Baía de Biscoia.

— Sei o que isso significa — concordou Kirby. — Terei, então, de providenciar uma série de comodidades para os caçadores de cabeça...

Os outros riram, mas Dorinda reparou que, enquanto todos cercavam Maximus Kirby, Letty estava ocupada com as crianças que tinham levado os periquitos.

Eram tão pequenas e belas que Dorinda podia compreender o interesse da irmã, mas, desejava, ao mesmo tempo, que Letty desse mais atenção ao seu futuro marido.

Naquele mesmo instante, Maximus Kirby pareceu ter percebido que Letty não fazia parte do grupo que o cercava e voltou-se para sua jovem noiva.

— Se está pronta — disse ele — podemos ir para bordo do meu iate? Gostaria de mostrar-lhe os pássaros que temos ali. Acho que vão lhe agradar.

— Adoro pássaros! — exclamou Letty. — Posso ficar com os que as crianças trouxeram para mim?

— Acho que haverá muito mais no “Dragão do Mar” — respondeu Maximus Kirby — e o jardim de nossa nova casa está cheio deles.

O rapaz ofereceu-lhe seu braço e Letty tomou-o, quase mecanicamente, os olhos ainda presos aos periquitos nas pequenas gaiolas que as crianças carregavam.

Dorinda e a Irmã Teresa despediram-se do capitão, do médico e de vários passageiros.

— Não se preocupe — disse o Dr. Johnson apertando a mão de Dorinda. — Tenho certeza de que tudo vai dar certo. Bastará mantê-la calma. E lembre-se: nada de choques.

— Nunca poderei agradecer-lhe o bastante por tudo o que fez... — respondeu a moça.

— E não se esqueça: trate de divertir-se — recomendou o doutor. — Se seguir o meu conselho e permanecer aqui, aposto como não lhe faltará companhia.

Dorinda sorriu. O médico notou um brilho malicioso em seu olhar quando ela perguntou:

— E se suas predições não se concretizarem?

— Duvido muito — respondeu o médico. — A senhorita vai encontrar muitos pretendentes...

Dorinda desceu a prancha, pensando que Letty poderia precisar de seu auxílio. Maximus Kirby estava ajudando a noiva a subir a bordo, onde foram imediatamente inspecionar as grandes gaiolas douradas.

Dorinda jamais vira uma tão grande coleção de pássaros exóticos. Suas plumagens pareciam um caleidoscópio.

Assim que Letty chegou a bordo do iate, uma banda de música, usando instrumentos nativos, começou a tocar música européia.

Dorinda comentou o fato com a Irmã Teresa.

— Vocês não gostariam da música chinesa ou malaia — respondeu a missionária.

— Por que diz isso?

— Porque é difícil distinguir qualquer melodia — respondeu Irmã Teresa. — Eles simplesmente emitem sons, e os mais extraordinários, pode crer.

A missionária riu.

— Um músico pode ficar tocando uma nota só durante horas...

— Parece monótono — comentou Dorinda. — Mas eles tocam música européia muito bem...

— Aprenderam a tocar violino com os vizinhos portugueses — explicou a missionária. — E os juntaram a seus tambores e também a um instrumento que tem um som parecido com a gaita de foles e que é o seu favorito.

Maximus Kirby certamente tinha determinado que a orquestra do “Dragão do Mar” se limitasse a valsas e alguns trechos de ópera mais populares em Londres.

Letty nem mesmo parecia ouvir a música, totalmente absorvida pelos pássaros nas gaiolas douradas.

Maximus Kirby permanecia ao lado da noiva e, olhando-os à distância, Dorinda pensava que dificilmente se encontraria um casal mais bonito.

E tinha certeza de que todos os passageiros do “Osaka”, pensavam do mesmo modo. Enquanto o “Dragão do Mar” deslizava mansamente nas águas, do convés do navio numerosos passageiros acenavam.

Dorinda e a Irmã Teresa acenaram em resposta, mas Letty, totalmente concentrada em seus pássaros e Maximus Kirby em Letty, que nada mais reparavam.

Como ainda fosse cedo e o sol não estivesse muito forte, eles permaneceram por algum tempo no convés. Depois, desceram ao grande e confortável salão, que parecia tomar todo o centro do iate, e onde *punkahs* se moviam ritmicamente, com pequenas velas, para conservar o ar mais fresco.

Serviram-se de outro desjejum, apesar de já o haverem feito no “Osaka”.

Havia frutas de todos os tipos, bebidas frias, sucos de frutas e pequenas iguarias cujos ingredientes principais eram castanhas e mel.

Maximus Kirby pediu informações sobre sua viagem e, enquanto a Irmã Teresa lhe falava do mar bravio que os castigara depois que tinham deixado Tilbury, Dorinda observava Letty com certa apreensão.

Separada de seus pássaros, a jovem mostrava-se menos animada.

Dorinda aproximou-se da irmã e perguntou:

— Você não achou lindas as crianças?

— A Irmã Teresa esteve me falando sobre as crianças chinesas — respondeu Letty. — Quero vê-las de perto quando chegarmos a Cingapura. Parecem bonequinhas...

— É verdade — concordou Dorinda. — São mesmo bonequinhas...

Dorinda pensou, com alegria, que um novo interesse parecia estar despertando em Letty.

Quando tinham terminado a refeição, Dorinda sugeriu que voltassem ao convés para observarem as crianças brincando nas praias da costa. A moça tinha visto tantos garotos brincando nas praias no dia anterior que não faltariam crianças para Letty observar. E não estava enganada.

O “Dragão do Mar” pôde navegar mais perto do litoral que o “Osaka” e agora era fácil perceber os detalhes da floresta. A vegetação se estendia até a água.

As mangueiras, casuarinas, bambus e palmeiras predominavam.

— Nunca pensei que as palmeiras crescessem tanto — comentou Dorinda com a Irmã Teresa.

A jovem não sabia que Maximus Kirby a estava ouvindo e surpreendeu-se quando ele interveio:

— Há quinhentas e cinquenta espécies diferentes de palmeiras — disse — mas temos apenas algumas aqui, como coqueiros, sagüeiros, arequeiras...

— Elas me parecem todas iguais — respondeu Dorinda.

— A senhorita aprenderá a distingui-las quando tiver passado algum tempo aqui — replicou o rapaz. — Há mais espécies de árvores na Malásia que em qualquer outra parte do mundo.

— E, a julgar pela maravilhosa decoração do seu iate — sorriu Dorinda — uma grande variedade de flores.

— Especialmente orquídeas — afirmou Kirby. — Há inúmeras espécies de orquídeas, cada uma mais bonita que a outra.

— Lady Lettice gosta de pássaros — disse a Irmã Teresa. — Devo admitir que também gosto muito de animais.

— Não de tigres, é claro — exclamou Maximus Kirby. — Ou será que até eles têm um lugarzinho no seu generoso coração?

— Não os tigres devoradores de homens — confessou a missionária. — E o senhor sabe como eles são numerosos nesta parte do mundo...

— Tenho feito o possível para manter seu número sob controle — respondeu Kirby.

— O senhor os mata? — indagou Dorinda.

A Irmã Teresa riu.

— Você está falando com o melhor atirador da Malásia — disse ela. — O Sr. Kirby poderia atapetar toda a sua casa com as peles dos tigres que já matou, se assim o desejasse.

— Quando vim para cá, eles eram mesmo uma ameaça — declarou Maximus. — Não havia uma semana, às vezes nem um dia, em que não tivéssemos notícia de alguém morto nas vilas.

— Isso chega a assustar — disse Dorinda. — Mas os tigres são belos animais e não me parece justo que sejam completamente exterminados.

— A senhora não precisa temer que isso aconteça, pelo menos nos próximos anos —

respondeu Kirby. — Como a Irmã Teresa pode lhe contar, um Administrador de Plantações perde às vezes todos os seus trabalhadores com os ataques de tigres.

— O Sr. Kirby tem razão — disse a Irmã Teresa. — E por isso há uma recompensa de cento e cinquenta dólares oferecida pelo governo por cada tigre morto levado ao Distrito Policial.

— Vocês estão querendo assustar-me fazendo-me crer que este é um lugar perigoso? — indagou Dorinda.

— A senhorita estará a salvo comigo — respondeu Maximus Kirby, tranqüilamente, e a jovem achou que era impossível não acreditar e confiar nele.

Continuaram a descer a costa e Dorinda ouviu histórias de leopardos, antas e gatos selvagens que habitavam a selva.

Mas, enquanto conversavam, Letty, depois de observar as crianças brincando na água ou aparecendo em suas casas sobre as árvores para acenar ao iate, tinha se aproximado de uma das grandes gaiolas.

Dorinda rezou para que Maximus Kirby não percebesse que era impossível para Letty concentrar-se por muito tempo num só assunto ou tomar parte numa conversa demorada.

A bela jovem voltava invariavelmente ao que lhe interessara de início. Naquele momento, obcecada pelos pássaros, não era capaz de ouvir mais nada.

Conhecendo a preocupação de Dorinda, a Irmã Teresa sugeriu a Letty que fosse se preparar para o almoço que seria servido ao meio-dia.

Dorinda e Maximus Kirby permaneceram no convés.

— Foi muita gentileza sua acompanhar Lady Lettice nesta viagem — disse ele.

— Nunca fiz nada mais excitante em toda a minha vida — declarou a moça.

— Nunca viajou antes?

— Não.

— E o que achou?

— Estou muito excitada e curiosa — retrucou. — Há grande diferença entre ver um local... e ler sobre ele.

— E já leu alguma coisa sobre a Malásia?

— Tudo o que pude encontrar — confessou a jovem. — Infelizmente, não há muito o que se ler sobre esta parte do mundo.

— É verdade — concordou Kirby. — Talvez, Miss Hyde, a senhorita pretenda escrever um livro sobre Cingapura ao voltar para casa.

— Após uma visita tão curta? — perguntou Dorinda. — Já pensou no que poderiam dizer a respeito de meus equívocos? A única pessoa capaz de escrever adequadamente sobre Cingapura seria o senhor mesmo, Sr. Kirby.

— Já pensei nisso — confessou Maximus — mas ainda não tive tempo de fazê-lo

— Isso é fácil de entender. Mas é claro que poderá escrever o livro quando for mais velho. Disseram-me que é um ótimo passatempo.

— Não há pressa. Não vou morrer tão cedo.

— O senhor é muito necessário aqui para morrer moço.

— Em outras palavras, a senhorita é bastante fatalista para acreditar que, enquanto o trabalho de uma pessoa não estiver completado, ela não pode ingressar num mundo que, a acreditarmos nos cristãos, deverá ser melhor e menos problemático que o nosso...

— O senhor expressou muito bem o que eu estava tentando dizer — sorriu Dorinda.

Enquanto falava, a moça pensava em como era fácil conversar com Maximus. Embora fosse difícil sustentar o seu olhar, ela não se sentia intimidada.

Quando Kirby estivera em Alderburne Park e ela observava seus movimentos, pudera verificar que ele era um jovem culto e atraente. Mas só teve ocasião de perceber a extensão real do seu agudo senso de humor quando se sentaram à mesa do almoço e ele as fez rir tolamente, ela e a Irmã Teresa, com suas histórias a respeito dos chineses em Cingapura, da pomposidade das autoridades governamentais e do modo de agir dos ladrões chineses.

— O ardil mais recente — disse Maximus Kirby — é prender anzóis nos rabos dos porcos de modo que, se o dono tentar segurá-los acabará machucado.

Tornou-se muito claro que Letty não prestava a mínima atenção à conversa.

Como se tivesse esgotado todo o seu encanto ao deixar o “Osaka” e embarcar no iate, Letty agora permanecia silenciosa.

Assim que o almoço terminou, Dorinda sugeriu que descansassem, e a Irmã Teresa levou Letty para sua cabina.

— Há um toldo no convés de popa — disse Maximus a Dorinda. — Se preferir trocar sua cabina por uma poltrona confortável, certamente vai achar mais fresco lá.

Dorinda verificou que ele tinha razão.

Um ventinho suave ainda soprava do mar, e com o toldo estendido sobre o convés, como proteção contra o sol, era gostoso estar ali sentada, com os pés para cima e a cabeça recostada num travesseiro macio, a observar a linha da costa enquanto o barco navegava suavemente.

A moça sentia-se excitada demais para dormir e após meia hora de solidão, Maximus Kirby aproximou-se e sentou-se ao seu lado.

— Com licença...

— Pois não.

Kirby estendeu-se numa espreguiçadeira engenhosamente construída para se transformar numa pequena cama, facilmente ajustável às costas e com um apoio para os pés que podia ser guardado sob a própria cadeira.

— Miss Hyde, estou certo de que a senhorita fez planos para permanecer em Cingapura até depois do casamento — disse Kirby. — Tenho certeza de que Lady Lettice não desejaria que a senhorita partisse antes do grande acontecimento.

— Eu estava esperando que o senhor me convidasse.

— Acho que a senhorita vai adorar a cerimônia.

— Quer me falar sobre ela?

Se o casamento ia ser tão espetacular quanto se imaginava, Dorinda sabia que sua única esperança era descobrir com antecedência cada detalhe e preparar Letty para os acontecimentos.

— Lady Lettice será levada até a Catedral de Santo André numa carruagem especialmente adquirida para a ocasião, puxada por seis cavalos brancos com rédeas douradas e plumas coloridas. — Começou Maximus Kirby. — O tráfego será fechado.

Dorinda nada disse e, após alguns momentos, o rapaz continuou:

— A cerimônia será presidida pelo Bispo, é claro, e haverá um coro de cem vozes. Espero que a Catedral comporte todos os meus amigos...

Kirby sorriu.

— A senhorita vai gostar da Catedral, Miss Hyde. Foi construída por detentos e é um dos edifícios mais imponentes de Cingapura.

— E que mais vai acontecer no casamento? — indagou Dorinda.

— Ah, planejei muitas surpresas — retrucou Kirby. — Mas o que mais deve agradar a Lady Lettice é a revoada de quinhentas pombas que vão ser lançadas da torre, quando sairmos da igreja, após a cerimônia.

— E vocês retornarão na mesma carruagem? — perguntou a moça.

— Sim, mas então a carruagem estará aberta e o interior decorado com lírios. Daremos uma volta pela cidade para que todos possam admirar a beleza de minha noiva. Centenas de crianças se alinharão durante todo o percurso, e atirarão flores na carruagem de modo que, quando chegarmos à minha casa, devemos estar quase afogados em flores.

— E então?

— Haverá uma grande recepção no jardim, com baile e vários entretenimentos para os convidados, além do prazer de contemplarem minha maravilhosa noiva.

Dorinda recordou as palavras do Dr. Johnson sobre uma festa de três dias de duração e sentiu o coração apertar-se.

Tinha a impressão de que Letty não poderia suportar as emoções de tal cerimônia.

— Ainda não terminei de planejar os detalhes — acrescentou Kirby — mas acho que teremos uma fonte jorrando champanha e outra um exótico perfume extraído de flores silvestres. Um amigo meu sobrevoará o jardim num balão durante a festa, atirando presentes para os convidados.

O rapaz falava com tanto entusiasmo que Dorinda sentia-se incapaz de dizer o que pensava.

Os amigos de Kirby não ficariam decepcionados. Haveria divertimento para todos os habitantes de Cingapura e eles teriam muito o que comentar depois da festa.

Mas e Letty?

— Quando a senhorita conhecer meu jardim, verá que é o ambiente ideal para a festa — continuou Kirby. — À noite, as flores, árvores e folhagens estarão iluminadas por lanternas que também vão ornamentar o salão.

O rapaz riu.

— Os casais poderão sentar-se, de mãos dadas... ou talvez fazer protestos mais veementes de amor...

— Isso tudo parece... — Dorinda fez uma pausa, procurando a palavra correta.

— Magnífico! — completou Maximus Kirby. — É o que meu casamento tem que ser... um casamento magnífico, que ficará para sempre na memória de Cingapura.

Enquanto Dorinda tentava encontrar as palavras que expressassem suas verdadeiras emoções, Kirby se levantou.

— Esqueci-me de lhe dizer, Miss Hyde — disse ele. — Hoje à noite vamos ter uma festinha. Vou ancorar o iate numa pequena enseada da costa de Johore. Convidei o sultão, que é um velho amigo, e outros moradores da província, para jantarem conosco. Eles estão ansiosos por conhecer minha futura esposa e ficaram muito honrados com a oportunidade de serem os primeiros a conhecê-la.

— Falarei com Letty — respondeu Dorinda, afastando-se.

Letty estava dormindo e Dorinda foi até a cabina ocupada pela Irmã Teresa, onde contou

à missionária os planos de Maximus Kirby para o casamento.

— Eu já esperava qualquer coisa no gênero — declarou a missionária. — Não se preocupe. Lady Lettice melhorou muito ultimamente e tenho lhe explicado que ela precisa se preocupar com a felicidade alheia antes de pensar em si própria. Também ensinei-lhe a rezar.

— Achei que a senhora ia fazer isso.

— Não preces convencionais — disse a Irmã Teresa — mas orações saídas do coração. Preces que vêm naturalmente sem que precisemos formular palavras formais escritas há muitos séculos, mas que reflitam nossos mais profundos sentimentos.

A missionária falava com tanta convicção que Dorinda não teve coragem de lhe perguntar se os mais profundos sentimentos de Letty não estariam voltados para ela mesma.

Entretanto, tão confortada se sentiu pelas palavras da freira e pela sua afirmação de que tudo iria dar certo, que nem se surpreendeu ao verificar, na hora de se vestir para o jantar, que Letty estava de excelente humor.

A bela jovem tinha escolhido um vestido particularmente encantador, de chiffon turquesa, com um drapeado do mesmo tecido nos ombros. Estava tão bonita que Dorinda exclamou:

— Você está muito mais linda que seus passarinhos, Letty, e isso é um elogio.

— Sou um pássaro azul — respondeu Letty. — E a Irmã Teresa diz que pássaros azuis significam felicidade.

— E é verdade — afiançou-lhe Dorinda. — Tenho certeza de que você vai ser muito feliz, Letty.

Letty sorriu para a irmã.

— Por que não usa um dos meus vestidos agora que está tão bonita? — perguntou-lhe.

Por um momento, Dorinda a encarou atônita. Era a primeira vez que Letty tinha um gesto de desprendimento.

— Obrigada, Letty. É muita bondade sua, mas já estou pronta e esta noite não quero que ninguém tenha olhos senão para você.

Enquanto falava, Dorinda pensava que, em qualquer circunstância, as pessoas só teriam mesmo olhos para Letty.

Entretanto, a moça tinha consciência de que seu vestido de noite, cinzento como os outros, revelava a perfeição e a suavidade de suas curvas.

Dorinda possuía apenas dois vestidos de noite e ambos tinham sido copiados de um dos mais caros vestidos comprados para Letty em Bond Street.

A pele de Dorinda se destacava, muito clara, contra o cinza do vestido e seus cabelos, cuja aparência melhorara muito nas últimas semanas, estavam agora brilhantes como nunca.

Eram de uma cor difícil de definir, mas estavam agora macios como veludo e caíam suavemente de cada lado do seu rosto oval, apesar de Dorinda ainda o usar preso na nuca.

Ao entrarem no salão, as irmãs observaram que o sultão já lá se encontrava bem como alguns casais que Maximus Kirby apresentou primeiro a Letty e, depois, a Dorinda. A Irmã Teresa, também presente, parecia já conhecer os convidados.

Todos se mostraram impressionados com a beleza de Letty, mas Dorinda percebeu que uma mulher só tinha olhos para Maximus Kirby.

Era a jovem esposa inglesa de um homem, obviamente muito mais velho que ela e tinha vindo há poucos anos para Johore. Dorinda achou-a o tipo de mulher que julga qualquer

homem uma presa fácil.

A não ser pela presença de Letty, ela teria parecido extremamente atraente, sobretudo naquela parte do mundo onde eram tão poucas as mulheres. Durante o jantar, Dorinda percebeu, divertida, seus evidentes esforços para atrair a atenção de Maximus Kirby.

Como seu marido tinha certa importância, ela estava sentada à esquerda do anfitrião, enquanto Letty se encontrava à direita, com o sultão de Johore a seu lado e Dorinda ao lado do sultão.

Ficou claro, quando o jantar terminou, que Letty, além do seu maravilhoso sorriso, tinha muito pouco a contribuir para a conversação.

O sultão ficou, assim, praticamente obrigado a dirigir-se a Dorinda e a moça o induziu a discorrer sobre as características de sua província e os motivos que tinham levado sua família a se transferir da Índia para a Malásia.

Apesar de muito interessada nas palavras do sultão, a jovem não podia deixar de reparar que a inglesa à esquerda de Maximus Kirby continuava usando todos os ardis para atrair a atenção do rapaz.

Seu nome era Sr.<sup>a</sup> Thompson e Maximus não parecia particularmente interessado no que ela lhe dizia e por várias vezes, se dirigiu ao homem que a ladeava.

Dorinda nada mais podia fazer a não ser tentar incluir Letty em sua conversa com o sultão. Esforçou-se ao máximo para isso, apesar de não ser fácil, mas Letty limitou-se a pronunciar monossílabos.

Após a deliciosa refeição onde uma grande variedade de pratos, que Dorinda jamais provara, tinha sido apresentada, a mesa foi desfeita e a conversação se generalizou, enquanto alguns convidados começavam a jogar gamão.

Havia várias mesas para jogos de baralho e Dorinda, entre divertida e surpresa, descobriu que a Irmã Teresa era excelente no bridge, apesar de afirmar várias vezes que não jogava a dinheiro.

A alegria era geral e todos pareciam muito mais expansivos que em qualquer festa semelhante na Inglaterra.

Dorinda não demorou a ter a explicação quando uma das convidadas lhe disse:

— A senhorita não pode imaginar o que uma reunião dessas significa para nós. Passamos meses sem ver um amigo e quando Maximus Kirby volta, tudo se modifica. Por nada deste mundo a teria perdido!

— Que tal irmos um pouco ao convés olhar as estrelas? — Dorinda ouviu Maximus Kirby perguntar a Letty quando todos pareciam ocupados.

— Os pássaros ainda estão lá?

— As gaiolas não estão mais no alto, mas ainda lá se encontram... — respondeu ele.

— Eu gostaria de vê-los — disse Letty. — Dorinda, venha conosco.

Dorinda hesitou.

Embora não tivesse dúvidas de que Maximus Kirby acharia intolerável sua intromissão, impedindo-o de ficar a sós com sua futura esposa, a moça não sabia o que podia acontecer se ele tentasse beijar Letty.

Ela e a Irmã Teresa não a tinham preparado para aquela circunstância.

— Venha, Dorinda, quero que você nos acompanhe — insistiu Letty.

Agora, pelo tom de sua voz, Dorinda percebeu que a irmã não queria ficar sozinha com



Maximus Kirby.

— A senhorita não pode recusar um pedido desses — comentou o rapaz, com um sorriso.

Dorinda acompanhou-os ao convés.

As estrelas pontilhavam o céu, parecendo diamantes em veludo escuro, e uma pequena lua também enfeitava a noite. Tudo era tão lindo que Dorinda reteve a respiração.

A jovem afastou-se alguns passos dos noivos, esperando não parecer tão intrusa quanto se sentia, mas ouviu Maximus Kirby dizer a Letty:

— Eu queria lhe dar um presente, mas não tive oportunidade antes...

— O que é? — indagou Letty.

— Um anel. Um anel de noivado. Espero que você goste.

Dorinda não se voltou, mas ouviu Letty dizer:

— É muito bonito. Agora podemos ir ver os pássaros?

— Acho que talvez você devesse primeiro mostrar seu anel a Miss Hyde — sugeriu Maximus Kirby.

— Oh, é claro — concordou Letty, aproximando-se de Dorinda.

— Dorinda, veja que bonito anel...

Ergueu a mão enquanto falava e Dorinda viu em seu terceiro dedo uma grande safira cercada de diamantes. Era um anel muito bonito e, evidentemente, muito valioso.

— Quando chegarmos a Cingapura — disse Kirby a Letty — vou lhe dar um colar e uma pulseira.

Dorinda percebeu que Letty nem mesmo o ouvira.

— Não é maravilhoso? — interveio ela. — Sei que você acha difícil agradecer ao Sr. Kirby um presente tão lindo.

Enquanto falava, apertou a mão de Letty para que a irmã compreendesse o que ela queria dizer.

— Muito obrigada — agradeceu Letty, convencionalmente. — É um presente maravilhoso. Agora posso ir ver os pássaros?

Ela caminhou pelo convés, seguida por Maximus Kirby e, pouco depois, Dorinda os perdeu de vista.

A moça ficou onde estava, olhando o céu e as árvores na pequena enseada, embora sem poder apreciar devidamente sua beleza.

Estava preocupada, perguntando a si mesma quanto tempo Maximus Kirby levaria para começar a perceber a indiferença de Letty por tudo que lhe dizia respeito.

Depois de algum tempo perto dos pássaros, eles voltaram ao salão. Com alívio, Dorinda viu a Irmã Teresa aproximar-se e, imaginando que Letty devia estar cansada, levá-la para a cabina.

Então, para disfarçar o embaraço que lhe causava o comportamento de Letty numa festa organizada em sua homenagem, Dorinda se esforçou ao máximo para agradar os convidados, ouvindo com atenção tudo o que tinham a lhe dizer, rindo de suas piadas e, pela primeira vez na vida, tentando agir como anfitriã. E, não fosse sua preocupação com a irmã, teria adorado a festa.

Era o tipo de festa — alegre e informal — com que sempre sonhara, mas da qual, por sua aparência, sabia jamais poder participar.

Agora que Letty não estava mais presente para atrair a atenção de todos, os homens prestavam mais atenção a Dorinda e as mulheres não se sentindo particularmente ciumentas da jovem, podiam conversar com ela como de igual para igual.

Foi com surpresa que Dorinda percebeu que já passava bastante da meia-noite. O sultão levantou-se para se despedir e vários convidados o imitaram.

— Foi um prazer imenso ter Vossa Alteza conosco — Dorinda ouviu Maximus Kirby dizer ao sultão.

— Na próxima semana oferecerei uma festa em honra de sua linda noiva — disse o sultão. — Quando será o casamento?

— Dentro de duas semanas — respondeu Kirby.

Dorinda sentiu-se como fulminada.

Apenas duas semanas para preparar Letty! E para ela, Dorinda, apenas duas semanas nesse mundo novo e maravilhoso que acabava de conhecer!

Enquanto o sultão e a maioria dos convidados se despediam, dois homens continuavam empenhados numa partida de gamão.

— Não posso ainda me retirar, Max — gritou o Sr. Thompson, o marido da jovem e bela inglesa. — Perdi trinta libras e estou determinado a recuperá-las.

— Não há pressa — retrucou Kirby. — A noite mal começou e é cedo para qualquer de nós se recolher.

— É verdade — disse outro convidado. — Se você vai ficar, Thompson, Bill e eu também ficaremos e jogaremos uma partida. O vencedor desafiará o vencedor de sua partida, concorda?

— Claro — disse o Sr. Thompson, obtendo também a concordância do seu oponente.

Depois de se despedir do sultão, Dorinda foi até a cabina de Letty e verificou que a jovem estava dormindo. Procurou em seguida a Irmã Teresa, e encontrou a missionária já em trajes de dormir e preparada para deitar-se.

— Eles ainda estão no iate? — indagou a Irmã Teresa.

— Alguns convidados.

— Então, não se preocupe conosco. Divirta-se, menina. Vi como você estava alegre esta noite.

— É verdade — admitiu Dorinda. E voltou ao salão.

Ficou algum tempo observando os homens jogando gamão e depois afastou-se, achando que eles talvez não gostassem de assistência.

Resolveu ir ao convés, apreciar a beleza da selva à noite, e pensar nos mistérios que a povoavam.

A noite estava silenciosa e ia atravessar o convés até a amurada quando viu o cintilar de um vestido e percebeu que não estava sozinha.

Sob o toldo do iate, um casal se encontrava.

Dorinda hesitou.

Devia reunir-se a eles? Se o fizesse, estava certa de que a Sr.<sup>a</sup> Thompson — era ela quem ali estava — por certo a consideraria uma intrusa.

Enquanto pensava no que devia fazer, viu a Sr.<sup>a</sup> Thompson passar os braços pelo pescoço de Maximus Kirby e aproximar o rosto do dele.

Ele a abraçou e, incapaz de mover-se, Dorinda percebeu que Maximus Kirby estava beijando a companheira.

Ela jamais tinha visto antes um casal se beijando apaixonadamente e sentiu algo de estranho ao observar as duas figuras abraçadas, as mãos da Sr.<sup>a</sup> Thompson nos ombros de Maximus Kirby, seus rostos colados, embora não fosse capaz de explicar os próprios sentimentos.

Pensar em duas pessoas se beijando, era bem diferente de vê-las em ação e, em alguma parte de seu cérebro, nasceu a certeza de que Maximus Kirby era também um perito na arte da sedução... como em tudo o que fazia.

Havia uma certa graça em sua figura máscula, no ângulo em que sua cabeça se inclinava. Sim, seus beijos deviam ser diferentes dos dos outros homens...

Então, ocorreu-lhe que os estava espionando. Ele a julgaria impertinente se soubesse que ela assim procedera.

Lentamente, consciente de que devia sentir-se chocada e desgostada, mas consciente também de que eram bem diversos seus sentimentos, Dorinda voltou ao salão.

O jogo de gamão tinha acabado. O Sr. Thompson pagava ao seu adversário e os outros parceiros estavam tomando uísque em longos copos lisos.

— É hora de nos retirarmos — disse o Sr. Thompson. — Não queremos acordar Lady Lettice, não é?

— Tenho que levantar cedo — disse seu oponente. — Só me deito tarde aos sábados...

Alguém fez um comentário que Dorinda não ouviu bem, mas provocou gargalhadas dos demais. Nesse momento, a Sr.<sup>a</sup> Thompson, seguida por Maximus Kirby, voltou ao salão.

Kirby tinha uma expressão enigmática e Dorinda julgou perceber em seus lábios um trejeito cínico. Havia, porém, um brilho de triunfo nos olhos azuis da Sr.<sup>a</sup> Thompson e a bela inglesa a olhava com provocação.

“Ela conseguiu o que esteve a noite toda desejando, e parece muito satisfeita”, pensou Dorinda.

Todos se despediram, agradeceram a boa acolhida e se dirigiram para a praia, onde Dorinda sabia que cavalos e carruagens, ou talvez cansados puxadores de riquixá, os aguardavam para levá-los de volta às suas fazendas.

Ela ficou no convés, observando a lanterna do escaler se afastando na escuridão.

A Sr.<sup>a</sup> Thompson continuou acenando para o iate, o branco braço levantado, até que a escuridão os envolveu.

Em breve, apenas o brilho das luzes nas árvores era visível, não tão intenso quanto o das estrelas ou o da lua, agora a pino no céu.

Tudo era tão belo, o momento tão mágico, que Dorinda esqueceu-se de que não estava sozinha.

E, então, ouviu Maximus Kirby dizer, num tom divertido:

— Estou esperando.

## CAPÍTULO 5

— ESPERANDO? — repetiu a moça, surpresa. — Por quê?

— Pelo sermão que a senhorita certamente pretende me passar.

Dorinda não respondeu. Kirby continuou, maliciosamente:

— Certamente que é sua obrigação, como dama de companhia, me passar uma reprimenda... ou vai deixar o problema com a minha consciência?

— O senhor não me deve explicações pelo que faz, Sr. Kirby.

Após uma pequena pausa, o rapaz perguntou:

— A senhorita ficou chocada?

Ela notou que o seu tom de voz se tinha modificado e respondeu, séria.

— Não sei... realmente, acho que não... acho que compreendo...

Ela o viu sorrir ao luar e pensou perceber naquele sorriso o mesmo trejeito cínico que havia em seus lábios quando ele voltara ao salão.

Dorinda sabia que ele esperava que ela dissesse mais alguma coisa e, de algum modo, sentiu-se levada a esclarecer o que pensava.

— Eu me lembro — disse, lentamente — de que há alguns anos, papai apareceu com um amigo, um velho Par da Coroa, no Derby. O nobre ganhou muito dinheiro nas corridas e quando meu pai o levava à sua casa, na carruagem, ele começou a atirar à multidão toda a prata que tinha nos bolsos. Seu gesto causou confusão e meu pai lhe perguntou:

— Por que está fazendo isso?

— Eles querem dinheiro e eu o tenho — respondeu o nobre.

Dorinda não olhou para Maximus Kirby enquanto falava, tendo sempre os olhos voltados para a silhueta das montanhas e florestas contra o céu.

— Então, acha que estou sendo generoso demais com meus beijos? — indagou o rapaz.

— Miss Hyde, a senhorita é uma pessoa estranha...

Ela achou que ele estava rindo às suas custas.

— Não sei por que diz isso.

— Tenho a sensação, uma sensação que não sei explicar a mim mesmo, de que a senhorita não é o que aparenta. O vestido cinzento, a aparência discreta... talvez escondam uma realidade bem diferente.

Dorinda ficou em silêncio.

Pensava que Kirby devia ser um homem muito sensível e estava surpresa pelo interesse que ele parecia ter por ela.

— A senhorita já foi beijada? — perguntou Kirby, de repente.

Dorinda sentiu que enrubescia e desejou que estivesse suficientemente escuro para que ele não reparasse.

— Esse não é o tipo de pergunta que o senhor deveria fazer-me, Sr. Kirby — respondeu a moça, esperando que seu tom de voz exprimisse recriminação.

— Serão os ingleses tão frios quanto se diz? — perguntou Maximus. — Ou será que a senhorita é tão austera quanto as cores dos seus vestidos?

— Acho que é hora de eu me recolher — disse Dorinda, baixinho.

— Estou praticamente convencido — continuou Kirby, como se ela nada tivesse dito — de que sob essa aparência puritana há um coração ardente e talvez um fogo adormecido que ninguém ainda despertou. Eu gostaria de saber a razão.

— Estávamos falando a seu respeito, Sr. Kirby — lembrou a moça.

Ele riu.

— Eu lhe disse, Miss Hyde, que a senhorita é diferente das outras mulheres. É a primeira mulher que não gosta de falar sobre si mesma.

— Mas o senhor gosta de falar de si mesmo — retrucou Dorinda, rapidamente, arrependendo-se no mesmo instante de suas palavras.

Maximus Kirby tornou a rir.

— Então a senhorita também é temperamental! Estou começando a aprender mais do que esperava sobre a senhorita,

Miss Hyde.

— Duvido que o senhor me ache interessante — disse a jovem, numa voz que pretendia ser indiferente. — E, de qualquer modo, já que o senhor vai se casar dentro de duas semanas, logo estarei de volta à Inglaterra.

Ele não respondeu.

Apesar de Kirby continuar imóvel, Dorinda experimentou a sensação de que, de algum modo, ele se aproximara mais dela.

Seu coração batia descompassadamente e ela sentia uma estranha excitação que nunca experimentara antes.

— Sempre confiei em minha intuição — disse Maximus Kirby, após alguns momentos — e neste momento ela me diz que não a deixe voltar à Inglaterra. Mas desconheço por completo a razão...

— Isso lhe dará o que pensar, mas não creio que encontre a resposta — retrucou Dorinda.

Enquanto falava, a moça percebeu que o navio tinha se distanciado da enseada e estava agora em mar aberto, nos Estreitos. Viu, então, alguns barcos com pequenas velas irem ao encontro do iate.

Os barcos tinham estranhas formas e ela recordou o que o Dr. Johnson lhe tinha dito a respeito daquelas embarcações feitas de kajang e bambu, com mastro também de bambu.

Avistou os pequenos barcos sem realmente lhes dar atenção, pensando apenas no que deveria dizer em seguida a Maximus Kirby.

Ela gostaria de continuar conversando com Kirby, mas sabia que procederia corretamente se se retirasse para sua cabina.

No entanto, uma parte de seu cérebro estava voltada para os pequenos barcos que se aproximavam rapidamente, impulsionados, ela via bem agora, não pela força do vento, mas por talvez nove remos em cada lado dos mesmos.

— Não há vento suficiente para que aqueles barcos se movam tão depressa — comentou a moça.

Maximus Kirby voltou-se para a direção que ela apontava e ficou subitamente tenso.

— *Prahus!* — exclamou o rapaz.

— O senhor quer dizer com isso que são piratas? — indagou Dorinda.

Como resposta, Kirby empurrou-a pelo convés na direção da escada.

— Vá para baixo! — ordenou ele.

Dorinda, porém, permaneceu indecisa nas sombras do convés, e enquanto ele desaparecia, olhou de novo para os *prahus*, cada vez mais próximos do iate.

Tentou recordar-se das muitas histórias que ouvira a respeito dos piratas e lembrou-se apenas de que eles possuíam armas em seus navios.

Não sentiu medo. De algum modo, aqueles seis *prahus* se aproximando silenciosamente do iate, não pareciam reais. Nem mesmo o ruído dos remos era perceptível enquanto eles se moviam ritmicamente nas águas mansas.

Então, enquanto observava os barcos piratas, Dorinda percebeu de repente que uma súbita atividade se processava à sua volta. Homens rastejavam pelo convés, protegidos pelas grossas cordas enroladas ao longo da amurada.

De onde estava, a jovem podia ver também uma plataforma de flores onde antes tinha sido colocada a gaiola com papagaios e cacatuas, a qual fora recolhida para que, como Dorinda ouvira Maximus explicar a Letty, os pássaros não ficassem assustados, se ventasse muito à noite.

A grande gaiola tinha sido colocada em segurança contra a parte central da estrutura, mas agora mãos silenciosas removiam as flores da plataforma para descobrir canhões.

“Eles vão ser montados sobre uma base giratória para poderem atirar nos piratas qualquer que seja a direção do seu ataque” — pensou Dorinda.

Lembrou-se então de que o Dr. Johnson lhe dissera que os piratas quando encontravam um navio ancorado numa enseada solitária, costumavam abordá-lo silenciosamente e massacrar tripulação e passageiros.

Agora, no entanto, os piratas iam ter uma boa surpresa, pois o convés estava repleto de homens dispostos à luta, armados de adagas, as pequenas espadas com lâmina afiada que os chineses usavam havia muitas gerações.

O primeiro *prahu* já tinha encostado no iate e a extremidade de sua vela estava ao nível da amurada. Outros dois barcos se aproximaram e Dorinda percebeu que havia três *prahus* de cada lado do iate.

Mas tudo continuava silencioso!

A jovem jamais poderia imaginar que navios com tão numerosa tripulação pudessem se aproximar tão silenciosamente, que jamais teriam sido percebidos se ela estivesse adormecida.

Então, ouvindo passos na escada, Dorinda procurou ocultar-se ainda mais nas sombras para não ser vista.

Era Maximus Kirby em mangas de camisa, usando uma pistola na mão direita e um cris<sup>1</sup> na outra.

Ele surgiu no convés e gritou:

— Fogo!

Sua voz pareceu mais forte e assustadora devido ao silêncio que a precedeu. E, então, o inferno desabou sobre o iate.

Quando Maximus Kirby gritou sua ordem, cabeças apareceram na amurada do iate, indicando que os piratas estavam tentando a abordagem.

Dorinda pôde vê-los claramente à luz do luar. Seu cabelo era comprido e — ela soube mais tarde — eles o deixavam crescer para que, durante a batalha, sua aparência fosse mais

---

<sup>1</sup> Cris — punhal malaio de lâmina ondulada.

feroz.

Os piratas apareceram na amurada e Dorinda pôde perceber que carregavam escudos de bambu e estavam armados com lanças e crises.

Alguns tinham mosquetes, mas era tanta a confusão que eles atiravam a esmo, sem conseguir acertar.

Os que tinham atingido o convés foram repelidos e caíram, feridos ou mortos, no mar. Dorinda, que tudo observava, teve a impressão de que no combate corpo a corpo Maximus Kirby estava em toda parte.

Aparentemente, o rapaz tinha esgotado a munição da pistola e usava agora o cris contra os piratas.

Em breve, muitos corpos ensangüentados jaziam no convés e os piratas sobreviventes estavam tentando a retirada, remando freneticamente para longe do iate do qual tinham se aproximado de modo tão confiante.

Então, os canhões que tinham sido ocultos pelas flores, iniciaram o bombardeio e, um a um, os *prahus* começaram a afundar.

Os barcos piratas deram alguns tiros, mas apenas um ou dois acertaram o alvo, fazendo o iate oscilar, mas não eram capazes de causar os mesmos danos que os canhões de Kirby.

Cinco *prahus* tinham afundado em poucos minutos de fogo e Dorinda pôde divisar alguns homens nadando para a praia.

Um *prahu* quase tinha conseguido atingir em segurança o mar alto, mas um bom tiro de canhão pareceu erguê-lo acima do nível da água, virando-o depois de borco e os homens o abandonaram como ratos.

Tudo parecera tão fantástico, tão irreal, que Dorinda não sentira medo.

Então, quando o fogo cessou e a tripulação de Maximus Kirby olhou os corpos ensangüentados espalhados pelo convés, Dorinda saiu de seu esconderijo.

— Vocês fizeram um bom trabalho! — ouviu Maximus Kirby dizer a seus homens. — Estou orgulhoso de vocês.

Eram todos chineses e malaio, com exceção do capitão, um inglês, e todos o olharam com alegria e satisfação.

Maximus voltou-se para Dorinda.

A jovem pensou que ele ia recriminá-la por não ter obedecido suas ordens, mas percebeu a mancha de sangue em seu ombro, onde a camisa branca fora rasgada por uma espada e exclamou:

— O senhor está ferido!

E, mal terminou de falar, ouviu o grito de Letty.

\* \* \*

Fazia muito calor e Dorinda permaneceu no convés, olhando a costa. Era difícil acreditar nos acontecimentos da noite passada. A moça ainda tinha a impressão de que tudo não passara de imaginação.

Quando se levantara naquela manhã, após dormir pesadamente algumas horas, apesar de ter pensado que não conseguiria pregar olho, todos os sinais da batalha tinham sido removidos.

Os corpos tinham desaparecido, o convés estava limpo e novas flores pareciam ter sido acrescentadas à decoração para substituir as prejudicadas no combate.

Entretanto, Maximus Kirby estava usando um curativo no ombro e a Irmã Teresa insistia para que ele usasse também uma tipóia, a fim de prevenir qualquer hemorragia. Aquele ferimento era um dos poucos sinais do ataque dos piratas.

A tripulação também tinha cortes de lâmina de armas brancas no rosto e a Irmã Teresa e Dorinda tinham feito curativos em seus ferimentos.

— A senhorita não precisa ter esse trabalho, Miss Hyde — disse Maximus Kirby ao vê-la cuidando de um profundo ferimento causado por adaga.

A moça levantara a cabeça e lhe sorria.

— Que espera que eu faça? — perguntou ela. — Que me sente no salão e peça uma bebida fria? — acrescentou, em tom irônico.

Ele não respondeu. Apenas voltou-se para o chinês do qual ela tratava:

— Você é muito corajoso, rapaz!

Dorinda viu um brilho de adoração nos olhos escuros do amarelo antes que Maximus Kirby se afastasse.

O próprio iate não sofrera muitos danos, a não ser dois rombos na linha d'água que seriam reparados quando ancorassem.

Por outro lado, não havia dúvida de que os piratas tinham recebido uma dura lição. Eles agora teriam mais cuidado e não atacariam nenhum navio pertencente a Maximus Kirby.

— Eles se enganaram porque não viram a chaminé do iate — disse Kirby. — São piratas sarebus, muito ativos na costa de Java, e devem ter pensado que relaxamos a vigilância na área de Cingapura.

O maior prejuízo que a batalha causara, como Dorinda e a Irmã Teresa sabiam, tinha sido a Letty.

O tiroteio fora terrível e a assustara muito. Letty gritara por muito tempo depois que a batalha terminara. Na verdade, ela não podia se controlar e só se acalmou depois que a Irmã Teresa lhe deu alguns remédios para fazê-la adormecer.

Na manhã seguinte, Dorinda não fez nenhuma tentativa para que a irmã fosse ao convés. Quando a jovem entrara na cabina de Letty, esta, prostrada, lhe disse:

— Dorinda, quero voltar para casa... não quero mais ficar aqui...

— Letty, você não pode ficar tão impressionada com os acontecimentos da noite passada! Foi um caso raro, pois o Sr. Maximus Kirby praticamente erradicou a pirataria em Cingapura.

— Mas... ouvi tudo... ouvi os piratas... — retrucou Letty, teimosamente. — Eles queriam nos matar...

— Eles jamais conseguiriam isso — afirmou Dorinda. — Não com o Sr. Kirby nos defendendo. Ele lutou corajosamente, Letty. Você devia estar orgulhosa de seu noivo.

— Quero ir para casa — repetiu Letty.

Dorinda percebeu que não adiantava no momento argumentar com a irmã e, esperando que ela adormecesse de novo, foi até o convés, determinada a falar claramente com Maximus Kirby sobre as condições da irmã.

— Temo que Lady Lettice tenha ficado assustada demais — disse ela, em resposta às perguntas de Kirby. — Foi um choque muito grande para ela, pois estava na cabina, sem saber o que acontecia. Eu presenciei tudo e por isso não fiquei tão assustada.



— A senhorita devia ter obedecido às minhas ordens — disse ele, com frieza. — Quando dou uma ordem, espero ser obedecido.

— Quanta autoridade! — sorriu Dorinda. — Não pensou no que poderia ter acontecido se não estivéssemos naquele momento no convés?

— Nesse caso, haveria alguém de guarda — retrucou Maximus Kirby. — Sempre há alguém de guarda quando eu me recolho.

O rapaz percebeu que ela ia retrucar e atalhou:

— Está bem, a senhorita tem razão. No futuro, haverá sempre uma sentinela após o escurecer, mas eu lhe asseguro que esses acontecimentos não são agora tão freqüentes. Uma vez em cem viagens, talvez...

— Foi uma falta de sorte que Lady Lettice estivesse a bordo justamente nesta viagem.

Maximus Kirby não soube o que responder ao comentário de Dorinda.

O iate continuava singrando as águas, ao longo da costa. Dorinda soube que chegariam à tardinha a Cingapura e, por causa de Letty, ficou contente por não terem de passar outra noite no mar.

Entretanto, enquanto as horas passavam, aumentava sua preocupação com Letty. A irmã continuava afirmando que queria voltar para casa.

Letty estava em péssimas condições, choramingando e tremendo, pedindo constantemente a presença da Irmã Teresa e estremecendo ao menor ruído. Era evidente que todos os esforços feitos na última semana estavam, lamentavelmente, se tornando inúteis.

Dorinda, determinada a não permitir que Maximus Kirby visse Letty naquele estado, resolvera pedir-lhe que fosse muito gentil e paciente no seu relacionamento com a noiva.

De qualquer modo, a moça tinha a intenção de falar com Kirby antes do casamento sobre o temperamento de Letty, como o pai lhe pedira. Mas, desde a noite anterior, quando os acompanhara ao convés, receando que Maximus Kirby tentasse beijar Letty ou a assustasse de algum modo antes que ela se acostumasse à vida em Cingapura, Dorinda pensava se não seria melhor ter uma conversa séria e imediata com Kirby.

A oportunidade apareceu à tarde, quando a Irmã Teresa desceu para fazer companhia a Letty, na cabina, e Dorinda mais uma vez acomodou-se sob o toldo no convés.

Durante alguns momentos, esteve sozinha. Depois, Maximus Kirby foi ao seu encontro e sentou-se numa cadeira, a seu lado.

— Como está o seu braço? — perguntou Dorinda.

— Foi apenas um arranhão — respondeu Kirby. — A Irmã Teresa faz um tremendo escarcéu por uma coisinha à-toa. Como todas as mulheres, ela gosta de ter um homem à sua mercê.

— Isso é o que normalmente as mulheres dizem a respeito dos homens — retrucou a moça.

Ele a olhou com um sorriso nos lábios e Dorinda disse em voz baixa:

— Eu queria falar com o senhor sobre Lady Lettice.

— Ela está muito abalada?

— Foi um grande choque — respondeu a jovem. — Tendo sempre vivido uma vida muito tranqüila na Inglaterra, Lady Lettice não está acostumada a qualquer espécie de choque...

Após uma breve pausa, sem coragem de encarar Maximus Kirby, Dorinda murmurou,

embaraçada:

— Eu gostaria de lhe pedir... antes que se case com Lady Lettice... que seja muito bondoso e paciente com ela.

— Está tentando ensinar-me a tratar minha mulher, Miss Hyde?

Dorinda enrubesceu vivamente. Agora não havia sombras que pudessem esconder seu rubor.

— Oh, não, claro que não — apressou-se a moça a responder, pouco à vontade. — Eu estava apenas... tentando explicar-lhe o temperamento de Lady Lettice... sua atitude em relação ao casamento é bem diferente da da maioria das mulheres.

Suas palavras pareciam incoerentes até para ela mesma. Maximus perguntou:

— Está tentando sugerir, Miss Hyde, que Lady Lettice não quer se casar comigo?

Houve de novo uma pausa, antes que Dorinda murmurasse:

— Não, claro que não. É que ela fez uma longa viagem e está agora muito distante de casa, numa terra desconhecida e com um noivo que também não conhece bem. O senhor ficou apenas dois dias em Alderburne Park...

— Pelo que o conde me disse, pensei que a idéia do casamento agradasse a Lady Lettice — respondeu Kirby.

Se Dorinda não estivesse tão preocupada, provavelmente teria se divertido ao verificar que, talvez pela primeira vez na vida, Maximus Kirby encontrava uma mulher que não estava disposta a atirar-se em seus braços antes mesmo que ele lhe pedisse.

— Estou certa de que tudo vai acabar bem — declarou Dorinda. — Se o senhor for paciente e conseguir atrair antes sua confiança...

— Entendo perfeitamente o que a senhorita está tentando dizer-me, Miss Hyde... — disse Maximus, rispidamente, e, levantando-se, em seguida, afastou-se da jovem em passos decididos.

Dorinda preocupada, acompanhou-o com o olhar.

Teriam suas palavras piorado a situação? Teria cometido um erro ao falar com Kirby, despertando no rapaz a suspeita de que as coisas não eram exatamente como ele esperava, antes que descobrisse por si mesmo a verdade?

Não houve oportunidade para outra conversa.

A tardinha, avistaram Cingapura e, embora Dorinda preferisse permanecer no convés, vendo o navio aproximar-se do cais e ancorar na enseada que, segundo lera, era a mais bela e espaçosa do mundo, teve que ir ajudar a Irmã Teresa.

Foi difícil convencer Letty a vestir-se e mais difícil ainda a ser gentil.

Apenas quando ancoraram, pôde Dorinda ir de novo ao convés apreciar a enseada e as centenas de barcos entrando e saindo a todo momento do porto.

Seu único consolo por ter perdido a chegada era a aparência simplesmente maravilhosa de Letty num vestido de musselina branca, enfeitado de fitas rosas. A jovem usava um chapéu de abas largas com arranjos de flores.

Um brilho de admiração perpassou pelos olhos de Maximus Kirby quando tomou as mãos de Letty nas suas, levando-as aos lábios.

— Espero que você esteja melhor — disse o rapaz. — Lamento muito que tenha sido perturbada na última noite...

— Não gosto do mar — respondeu Letty, orgulhosamente. — É assustador.

— Vamos desembarcar agora — observou ele. — E por muito tempo você não vai precisar ver o mar.

Letty nada disse, mas era evidente que ansiava por deixar o iate e esquecer tudo o que a assustara.

Dorinda apertou a mão do capitão e despediu-se de alguns marinheiros. Mas Letty permaneceu de lábios cerrados e obviamente ansiosa para desembarcar. A prancha foi afinal colocada e Maximus Kirby ajudou-a a descer. Duas carruagens estavam à espera no cais, ambas muito bonitas e com toldos de algodão para proteção contra o sol.

Dorinda sabia, sem que fosse preciso lhe ser dito, que Maximus e Letty iriam num dos veículos e ela e a Irmã Teresa no outro. Mas Letty não tinha intenção de se separar delas.

— Você virá comigo? — Dorinda ouviu Maximus Kirby perguntar à noiva, com um sorriso que provavelmente encantaria todas as mulheres do mundo.

— Quero ir com Dorinda e a Irmã Teresa — respondeu Letty. — Quero que elas fiquem comigo.

Maximus Kirby recebeu muito bem a negativa e viajaram os quatro numa das carruagens, na qual, aliás, havia suficiente espaço.

Dorinda teve então a primeira visão da cidade e achou-a tão fascinante quanto esperara. As ruas eram estreitas, as casas altas, com placas presas em argolas de ferro quase tocando umas nas outras, todas com caracteres chineses escritos em vermelho ou preto.

As fachadas das lojas eram enfeitadas com faixas de papel vermelho. Era divertido ver os chineses caminharem em passinhos curtos nos seus sapatos sólidos, as mãos escondidas nas longas mangas da túnica ou carregando uma sombrinha.

As mulheres tinham alfinetes dourados ou prateados nos cabelos e seus rostos eram pintados de branco ou vermelho.

Os chineses pareciam ricos e prósperos, mas os malaios, quase sempre esmulambados, pareciam encarregar-se das tarefas mais grosseiras, como a limpeza das ruas e das fachadas das lojas ou o transporte de grandes volumes na cabeça.

Era difícil ter da cidade mais que uma simples impressão porque os cavalos atravessavam rapidamente as ruas, em direção aos bairros mais ricos onde algumas das casas eram extremamente belas, por seus estilos ou locais de construção.

Então, quase no topo de uma colina com uma paisagem maravilhosa para a enseada, chegaram à casa de Maximus Kirby.

A primeira impressão de Dorinda foi de admiração, pois a cobertura era de telhas de jade verde, com os cantos em estilo chinês ostentando belos dragões de porcelana.

Um vasto pórtico oferecia proteção contra o sol e a chuva, e dava acesso à casa por um longo lance de degraus baixos.

Dorinda não sabia o que poderia esperar, mas a exótica e encantadora casa que Maximus Kirby construía para Letty ultrapassava em muito suas melhores expectativas.

Estava fresco e, após o brilhante sol que inundava a cidade, o interior da casa parecia escuro.

No enorme salão, depois que seus olhos se acostumaram à penumbra, Dorinda viu verdadeiros tesouros de arte: vasos chineses, mobília marchetada, quadros possivelmente comprados na Europa e, por toda parte, buquês de orquídeas das mais variadas cores.

Era tão belo o conjunto que a jovem ficou-se, imóvel, admirando-o enlevada, até que

ouviu Letty dizer, no tom lamuriento que ela tão bem conhecia.

– Quero me deitar... estou me sentindo doente.

– Sim, é claro – respondeu Dorinda. – Estou certa de que alguém nos mostrará os nossos aposentos...

Os aposentos eram realmente tão elegantes quanto alguém poderia esperar após ver as salas do andar térreo. Não estavam muito mobiliados, mas ofereciam conforto e o quarto de Letty tinha sido decorado com um papel de parede chinês estampado com flores rosas e uma profusão de pássaros exóticos.

– Olhe, Letty, mais pássaros! – exclamou Dorinda.

Mas, dessa vez, Letty não estava interessada em coisa alguma.

– Estou doente... quero voltar para a Inglaterra, para casa!

Ela repetiu a frase uma porção de vezes, como um papagaio, a ponto de Dorinda achar que não ia agüentar por muito tempo.

Mas, finalmente, Letty trocou de roupa e deitou-se na grande cama branca com mosquitoireiro, que parecia saída de um conto de fadas. A Irmã Teresa deu-lhe algo para beber e Dorinda sabia que em breve ela estaria adormecida.

– Não aprovo calmantes – disse a Irmã Teresa, quando elas deixaram o quarto – mas este é fraquinho... e, além do mais, que podíamos fazer?

– É verdade – comentou Dorinda. – Foi uma tragédia termos sofrido aquele ataque ontem à noite, justamente quando Letty estava de bom humor e até um tanto ansiosa para ver a casa e o jardim...

– Ela sempre se comporta assim? – indagou a missionária.

Dorinda hesitou por um momento e depois resolveu dizer a verdade.

– Algumas vezes ela é melhor que em outras – respondeu a moça. – Mas, como a senhora já viu, Letty acha muito difícil concentrar-se por muito tempo em um determinado objetivo e só gosta das pequenas coisas que a divertem, como pássaros e bonecas...

– E, no entanto, seu pai achou que podia casá-la com um homem como Maximus Kirby! – exclamou a Irmã Teresa.

Dorinda não respondeu. Sabia que não havia nada que pudesse dizer.

Sentia-se pouco à vontade e constrangida quando, com a Irmã Teresa, se reuniu a Maximus Kirby para o jantar.

Kirby era um ótimo anfitrião, mas justamente por ser sensível aos sentimentos alheios, Dorinda percebeu que ele ficara surpreso com o comportamento de Letty.

De algum modo, a jovem tentou suprir as deficiências da irmã.

A Irmã Teresa desculpou-se ao final do jantar e retirou-se, alegando que precisava atender Letty. Maximus Kirby nada fez para retê-la e Dorinda ficou a sós com Maximus na gigantesca sala central da casa. Então, a moça já sabia que os outros aposentos do andar térreo davam para o vasto cômodo.

Dorinda caminhou até o fundo da sala, onde estavam as janelas. A escuridão já era agora bem acentuada, mas no momento da chegada, ela tivera uma rápida visão das árvores e arbustos cobertos por uma profusão de orquídeas em flor.

– Está muito escuro agora para se ver o que quer que seja lá fora – disse Maximus, atrás dela. – Gostaria de conhecer o resto da casa?

– Gostaria muito – respondeu a moça, entusiasticamente.

Dorinda esperava que o seu interesse compensasse de algum modo a ausência de Letty.

A jovem teria ficado muito desapontada se tivesse construído uma casa tão suntuosa para alguém que nem sequer parecia vê-la.

A construção tinha muitas características da arquitetura chinesa, mas também todos os confortos das residências inglesas, tais como banheiros e cozinhas modernos.

Nada podia ser mais harmoniosamente belo que os pátios, por certo bastante frescos durante a fase mais quente do dia e onde as fontes cantavam nos reservatórios de pedra.

Acima dos pátios havia balcões cobertos no primeiro andar, para os quais abriam os quartos, todos decorados com valiosos tesouros de arte.

Dorinda não esperara que Maximus Kirby tivesse tanto bom gosto. A moça nem sequer considerara aquele aspecto de sua personalidade.

Efeitos maravilhosamente decorativos tinham sido obtidos com o uso de antiqüíssimos azulejos e talhas chinesas, dando à arquitetura uma rara distinção e os quadros, ornamentos e tapetes demonstravam obviamente uma longa e cuidadosa seleção.

Após entrar e sair de vários aposentos, Dorinda percebeu que a nova casa estava ligada à outra, mais velha.

— Comprei uma casa neste local quando vim pela primeira vez a Cingapura — explicou Maximus Kirby. — Apesar de ter feito muitas modificações, conservei intactos alguns cômodos.

Algo no seu modo de falar fez Dorinda perceber que aqueles cômodos deviam ser especiais.

— Posso vê-los? — perguntou a moça.

Ele hesitou um momento antes de responder:

— Se a senhorita fizer mesmo questão...

Eles saíram da enorme versão ocidentalizada de uma casa chinesa para uma casa muito mais velha e menor, onde as salas remanescentes tinham sido construídas em volta de um pequeno pátio. Uma magnólia em flor atraía de imediato a atenção do observador, mas o resto dos arbustos ali existentes eram miniaturas.

Dorinda sabia que as pequenas árvores deviam ser seculares e ela gostaria de observá-las bem sob as lanternas que pendiam de ganchos de ferro. Maximus Kirby porém, conduziu-a a uma sala que, Dorinda logo percebeu, continha a maior parte de seus tesouros pessoais.

Havia bronzes chineses tão antigos que datavam do século XIII antes de Cristo e uma coleção de peças de jade que a fez soltar uma exclamação de encantada admiração.

— Sabe alguma coisa a respeito de jade? — perguntou Kirby.

— Li que os chineses acreditam que o jade é um produto do paraíso e contém força criativa — respondeu Dorinda.

— É verdade — confirmou o rapaz. — Dizem que possui poderes misteriosos para curar o corpo e pode até causar a imortalidade.

Dorinda segurou uma peça de jade, verde como o mar que acabara de singrar.

— Lembro-me que li em alguma parte que o jade também tem o poder de expulsar os maus pensamentos... — sorriu Dorinda.

— Acredita nisso?

— Gostaria de acreditar — respondeu a moça. — Talvez um dia eu venha a possuir uma peça de jade e, quando tiver um mau pensamento, eu a tocarei para que o expulse...

Dorinda tinha falado sem refletir e, temendo que ele julgasse que estava lhe pedindo

uma peça de jade de presente, apressou-se a acrescentar:

— Há outro aposento contíguo a este. Posso vê-lo?

Novamente ela julgou perceber uma leve hesitação em Maximus Kirby até que, sem dizer palavra, o rapaz caminhou para a porta da outra sala e girou a maçaneta. Dorinda encontrou-se num estranho aposento, completamente decorado à moda oriental, com almofadões em vez de cadeiras e apenas umas poucas peças de porcelana chinesa em mesinhas baixas. Dorinda olhou em torno de si e deixou escapar uma exclamação de alegria.

Uma das estatuetas tinha a forma de um cavalo moldado em bronze avermelhado, e a jovem a reconheceu imediatamente.

— É Tang, não? Um dos guardiões de uma sepultura.

— Como sabe disso? — indagou Maximus Kirby.

— Li a respeito — respondeu Dorinda. — E queria muito ver um...

Ela tocou o cavalo com as pontas dos dedos, acariciando a suave curva do seu belo pescoço.

— É impossível não admirar essa tensão, esse vigor — murmurou a moça, como se falasse mais para si mesma. — Ele me parece tão vivo, prestes a mover-se...

Maximus Kirby limitou-se a dizer:

— Quero que a senhorita veja meus quadros e me diga o que acha deles.

Com relutância, Dorinda desviou os olhos do cavalo e das outras peças de cerâmica e viu, presas às paredes, três longas telas de evidente antigüidade, pintadas com pincel e quase sem cores.

O primeiro quadro mostrava flores perto de um lago calmo, em cujas margens se erguia um estéril, íngreme e escuro penhasco. Encimava-o uma árvore açoitada pelo vento e seus galhos pareciam frágeis demais para lhe opor resistência.

Dorinda olhou longamente a tela antes de Maximus perguntar:

— Que está vendo?

— Sei que a pintura chinesa é mais subjetiva que objetiva, a predominância do espiritual sobre o material — a moça fez uma pausa antes de continuar, lentamente: — Acho que as flores e o lago simbolizam a nossa tranqüila e rotineira existência.

— Continue.

Ela julgou perceber um brilho de surpresa nos olhos de Kirby.

— Posso estar errada — prosseguiu Dorinda. — Mas acho que, tem uma significação: em vez de nos conformarmos com as flores e o lago, devemos escalar o penhasco. A escalada é penosa e o vento frio e impiedoso, mas só assim poderemos realmente nos aprimorar e realizar...

Um silêncio os envolveu e Dorinda sentiu de um modo inexplicável que ela e Maximus Kirby estavam muito próximos.

Então, o rapaz estendeu a mão e, tomando-lhe o braço, levou-a à outra parede, de onde pendia a segunda tela.

— E esta?

Dorinda sentiu-se perturbada com o gesto de Kirby que, embora simples, parecia torná-la sua propriedade.

Havia qualquer coisa tão magnética e vital em Kirby que ela subitamente se sentiu fraca e dependente, desejando poder recostar-se nele e saber que ele a protegia.

Maximus retirou a mão e Dorinda procurou pensar apenas no quadro, no qual o artista parecia também ter usado o menor número possível de pinceladas. Entretanto, sua pintura causava profunda impressão ao primeiro olhar.

O quadro mostrava uma ponte sob a qual corria um rio.

“O rio da vida!”, pensou Dorinda.

Também se viam flores e uma árvore repleta de frutos encimada por uma nuvem. E ali igualmente apareciam os picos de uma montanha, brilhando intensamente, em consequência do sol ou da neve.

Os dois se entreolharam e tornaram de novo a contemplar o rio e a ponte.

— Que acha disso?

— Não tenho certeza — respondeu Dorinda. — Acredito que tenha diferentes significações para diferentes observadores. Esse quadro me faz sentir algo que não posso expressar em palavras.

A jovem hesitou antes de continuar:

— Talvez eu possa vir olhá-lo outras vezes até estar certa da mensagem que ele me transmite.

Kirby nada comentou. Dorinda olhou em volta e sentiu que havia no aposento uma estranha paz.

— Tenho certeza de que o senhor vem aqui quando está preocupado ou perturbado — disse a moça. — Acho que esta sala é o coração de sua casa.

Assim que as pronunciou, percebeu que as palavras soavam indiscretas, exageradas, apesar de terem chegado espontaneamente a seus lábios.

Dorinda pensou que Maximus Kirby fosse rir dela, mas, em vez disso, o rapaz a levou de volta à nova casa que tinha construído para Letty.

A jovem esperou que ele a convidasse para sentar-se um pouco, a fim de continuarem a conversa, mas Kirby a conduziu até o pé da escada e Dorinda compreendeu que devia se recolher.

Ela estendeu a mão.

— Boa noite, Sr. Kirby — disse a moça. — Obrigada por ter me mostrado sua bela casa.

— Fico satisfeito em saber que ela lhe agradou... — respondeu ele, convencionalmente, tendo no rosto uma incompreensível expressão.

O rapaz parecia de repente tão frio e distante que Dorinda se perguntou se o teria ofendido de alguma forma. Então, sem esperar sequer que ela começasse a subir os degraus, Kirby fez uma ligeira reverência e afastou-se.

Dorinda recolheu-se ao leito ainda preocupada com a reação de Kirby. Deitada na escuridão, começou a pensar em tudo o que lhe acontecera desde que Maximus tinha ido ao seu encontro no “Osaka”.

— Ele é tão estranho, tão imprevisível! — disse a si mesma.

Dorinda lembrou-se de que todos o consideravam um homem simplesmente fantástico e lhe faziam as mais extraordinárias referências. Mas ninguém mencionara sua excepcional cultura, capaz de sobrepujar de muito a de qualquer pessoa que ela conhecia...

Ela podia imaginar seu próprio pai, conhecedor da arquitetura inglesa, talvez apreciando pinturas chinesas, mas sem conseguir entendê-las.

Aquelas formas de arte não despertavam o interesse dos cavalheiros que freqüentavam

Alderburne Park, como o faziam a Maximus Kirby.

Quem era, realmente, aquele homem estranho, imprevisível, que em breve se tornaria seu cunhado?

— Meu cunhado!

Dorinda murmurou as palavras na escuridão e enterrou o rosto no travesseiro numa vã tentativa de escapar à súbita dor que elas lhe causavam.



## CAPÍTULO 6

DORINDA caminhava na fresca atmosfera da grande sala de estar, e deteve-se, afinal, para olhar o jardim.

Uma profusão de borboletas voava por sobre as orquídeas alaranjadas, amarelas, azuis, turquesas, cada uma mais brilhante e colorida que a outra. Leves e graciosas, elas pareciam de algum modo mais belas que as flores exóticas sobre as quais voavam.

Dorinda já estava acostumada àquele espetáculo, desde que chegara a Cingapura, mas a beleza das borboletas nunca deixava de sensibilizá-la.

Olhando o sol, quente e dourado, que tudo aquecia com seus raios fortes, a jovem sentiu que seu coração falhava uma batida ao pensar que ela logo estaria de volta à garoa e ao frio da Inglaterra.

Então, o eczema voltaria a atormentá-la e ela de novo se transformaria numa espécie de fantasma movendo-se discretamente por Alderburne Park, com medo de encontrar quem quer que fosse, resolvida a não ser vista por ninguém.

Suas velhas tarefas domésticas estariam à sua espera e a jovem quase podia ouvir a voz de seu pai, dizendo:

— Onde está Dorinda? Vou pedir-lhe que resolva este assunto.

Ou a voz de sua mãe, num tom mais suave, pedindo:

— Cuide de tudo, Dorinda. Não consigo falar com o cozinheiro quando ele está tão temperamental...

Tudo voltaria a ser como antes e, algum tempo depois, ela chegaria a pensar que nunca saíra da Inglaterra e só lhe restariam lembranças...

Lembranças das borboletas, do sol, de sua bela aparência, de sorrir naturalmente para as pessoas. E, sobretudo, lembranças de Maximus Kirby.

Aquele era o sexto dia de sua permanência na casa de Kirby e, no entanto, por mais incrível que parecesse, desde a primeira noite, quando ele lhe mostrara seus tesouros, nunca mais os dois tinham conversado a sós.

Enquanto os dias passavam, Dorinda começara a perceber que ele trabalhava muito e estava sempre ocupado.

Sempre havia convidados para almoçar e jantar — autoridades de passagem pelo porto, mandarins chineses em seus longos quimonos, comerciantes em roupas ocidentais, mas inconfundivelmente chineses em quaisquer trajes que usassem.

Havia funcionários da Companhia das Índias Ocidentais, capitães e oficiais de navios de guerra de todas as bandeiras. Secretários das Colônias de todas as partes da Malásia e das ilhas vizinhas.

Parecia impossível que um homem pudesse ter tal variedade de interesses ou trabalhar tanto durante um só dia.

Maximus Kirby levantava-se muito cedo e bem antes de seus hóspedes estarem de pé, ele já se encontrava no andar térreo, em seu gabinete de trabalho, ou nos arredores montando um cavalo maravilhoso que, Dorinda soubera, era o seu preferido.

No entanto, apesar de acordar cedo e dormir tarde, tantas coisas lhe exigiam a atenção,

autoridade e julgamento que, às vezes, ouvindo-o falar à mesa do jantar, Dorinda se perguntava se haveria algum outro homem capaz de mais energia e entusiasmo nas suas tarefas diárias.

— O Sr. Kirby é extraordinário! — dissera a jovem a Lee Chang Lo, o secretário particular de Maximus Kirby, um chinês muito inteligente que estava a serviço de Kirby desde que este chegara a Cingapura.

Ele manejava os assuntos do domínio pessoal do seu empregador com extrema habilidade.

— A maior parte do seu êxito se deve à organização, Miss Hyde — observou Lee Chang Lo, num inglês perfeito.

Dorinda demonstrou curiosidade e o chinês continuou:

— O Sr. Kirby é suficientemente sensível para não perder tempo esperando privilégios, empregados que o atendam ou aguardando a saída de um navio.

— Que quer dizer com isso?

— Há sempre carruagens diante do portão principal, dia e noite — respondeu o chinês.

— Se o Sr. Kirby quiser sair, elas estarão às suas ordens. Ele não precisará nem mesmo esperar providências do estábulo.

— Agora compreendo...

— Os dois iates do Sr. Kirby estão sempre em condições de navegar no momento em que ele pisar a bordo — continuou Lee Chang Lo.

— Os dois iates?

— O Sr. Kirby tem dois iates, o “Dragão do Mar”, no qual a senhorita viajou, e um outro, o “Ninfa do Mar”, um iate a vela que a senhora precisa conhecer. É um antigo junco chinês que o Sr. Kirby capturou de piratas e depois reformou, acrescentando-lhe todos os confortos.

— Parece maravilhoso...

— A bordo de cada iate, o Sr. Kirby mantém um enxoval completo, de modo que se resolver viajar de repente, não haverá problema...

Dorinda estava realmente impressionada.

— O senhor tem razão. É uma medida muito inteligente. Assim, o Sr. Kirby não perde um só minuto e ainda tem tempo para tratar dos assuntos mais importantes. Estou certa de que, nesse particular, o senhor lhe é muito valioso!

O chinês fez uma reverência e, depois, afastou-se.

O cuidado com que Maximus planejava os menores detalhes fora o que mais a surpreendera. Ela podia entender que um homem de sua posição fosse muito escrupuloso em seus problemas comerciais para que nada lhe passasse despercebido, mas sua generosidade com Letty só era suplantada pela significação de cada presente que ele lhe dava.

No segundo dia após a sua chegada, Letty recebeu, juntamente com uma pulseira e um colar que faziam conjunto com o anel de noivado, um broche em forma de Ave-do-Paraíso, com pedras coloridas representando plumagem.

Era uma jóia maravilhosa e tanto Dorinda quando a Irmã Teresa estavam fascinadas pela arte do ourives que a criara.

Mas Letty não ficou muito tempo interessada no broche, a exemplo do que acontecera com o colar que Maximus Kirby lhe dera um ou dois dias antes, constituído de pequenas borboletas cujos corpos — de rubis e diamantes — eram unidos por esmeraldas.

Dorinda podia compreender as atenções que Kirby dispensava a Letty, mas se sentia

muito sensibilizada pelos presentes que dele também recebia, apesar de muito diferentes dos da irmã.

Primeiro, como quase chegara a antecipar, recebeu uma peça de jade, na mesma ocasião em que Letty era presenteada com a Ave-do-Paraíso. Dorinda sentiu-se embaraçada quando abriu a pequena caixa chinesa que a continha, sabendo que praticamente lhe pedira a peça. Não havia, porém outra coisa a fazer senão aceitá-la.

A peça era pequena e verde, tendo a forma de um dragão chinês.

A jovem procurou identificá-la nos livros que trouxera e, após uma busca cuidadosa, teve a convicção de que a peça pertencia à Dinastia Ching.

Embora mais nova que algumas das peças de Maximus Kirby, era, ao mesmo tempo, exoticamente esculpida, e de um verde brilhante.

No dia seguinte, recebeu um marfim chinês, elaboradamente esculpido que se tornava difícil acreditar que tivesse sido feito por mãos humanas.

— Veja os detalhes! — exclamou Dorinda.

— Os chineses são os mestres dos detalhes — retrucou a Irmã Teresa, — Lembro-me de uma senhora que mandou copiar um vestido parisiense por um costureiro chinês... — ela riu alegremente. — A cópia ficou simplesmente igual ao original... até no acabamento!

O marfim estava acondicionado numa pequena caixa de madeira com forro de seda bordada.

— Acho que um presente fica mais encantador quando vem tão magnificamente embalado — disse Dorinda à Irmã Teresa.

— Os chineses fazem essas caixas com perfeição — respondeu a missionária — mas para eles todo presente tem um caráter de cerimonial, algo que deve ser recordado por muito tempo.

— Sempre me lembrarei dos meus presentes — declarou Dorinda, pensando no efeito que fariam aquelas peças em seu quarto de Alderburne Park.

Todos os dias ela acariciava o pequeno dragão de jade e lhe pedia que afastasse de sua mente os maus pensamentos. E sabia que era o ciúme o mau pensamento que agora a assaltava.

Parecia difícil não sentir ciúmes de Letty, não por causa das jóias que ela recebia ou do conforto e posição social de que ela desfrutaria como esposa de Maximus Kirby, mas porque, após o casamento, ela estaria sempre com o marido.

E, Dorinda se perguntava, poderia haver algo mais fascinante que privar da companhia de um homem tão culto e inteligente? Quem sabia tanto quanto ele e ocultava tão bem o que lhe ia no íntimo, que somente poucas pessoas conheciam seu verdadeiro caráter?

Mesmo contra a vontade, Dorinda estava feliz por saber que Maximus Kirby não mostraria a Letty as salas de seus tesouros. Como fizera com Dorinda, Maximus levara a noiva para conhecer a casa e Letty tinha feito comentários oportunos sobre a decoração, os quadros e os grandes dragões de porcelana chinesa que Maximus Kirby lhe dissera estarem protegendo a casa da influência dos demônios.

— Também há outros guardas — acrescentou ele, rapidamente, ao ver um brilho de apreensão nos olhos de Letty. — E estão em seus postos dia e noite. Não precisa ter medo... ninguém em Cingapura pensaria sequer em tentar assaltar-me.

Por insistência da Irmã Teresa, Letty fez um esforço para comparecer às refeições, mas normalmente à noite ela estava muito cansada e somente em duas noites, das seis em que estavam em Cingapura, Letty participara do jantar.

Dorinda tentou falar com a irmã a respeito dos convidados e de como eles eram interessantes, mas Letty nem quis ouvi-la.

— Gente demais! — atalhara a moça, rapidamente. — E falam tanto que minha cabeça chega a doer!

— Mas, Letty, você vai ter que recebê-los depois de casada...

— Nunca! — respondera Letty, com firmeza.

Nos últimos dois dias a jovem não comparecera ao jantar. Em compensação, não tinha se lamentado muito nem insistido em voltar para casa. Letty tinha encontrado um novo interesse nas crianças chinesas que visitara com a Irmã Teresa na Escola da Missão.

Dorinda as acompanhara e tinha podido compreender como eram fascinantes as crianças chinesas — os meninos, com os seus longos rabichos, e as meninas, com os negros cabelos presos no alto da cabeça.

Com seus pequenos rostos redondos e os olhos amendoados, parecem bonequinhos, dissera Letty, e fora com grande dificuldade que a Irmã Teresa finalmente conseguira convencê-la a deixar a Missão.

Depois da visita, as crianças passaram a ser o único assunto de sua conversação, e nem mesmo o colar de pérolas com que Maximus Kirby a presenteou, conseguiu desviar-lhe a atenção.

— São pérolas muito bonitas e valiosas — disse a Irmã Teresa a Dorinda.

E, enquanto a missionária falava, Dorinda não pôde deixar de recordar as palavras do Dr. Johnson e do comissário de bordo do “Osaka” sobre Pérola Perfeita, a amante de Maximus Kirby, a quem o rapaz dera tantas pérolas que eles tinham se perguntado como um pescoço tão pequeno e delicado podia suportar o seu peso.

Era fácil imaginar como Pérola Perfeita devia ter sido bonita e a fascinação que exercera em Maximus Kirby.

Ele poderia ter, no seu reino particular, a mulher que desejasse e Dorinda, perplexa, se perguntava por quê, em tais circunstâncias, Maximus Kirby queria casar-se.

No dia seguinte, à hora do almoço, ela estava sentada ao lado de Sir Hugh Lowe, o Residente de Perak, um dos responsáveis pela nova prosperidade verificada no Estado.

Quando ele tomara posse do cargo, Perak estava afogado em dívidas e sem recursos para saldá-las. A inteligência de Sir Hugh, com a ajuda de Maximus Kirby, estava promovendo o desenvolvimento do comércio e começava a modificar a situação.

— Não posso lhe dizer — disse Sir Hugh a Dorinda — o inestimável auxílio que o Sr. Kirby me prestou nos projetos, nos planos para o futuro...

— Ele parece ter ajudado todo mundo — respondeu Dorinda. — Não posso entender como ainda não foi eleito Governador de Cingapura.

Sir Hugh Lowe sorriu.

— Estávamos fazendo o possível para derrubar o atual Governador.

— Por quê?

— Há dois anos que está no cargo e nem mesmo visitou a Malásia — respondeu Sir Hugh.

— Nunca esteve aqui, então? — exclamou Dorinda. — Incrível! Não é de admirar que alguém tenha que fazer o seu trabalho...

— O Sr. Kirby e eu temos feito o possível e acho que temos sido bem sucedidos, para

conseguir a indicação de Sir Frederick Weld. Ele foi Governador da Austrália Oriental e da Tasmânia e poderia fazer muito por Cingapura.

— Por que não o Sr. Kirby?

— Ele ainda é jovem demais — respondeu Sir Hugh — e solteiro, uma desvantagem, porém que pode ser sanada...

— Quer dizer que, se ele se casasse, teria possibilidade de ser nomeado Governador?

— Sir Frederick tornou bem claro que não poderá ficar muitos anos no cargo. Já está velho e pretende aposentar-se. Quando isso acontecer, acho que não haverá dúvida quanto ao seu substituto.

“Agora compreendo por que Maximus Kirby quer se casar...”, pensou Dorinda.

Era claro que ele ia precisar de uma anfitriã... e, como o Governador era tornado cavaleiro um pouco antes ou logo depois da posse, a Rainha só nomearia Governador uma pessoa de boa reputação, que levasse, pelo menos oficialmente, uma vida respeitável.

Pérola Perfeita e Goldie certamente não seriam apropriadas para representantes oficiais de Sua Majestade Britânica, Imperatriz da Índia. Por isso, Maximus Kirby tinha resolvido casar-se!

Agora que Dorinda descobrira o motivo de sua decisão, era fácil deduzir exatamente o que tinha acontecido.

Maximus Kirby fora à Inglaterra à procura de maquinaria, empreiteiros, cavalos e uma esposa.

Ele conhecera seu pai no clube. Talvez elogiando os excelentes cavalos que o conde possuía, alguém lhe tivesse falado também da beleza de Letty.

E tudo acontecera do modo mais simples. Kirby fora a Alderburne Park e um olhar para Letty o convencera de que tinha afinal encontrado a esposa ideal para o Governador de Cingapura...

A jovem não era apenas bonita, o que para ele seria essencial, mas tinha também condições sociais que reforçavam a escolha.

Assim, não havendo obstáculos, tudo fora acertado e Letty viera à Malásia para casar-se com Kirby.

Agora que a encontrara sem a presença restritiva dos condes, como se sentiria Maximus?

A pergunta era tão delicada que Dorinda não encontrava resposta. Tendo, no entanto, percebido a importância do casamento para Maximus Kirby e seus planos futuros, a moça redobrou seus esforços para que Letty compreendesse o papel que viria a desempenhar.

Às vezes, Letty ouvia com atenção as palavras de Dorinda, mas na maioria das ocasiões, ficava alheia, olhando o vazio, como se nada tivesse a ver com o assunto.

Aquela manhã, quando Dorinda foi ao seu quarto, encontrou-a irritada.

— Vá embora, Dorinda! — gritou a moça. — Não quero ouvir sermões hoje! Quero ir com a Irmã Teresa ver as crianças chinesas!

— Não pode fazer isso hoje.

— Por quê? — indagou Letty, logo amuada por ver seus desejos contrariados.

— Porque vamos almoçar mais cedo e iremos depois visitar as plantações do Sr. Kirby — respondeu Dorinda. — Ele lhe falou sobre isso e você disse que adoraria ir.

Letty deu de ombros.

— Mas isso é importante! — insistiu Dorinda. — As experiências que ele tem realizado

podem ter uma grande significação para a prosperidade de Cingapura.

— Não quero ir ver plantações!

— Plantações são muito interessantes — insistiu Dorinda, pacientemente. — E haverá uma porção de crianças chinesas e malaias trabalhando lá com seus pais...

— Mas o calor está demais!

— Não iremos antes de refrescar. E você terá tempo para uma pequena sesta após o almoço. Depois que dormir um pouco, você vai se sentir melhor e adorará o passeio. Acredito que é um passeio muito bonito.

Vendo que Letty parecia inclinada a discutir, Dorinda saiu do quarto. Sabia que uma alteração a deixaria de péssimo humor e era melhor dar-lhe tempo para acostumar-se à idéia. Assim não haveria surpresa no momento da partida.

Dorinda desceu ao salão.

Maximus Kirby tinha compromissos pela manhã na cidade e a casa estava muito silenciosa.

Num impulso, a jovem dirigiu-se à casa velha, onde nunca mais estivera, depois da primeira noite que ali passara.

Dorinda esperara que Maximus Kirby a convidasse a uma nova visita, para melhor apreciar as porcelanas e os quadros. O rapaz, porém, não mencionou mais o assunto e a moça julgou que ele talvez estivesse arrependido por ter-lhe mostrado algo que lhe era tão caro e tão íntimo.

— Talvez seja apenas na minha imaginação que aquele lugar é diferente do resto da casa — disse ela para si mesma.

Com pouco usual determinação, Dorinda dirigiu-se ao pátio, que lhe pareceu ainda mais bonito do que o recordava na imaginação.

Soubera que se chamava “O Pátio dos Murmúrios” e pensou que talvez, no passado, as esposas e as concubinas do proprietário ali se tinham sentado e ali conversado baixinho em suas vozes musicais.

A porta da sala que continha as peças de jade estava aberta. Dorinda olhou em volta, admirando os seculares tesouros colecionados por Maximus Kirby.

Avistou uma aquarela de uma flor de lótus em branco e verde muito claro, tão delicadamente executada que quase se podia ver as pétalas da flor se abrindo.

Examinou detidamente uma deusa chinesa em coral e um disco ornamentado com dragões que já tinha visto antes e pensou que devia ter sido esculpido muitos anos antes de Cristo.

Depois de caminhar algum tempo por entre as peças de jade, Dorinda entrou na sala contígua, e, instantaneamente, foi de novo possuída pela mesma sensação de tranqüilidade. Sim, a moça tinha certeza, como tivera desde a primeira vez que ali entrara, que era naquela sala que Maximus Kirby se refugiava quando os problemas difíceis se acumulavam ou as dificuldades lhe pareciam intransponíveis.

Exatamente como se alguém ardendo em febre sentisse na fronte o grato consolo de uma mão fria. E agora, como da primeira vez, Dorinda primeiro observou o pequeno cavalo Tang, depois a cerâmica e a porcelana, voltando em seguida os olhos para as telas.

Estava segura de que não se enganara na interpretação que dera ao grande penhasco, um contraste vívido com as flores e o lago tranqüilo.

Voltou-se para a outra tela, contemplando de novo o riacho, as nuvens, os picos das montanhas.

Agora reparava que, antes de atingir a ponte, o riacho estava dividido, o que era mostrado por pequenos traços do pincel. A moça, porém, sabia que o artista quisera indicar que os dois riachos se reuniam perto da ponte e se tornavam um único.

Dorinda ficou longo tempo olhando o quadro e embora várias interpretações lhe acudissem à mente, não sabia qual a verdadeira.

Finalmente, com um pequeno suspiro, ela deixou a sala, e, como alguém que tivesse saído de uma igreja, sentia-se apoiada e ajudada por algo que estava além de si mesma.

A hora do almoço se aproximava e ela subiu até o quarto de Letty.

Para sua surpresa, nem a Irmã Teresa nem Letty lá se encontravam.

E, de fato, as duas só apareceram quando o almoço estava pronto para ser servido e Maximus Kirby já se encontrava à espera.

Havia vários convidados presentes, mas pelo menos, aparentemente, Kirby não demonstrava nenhum aborrecimento pelo atraso de Letty. Cumprimentou-a com um sorriso e, como sempre, tomou-lhe a mão, levando-a aos lábios.

— Devo pedir-lhe desculpas — disse a Irmã Teresa. — Quebrei meu relógio e não percebi que já era tão tarde.

— Vejo que terei de lhe dar outro relógio — retrucou Kirby.

— Será muito mais econômico mandar consertar o que já possuo — respondeu a missionária.

— Podemos fazer isso também — disse ele. — É sempre aconselhável ter um de reserva...

— Isso é mesmo típico de você, Kirby! — comentou um dos convidados. — Você sempre tem reserva de tudo. Por isso, é tão bem sucedido!

Todos riram e se encaminharam para a sala de refeições.

Letty estava encantadora em seu vestido azul, que combinava com o tom de seus olhos.

Aparentava ótimo humor e não parecia cansada com o que estivera fazendo durante a manhã, em companhia da Irmã Teresa.

Entretanto, era importante que descansasse e, tão logo o almoço terminou, Dorinda levou-a ao quarto, onde poderia deitar-se um pouco.

O aposento era bem arejado, com dois *punkahs* movendo-se incessantemente, e recebia o perfume de vários vasos de flores espalhados pelos móveis, sem falar no aroma das florações que vinha do jardim, através da janela.

— Procure dormir um pouco, Letty — disse Dorinda. — Quero que você esteja bem repousada para poder apreciar o que o Sr. Kirby vai lhe mostrar à tarde.

— Você irá também? — indagou Letty.

— Sim, se você fizer questão — respondeu Dorinda. — Mas seria melhor se você e o Sr. Kirby fossem sozinhos.

— Quero que você venha conosco — disse Letty.

— Está bem, então irei — prometeu Dorinda.

Ela teria ficado muito desapontada se não pudesse acompanhá-los, mas ao mesmo tempo compreendia que não devia impor sua presença, apenas participando dos passeios quando Letty fazia questão de sua companhia.

Tinha sido combinado que a Irmã Teresa iria à cidade à tarde para a solução de alguns assuntos pessoais aos quais não pudera atender por falta de tempo, devido às constantes reclamações de Letty.

— Eu a ajudarei a vesti-la — disse a Irmã Teresa a Dorinda. — Depois vou sair para resolver meus problemas. Acho que terei de ir para Sarawak antes do casamento.

— Oh, por favor, a senhora não pode fazer isso! — exclamou Dorinda, francamente alarmada. — Não sei como Letty reagirá sem a senhora e nem comecei ainda a lhe descrever como o Sr. Kirby pretende realizar a cerimônia...

A Irmã Teresa olhou para Dorinda com um pequeno sorriso.

As duas sabiam o tipo de casamento planejado por Maximus Kirby, ao qual, quase diariamente, o rapaz acrescentava algum fabuloso detalhe. E, a julgar pelas providências até então tomadas, a cerimônia ia ser tão pomposa que mais pareceria uma feira.

Dorinda a teria achado bastante vulgar se não soubesse que ela representava exatamente o que os chineses esperavam de Kirby.

Para os chineses, o casamento era um acontecimento muito importante. Começava com as preliminares a cargo de um agente matrimonial, às quais se seguia a consulta a um astrólogo para saber se seria venturosa a união entre os compromissados.

Caso o veredicto fosse favorável, o rapaz presenteava a moça com um anel de ouro e jóias e a futura noiva lhe dava, em troca, um alfinete de cabelo de ouro ou uma jóia, após o que eles eram considerados comprometidos.

De acordo com Lee Chang Lo, a quem Dorinda interrogara, um noivo chinês raramente, ou mesmo nunca, via sua prometida até o dia da cerimônia.

E, para o dia do casamento, uma série de providências eram tomadas, todas de especial significado.

Círios, dragões de papel, bandejas de peixe, frutas, *sarongs* de seda e algodão, dois patos, um porco assado e uma porção de outros presentes eram trocados entre os noivos.

Depois da cerimônia, uma procissão conduzia a noiva à casa do noivo e um grande número de bombas e fogos de artifício eram soltados para dar sorte ao casal.

— Três dias depois do casamento — tinha dito Lee Chang Lo — os amigos dos recém-casados lhes enviam dinheiro e presentes e, no fim de doze dias, os pais da noiva oferecem uma recepção onde o jovem casal é o convidado de honra...

— E terminam aí os festejos? — indagou Dorinda.

— Não. Só no final de um mês, quando a noiva faz a seus pais uma visita formal, a cerimônia é considerada completa.

— Parece muito complicado — exclamou Dorinda. — E todos os casamentos chineses seguem o mesmo ritual?

— Um chinês pode ter três ou quatro esposas — explicou Lee Chang Lo — mas, aqui nos Estreitos, ele tem apenas uma esposa. Se levar outras mulheres para sua casa, elas serão consideradas concubinas. Mas os filhos de todas as mulheres terão os mesmos direitos.

— Que acontece quando o pai morre?

— Seus bens serão igualmente divididos entre os filhos homens — respondeu Lee Chang Lo.

Era evidente que, se um chinês pobre cercava seu casamento de tão complicado cerimonial, ele por certo esperaria de Maximus Kirby muitíssimo mais pompa e Magnificência.



Para Dorinda, tudo era muito compreensível, mas não ia ser fácil convencer Letty a aceitar todas aquelas festividades e delas participar.

A jovem ouvira dizer que haveria uma enorme queima de fogos de artifício assim que anoitecesse e sabia que precisava informar-se melhor sobre o caso. Era um inevitável final de qualquer casamento no Oriente, mas Letty detestava fogos de artifício e o ruído dos mesmos a faria, sem dúvida, recordar-se dos piratas.

Os noivos, é claro, poderiam viajar para a lua-de-mel antes que os fogos começassem a explodir. Caso não houvesse essa previsão, Dorinda estava disposta a falar com Maximus Kirby sobre o assunto.

Mas o que diria? Era difícil encontrar palavras adequadas...

Dorinda subiu para seu quarto e se pôs a ler.

Difícilmente dormia após o almoço. Parecia-lhe pura perda de tempo.

— Poderei dormir bastante na viagem de volta — dizia a moça a si mesma, com certa amargura.

Em vez de dormir, costumava ler livros que encontrara na completa biblioteca que Maximus Kirby tinha construído na parte nova da casa.

Se Dorinda já não soubesse como eram diversificados os interesses de Maximus, ficaria por certo, bem admirada com a variedade de livros escolhidos pelo rapaz.

Eles abrangiam os temas mais diversos desde histórias orientais a biografias ocidentais, livros chineses muito antigos, que infelizmente ela não entendia, e romances franceses que a jovem tinha a oportunidade de pela primeira vez apreciar.

Seu pai jamais quisera “desperdiçar” dinheiro em livros e a coleção de seu avô, que tanto a distraía e instruíra, estava lamentavelmente ultrapassada.

Dorinda lia depressa, mas começava a achar, com tristeza, que não teria tempo de conhecer a centésima parte do número de livros da biblioteca de Maximus Kirby antes de ser obrigada a partir.

Agora, apesar de imersa na leitura, a moça mantinha-se atenta ao relógio para poder trocar cedo de roupa e dedicar bastante tempo a Letty.

Dorinda dirigiu-se ao quarto da irmã. Antes de abrir a porta, ouviu vozes e compreendeu que a Irmã Teresa estava discutindo com Letty.

— Você não está tão cansada assim, querida — dizia a missionária. — Se se levantar, vai sentir-se muito melhor.

— Não quero me levantar — respondeu Letty. — A não ser para ir à Missão brincar com as crianças.

— Elas não vão estar lá esta tarde e você prometeu ao Sr. Kirby que o acompanharia na visita às plantações.

— Estou muito cansada — queixou-se Letty.

— Oh, Letty, você não pode desapontar assim seu noivo! — interveio Dorinda. — Ele está ansioso para mostrar-lhe suas colheitas... há dias que o Sr. Kirby vem falando sobre elas e eu já expliquei a você como são interessantes!

— Não quero ir! — gritou Letty, obstinada.

Virou-se em seguida e fechou os olhos. O modo como cerrou os lábios mostrou a Dorinda que não ia ser fácil convencê-la. Letty estava determinada a não sair de casa.

Dorinda e a Irmã Teresa pediram, discutiram, argumentaram, mas não conseguiram

induzir Letty a visitar as plantações.

Afinal, com relutância, Dorinda teve de descer ao andar térreo e dizer a Maximus, à espera das moças, que Letty não estava se sentindo bem.

— Eu... acho que o calor... foi demais para ela... — explicou ela, hesitante, sem coragem de encará-lo para não ver seu desapontamento.

— Pensei que estivesse um tanto fresco — observou ele, friamente.

— Talvez tivesse sido melhor se Letty não tivesse saído esta manhã.

— Mas ela parecia muito bem ao almoço — recordou Maximus Kirby. — Bem, se ela não pode ir, talvez seja melhor adiarmos o passeio.

Por saber que ele estava aborrecido, Dorinda disse, com hesitação:

— Não precisa... adiar o passeio... posso não estar mais aqui... o senhor... se incomodaria de me levar?

— A senhorita gostaria de ir?

— Eu adoraria! Mas só se não lhe causar problemas... — respondeu ela.

— Deixei a tarde livre para visitar as plantações — disse o rapaz. — E há de fato uma série de providências que preciso tomar lá. Se a senhorita quiser me acompanhar...

— Oh, por favor, leve-me com o senhor — murmurou Dorinda, os olhos brilhantes.

— Muito bem, então. Vamos.

— Dê-me dois minutos para apanhar o chapéu.

Maximus Kirby estalou os dedos e deu uma ordem. Um menino chinês subiu correndo a escada e voltou com o chapéu de Dorinda, sua sombrinha e sua bolsa, que ela deixara na mesinha de seu quarto.

A moça pôs o chapéu sem mesmo olhar-se no espelho e seguiu Maximus Kirby até a porta principal.

Sob o pórtico, em frente à porta, ela viu um faetonte de apenas dois lugares em vez da carruagem que esperava.

Não um dos altos e até ridículos faetontes que tinha visto nos parques de Londres, mas um veículo confortável e útil, puxado por dois cavalos. Tinha grandes rodas, que, Dorinda sabia, lhe aumentavam a velocidade.

— Ele é consideravelmente mais rápido — explicou Kirby, como se tivesse lido o pensamento da jovem.

O veículo começou a mover-se tão depressa que Dorinda logo percebeu que lhe seria impossível segurar a sombrinha e ficou agradecida pela fita que prendia ao seu queixo o chapéu de palha.

A tarde estava maravilhosa e, como o caminho era em subida, o calor era suportável. O veículo se movia rapidamente em direção ao norte, para o interior do país, por estreitas estradas orladas de flores.

Dorinda avistou grandes florestas, com árvores em floração, e sua beleza era indescritível.

Viajaram por mais de uma hora antes de alcançarem a primeira das plantações de Maximus Kirby.

— Tenho feito algumas experiências — disse Kirby a Dorinda, durante a viagem. — Mandioca, batata-doce, sagu, fumo, cana-de-açúcar e abacaxi. Mas nos últimos nove anos temos desenvolvido algo novo na Malásia, algo que espero venha a ser de grande importância para a

economia do país.

– O que é?

– Borracha – respondeu ele.

– Pensei que a borracha era proveniente desta parte do mundo...

– Ainda não. A borracha que a Europa conhece foi descoberta pelos espanhóis na América do Sul.

– Ah, tem razão. Agora estou me lembrando.

– Um dos exploradores descreveu um jogo asteca de bolas “feitas do suco de uma certa árvore, as quais atiradas contra o solo, saltavam suavemente de volta ao jogador”.

Dorinda sorriu.

– Parece que a borracha tem tido, desde então, muitas outras aplicações.

– Um dos seus mais cultivados usos, são sem dúvida, as capas impermeáveis.

– Já li a esse respeito – disse ela, feliz por poder demonstrar seus conhecimentos. – O homem que descobriu o modo de confeccioná-las foi um químico escocês chamado Charles Macintosh.

– A senhorita é muito culta, Miss Hyde – elogiou Kirby. – Talvez tenhamos lido os mesmos livros. De qualquer modo, convenci-me de que seria de grande importância para a Malásia a plantação de seringueiras. Elas foram trazidas para esta região por um homem muito brilhante, Sir Charles Markham.

– Já ouvi falar dele – murmurou Dorinda.

– Ele desenvolveu nos Jardins Botânicos de Kew experiências que me convenceram da viabilidade da produção de borracha na Índia e na Malásia. Agora a senhorita vai ver a minha plantação de seringueiras...

– Espero que a sua experiência seja bem sucedida! – exclamou Dorinda.

Enquanto falava, a jovem não tinha dúvida de que Kirby obteria êxito. Sentia que, embora desafiando a sorte com as suas idéias, ele seria inevitavelmente um vencedor.

– A sorte deve ser mulher – murmurou a moça para si mesma.

Dorinda estava certa de que qualquer mulher no mundo, exceto Letty, acharia Maximus Kirby irresistível e não se atrevia a admitir, nem para si mesma, o que sentia por estar ao lado dele... e a sós!

Mas outras plantações deviam ser antes inspecionadas e, por toda parte se viam búfalos, pesados e fortes, movendo-se com estranhos ruídos e parecendo animais pré-históricos.

Eles saíam dos pântanos e se arrastavam, gotejantes, pelos campos secos, freqüentemente montados por crianças malaia que os dirigiam com autoridade.

– Os fazendeiros indianos preferem vacas e os chineses criam porcos e patos – disse Maximus Kirby.

Bandos de patos brancos nadavam onde quer que houvesse água.

“Alimento para os milhares de chineses em Cingapura”, pensou Dorinda.

Eles chegaram a uma plantação e o capataz correu para o veículo, ansioso para descrever ao Sr. Kirby os progressos realizados.

Homens e mulheres trabalhavam lado a lado, seus estranhos chapéus cônicos protegendo-os do sol. O solo parecia fértil e o trabalho corretamente executado.

Dorinda gostaria de falar com os colonos, mas sabia que eles não a compreenderiam. Só o capataz falava inglês.

As plantações eram bem extensas e distavam umas das outras muito mais do que Dorinda esperara.

A jovem não podia deixar de constatar que, sendo ela e não Letty a acompanhante de Maximus Kirby, o rapaz estava produzindo mais do que conseguiria se tivesse que se preocupar em não cansar demasiadamente sua futura esposa.

— Agora, vamos para a minha plantação de seringueiras — disse Kirby, com excitação na voz.

Continuaram a viagem e Dorinda notou que Maximus Kirby tinha desbastado parte da selva para a plantação de suas novas árvores.

— A senhorita não deve ficar desapontada com a pequena altura das árvores — disse o rapaz. — Elas ainda não tiveram tempo suficiente para crescer. As seringueiras das espécies que estamos usando podem às vezes crescer até 120 pés e ter um tronco de mais de 18...

— Isso me parece espantoso! — exclamou Dorinda.

— E é — confirmou Kirby. — Mas estamos alcançando 60 a 80 pés. Acho que devo me contentar com isso.

— Quando começam a sulcá-las... esse é o termo exato?

— Sim, sulcar é a palavra correta, mas a operação não pode ser feita antes de cinco ou seis anos, quando então o látex, como o chamamos, é recolhido num recipiente.

As árvores estavam bem espaçadas e Maximus Kirby explicou que a medida era usual, pois os espaços seriam preenchidos com cafeeiros e coqueiros.

Ele conduziu lentamente o veículo e os cavalos se detiveram diante de um pequeno bangalô recém-construído, cercado por um jardim e situado num local que pareceu a Dorinda o final da plantação.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Maximus Kirby observou:

— Aqui apenas começa a plantação de seringueiras. Dentro de um mês, vou começar a desbastar outra grande área da selva. Por isso o bangalô foi aqui construído. Quero que fique no centro da plantação.

Um velho chinês, idoso demais para trabalhar, apareceu, segurou os cavalos, enquanto eles desciam do veículo, e os levou em seguida para a sombra de algumas árvores frondosas.

Depois de ajudar Dorinda a descer do faetonte, Kirby perguntou ao chinês pelo capataz. O velho apontou para determinada direção e Dorinda, acompanhando sua indicação, viu, entre as árvores, um homem, usando camisa e calças brancas.

Eles foram ao seu encontro e Dorinda verificou que era o primeiro capataz inglês que ela encontrava nas terras de Maximus Kirby.

Kirby apresentou-o como Sr. Langton. Era um homem jovem — talvez vinte e sete anos — que cumprimentou o patrão com alegria.

— Que prazer em vê-lo, Sr. Kirby! — exclamou o capataz. — Eu estava mesmo desejando a sua visita. Há numerosos assuntos que eu gostaria de conversar com o senhor.

— Pensei em vir aqui a semana passada — disse Kirby — mas não foi possível. Qual é o problema?

O capataz usava uma arma sob o braço e depois de apoiá-la a um tronco de árvore, tirou alguns papéis do bolso.

— É a respeito da última remessa de material... — começou o homem.

Dorinda, sabendo que nada tinha a ver com os negócios de Maximus Kirby, afastou-se

discretamente e foi inspecionar as árvores. Notou as folhas, verdes e longas, que deviam ter mais de 18 polegadas de comprimento, e as flores amareladas que cresciam em cachos e àquela distância, pareciam muito bonitas.

A jovem caminhou pela plantação, até avistar, bem à sua frente, as altas árvores e a folhagem escura da floresta.

As árvores eram impressionantes, com troncos espantosamente grossos e algumas de inacreditável altura. Muitos cipós se enrascavam pelos troncos e se curvavam sobre os ramos, ligando árvore a árvore, numa massa quase impenetrável.

Dorinda reconheceu os ratons, espécie de palmeira sobre a qual lera, de hastes longas, firmes e flexíveis e espinhos recurvos nas largas folhas. Tudo era tão fascinante e belo que ela se aproximou mais um pouco, esperando surpreender uma daquelas aves maravilhosas que povoavam as florestas malaias.

A despeito do que dissera a Letty, ela sabia que aqueles pássaros raramente eram encontrados fora da floresta e jamais poderiam ser vistos nos jardins de Maximus Kirby. A selva parecia um lugar estranho e encantado, o retiro talvez de bruxas e dragões.

O grito de alguns pássaros voando de uma árvore mais alta a assustou e ela percebeu em seguida o movimento de um pequeno animal no solo.

A moça continuou a avançar, ansiosa por mais descobertas, esquecendo-se de toda a prudência, apenas consciente do sentimento de aventura que a dominava.

Então, entre os troncos de duas grandes árvores, meio escondido pelas lianas e, no entanto, perfeitamente reconhecível, ela viu o brilho de dois olhos verdes numa pele listrada de amarelo.

Um tigre!

## CAPÍTULO 7

DORINDA ficou petrificada.

Ali permaneceu, horrorizada com os olhos fixos no grande felino, e então, vagamente, de algum lugar de sua mente, veio-lhe a recordação de ter ouvido alguém dizer que se uma pessoa se conservasse absolutamente quieta, um animal não a atacaria.

Nesse momento, um rugido escapou da garganta do tigre que abriu a boca e mostrou os dentes. A moça compreendeu, pela tensão do pescoço e do dorso do animal, que ele estava prestes a saltar.

Mas de tão assustada, Dorinda nada podia fazer, a não ser permanecer onde estava, esperando, indefesa, o ataque das poderosas garras.

De repente, ouviu-se um disparo e a floresta pareceu vibrar.

O tigre caiu como fulminado e um bando de pássaros voou das árvores mais próximas com um ruído que pareceu tão forte quanto o do tiro.

Dorinda sentiu nos ouvidos o eco do disparo e, por um momento, mal pôde acreditar que o perigo tinha passado e o animal não mais a atacaria.

Então, ouviu a voz de Maximus Kirby, num tom de fúria:

— Sua tola! Que lhe deu na cabeça para ir até aí?

Com um esforço que lhe pareceu quase sobre-humano, Dorinda voltou o rosto para Kirby. O rapaz estava atrás dela e parecia transformado, tanta era a raiva que sua fisionomia deixava transparecer.

Kirby a salvara!

Ela gostaria de estender-lhe os braços e esconder o rosto em seu peito.

Mas, antes que pudesse fazer um gesto, Langton veio correndo por entre as árvores para reunir-se a eles.

— O senhor o matou! — exclamou o capataz. — Muito bem, Sr. Kirby. Venho tentando há dez dias apanhar esse tigre. Ele carregou uma das crianças da fazenda ainda não faz uma semana.

Com a raiva ainda estampada no rosto, Maximus Kirby entregou a arma a Langton.

— Tome — disse ele. — Vou levar Miss Hyde ao bangalô.

Pôs a mão nos ombros de Dorinda, enquanto falava, e conduziu a moça de volta ao bangalô pelo caminho que ela tinha usado, por entre as árvores.

Ela sabia que Kirby ainda estava extremamente zangado e o choque por que havia passado a fazia sentir-se agora muito fraca e curiosamente próxima das lágrimas.

— Não sei como a senhorita pôde ser tão imprudente! — censurou o rapaz, no tom que uma babá usaria com uma criança levada. — A senhorita não sabe que é perigoso entrar desarmado na selva?

Dorinda quis responder, mas sua garganta contraída a impedia de falar.

— Por que foi lá? — perguntou Kirby, como se procurasse forçar uma resposta da moça.

— Que estava procurando?

Dorinda sentiu que precisava responder e sabia que seria muito ridículo dizer que tivera, por um momento, a sensação de estar numa floresta encantada.

Contudo, numa voz hesitante e muito baixa, afinal respondeu:

– Eu... estava olhando as árvores... e as flores...

Eles já tinham alcançado os degraus da varanda que circundava toda a casa e Maximus Kirby soltou o braço de Dorinda.

Então, quando percebeu a palidez do rosto da jovem e o medo ainda refletido em seus olhos muito abertos, Kirby perguntou, num tom diferente, com uma sombra de riso:

– Se queria flores, por que não apanhou estas?

Enquanto falava, ele se inclinou e colheu uma das orquídeas selvagens que cresciam ao pé dos degraus. Meia dúzia de flores róseas pendiam da haste.

Quando o rapaz estendeu o braço, um sibilo se fez ouvir e algo escuro e ágil saltou sobre ele.

Tudo aconteceu tão depressa que se Dorinda não estivesse olhando, não teria percebido o ocorrido nem o corpo negro e matizado deslizar para longe.

Ela deixou escapar um pequeno grito. Sem uma palavra, Maximus Kirby tirou o paletó e arregaçou a manga da camisa.

Pouco acima do pulso, na pele bronzeada do seu braço, dois pequenos furos se destacavam.

Enquanto ele os olhava, Dorinda entrou em ação, apertando-lhe o braço logo acima das marcas para forçar o sangue a correr e colocando depois os lábios na ferida, sugando-a com todas as forças.

Ela o ouviu soltar uma exclamação, mas Kirby não retirou o braço. Langton, correndo, chegou logo em seguida.

– Que aconteceu? – perguntou o capataz.

– Uma serpente!

Langton largou a arma e tirou um lenço do bolso. Amarrou-o no braço de Kirby enquanto Dorinda continuava sugando.

A moça sentiu o veneno na boca e, quando não podia mais sugar, cuspiu-o.

– Esfregue isso na língua e limpe a boca – disse Maximus Kirby, estendendo com a mão livre seu lenço a Dorinda. Era de linho macio e cheirava a água-de-colônia.

A jovem obedeceu, esfregando vivamente a língua para a retirada de possíveis restos do veneno.

Então, ela viu que Langton tinha na mão uma faca, cuja lâmina brilhava à luz do sol.

– Corte fundo! – ordenou Kirby.

Langton obedeceu, cortando duas vezes o braço do patrão. Dorinda viu os lábios de Kirby se apertarem de dor, mas o rapaz permaneceu imóvel e não deu sequer um gemido.

O sangue escorreu pelo seu pulso num filete vermelho e manchou a mão de Langton. O capataz fez o torniquete, apertando-o acima do ferimento.

– Uísque, senhor? – perguntou Langton. – Vamos entrar na casa?

– Claro.

Maximus Kirby subiu os degraus da varanda e Langton correu à sua frente para abrir a porta que dava para a sala de estar.

Era um aposento pequeno, mobiliado parcimoniosamente. Numa mesinha lateral havia uma garrafa de uísque e alguns copos.

Langton apanhou a garrafa, que tinha três quartos de uísque, e encheu um copo,

estendendo-o a Kirby, que o tomou depressa.

– O senhor precisa caminhar, para o caso de sobrevir ao coma.

– Eu sei – respondeu Kirby.

– Vou mandar um menino chamar o médico. Pode levar algum tempo, mas vou pedir-lhe que venha o mais depressa possível.

Sem dar resposta, Maximus Kirby terminou o uísque e encheu de novo o copo.

Pela primeira vez desde que a serpente o picara, Dorinda percebeu que ele a olhava.

– Tentarei não ficar inconvenientemente embriagado – comentou o rapaz, com uma sombra de sorriso nos lábios.

– Não tem importância – respondeu ela, em voz baixa. – Vamos começar a caminhar. O senhor sabe o que deve fazer.

Ela recordava a descrição do pai sobre o que acontecera certo verão a um de seus amigos, picado por uma cobra.

A moça sabia que salvaria a vida de Kirby sugando imediatamente o veneno e depois sangrar o ferimento.

Por isso, ela agira tão depressa ao ver que Maximus Kirby tinha sido picado por uma cobra. E, naquelas circunstâncias, Langton fizera exatamente o indispensável. Maximus Kirby tomou o segundo copo de uísque e começou a caminhar lentamente, mas de modo firme, pela sala.

O trajeto era curto, devido ao pequeno tamanho do bangalô, mas, vendo outra porta, Dorinda abriu-a.

Como a jovem esperava, ela dava para o quarto e Dorinda percebeu que se afastasse a mesa para um canto, Maximus Kirby poderia caminhar mais facilmente pelos dois aposentos.

Vendo-a afastar a mesa da sala e uma cadeira no quarto, Kirby compreendeu a intenção da moça e imediatamente começou a andar de um cômodo para outro.

Langton voltou em seguida e informou:

– Mande um menino buscar o doutor. Ele é bom corredor e sabe onde o Dr. Seng mora.

– Quanto tempo acha que ele demorará a vir? – indagou Dorinda.

– Talvez duas horas – respondeu Langton. – Estamos muito distantes de Cingapura e ele só voltará depois do anoitecer.

O capataz olhou para Kirby e, percebendo que o patrão começava a caminhar com mais dificuldade, disse:

– Ponha o braço em meus ombros, senhor. Será mais fácil se eu o ajudar.

Mais tarde, Dorinda não conseguiu se lembrar exatamente quando Maximus Kirby começou a delirar e ela passou a segurar o outro braço do rapaz.

Teve que colocá-lo sobre os ombros e quando tocou a mão de Kirby, percebeu que estava assustadoramente quente e compreendeu que ele tinha febre alta.

Era a reação que eles temiam. O veneno devia ter chegado ao sangue.

Langton convenceu Kirby a beber o restante do uísque e, depois, começaram os três a caminhar de um lado para outro, cada vez mais devagar, enquanto as horas se passavam e Maximus Kirby ia gradualmente perdendo a noção da realidade.

Apenas sua tremenda força de vontade – Dorinda sabia – o mantinha caminhando, enquanto a febre ia implacavelmente enfraquecendo seu corpo.

A moça nada dizia e após algum tempo, fechou os olhos, ouvindo apenas o ruído de seus



passos no chão sem tapetes.

Quando a noite caiu, o velho chinês entrou no bangalô com um lampião a querosene e colocou-o na mesa.

Disse alguma coisa a Langton e este transmitiu-a a Dorinda:

— Wong diz que desatrelou os cavalos e levou-os para o estábulo, a fim de passarem a noite.

— Agradeça-lhe, por favor — pediu a moça, logo perguntando se não teria sido melhor se tentasse conduzir a carruagem até a cidade e trazer ela própria socorro. Era, porém, duvidoso que conseguisse dominar os fogosos cavalos e mesmo tomar o caminho certo.

Tinham percorrido, durante a tarde, tantos caminhos diferentes, que Dorinda já não tinha certeza da direção de Cingapura. E, de qualquer modo, não poderia lá chegar antes do cair da noite.

“Nada mais havia a fazer, a não ser o que já tinham feito”, pensou a moça.

E, com um súbito temor, sentindo que o braço de Maximus Kirby parecia mais pesado, Dorinda se perguntou se ele resistiria.

O simples pensamento de que ele podia morrer causou-lhe uma dor indescritível, uma dor que a percorreu toda, como o veneno da cobra que o picara.

Não, ele não podia morrer!

Lembrou-se da conversa entre ambos naquela primeira noite no iate, quando tinha dito a Kirby que ainda havia muita coisa a ser realizada por ele.

— Cingapura não pode perdê-lo — disse a moça a si mesma. — Ele é muito necessário aqui.

Mas Dorinda estava com medo e, enquanto caminhavam penosamente pelos dois cômodos, ela começou a rezar.

— Oh, meu Deus, por favor, salve-o! Ajude-o a recuperar-se. Não permita que ele morra... ele não pode morrer! Não pode!

E, durante a prece, admitiu pela primeira vez que o amava muito.

Amara-o desde que o vira pela primeira vez, saltando do veículo diante de sua casa em Alderburne Park. Amara-o enquanto observava às escondidas, todos os seus gestos e palavras. Amara-o ainda mais quando o vira chegar ao “Osaka”, com olhos apenas para Letty.

Agora sabia que fora ciúme a emoção que a possuía ao vê-lo beijar a Sr.<sup>a</sup> Thompson. Desde que o vira pela primeira vez, ansiara por encontrá-lo de novo. E ouvir sua voz ou contemplá-lo do outro lado da mesa já seria suficiente.

Quando ele estava presente, era como se o tempo se imobilizasse, como se nada mais existisse.

“Eu o amo! Eu o amo!”, gritava-lhe, em pensamento.

E, do fundo de sua alma, com apaixonada intensidade, rezou para que ele vivesse.

As horas se passavam e eles continuavam a caminhar pelos dois cômodos do bangalô.

O suor escorria do rosto de Langton e Dorinda sabia que a camisa do capataz estava ensopada. Seu próprio vestido também estava molhado de suor no local onde o braço de Maximus Kirby se apoiava.

Ela tocou a mão de Kirby e verificou que ainda estava queimando. Olhou seu rosto e percebeu a estranha palidez que embaçava sua pele bronzeada.

— O médico já devia ter chegado! — exclamou a jovem, apavorada.

— Ele podia estar ausente, atendendo a algum chamado — respondeu Langton, em voz cansada. — Hoje há uma festa chinesa. Liberei mais cedo os colonos. Todos devem ter ido à cidade, que fica a um quilômetro e meio daqui.

— Não há mais nada que possamos fazer? — indagou Dorinda, desesperadamente.

— Nada — respondeu Langton — a não ser obrigá-lo a caminhar.

Dorinda estava praticamente exausta sob o peso de Maximus Kirby e sabia que Langton, apesar de jovem e forte, também se sentia esgotado.

Para frente e para trás — meia-volta — para frente — meia-volta — para trás... deviam ter feito uma porção de vezes... milhares de vezes aquele percurso.

“Não agüento mais”, pensou Dorinda sabendo, no entanto, que não podia falhar ao homem que amava.

Ele tinha que sobreviver!

Agora, fechando os olhos, a moça continuou automaticamente a caminhada. Às vezes, tinha a sensação de que era excessivo o esforço de obrigar seus pés a obedecerem ao comando do cérebro e continuarem caminhando de uma parede a outra.

Ela sentiu o braço de Maximus Kirby escorregando de seu ombro, e, com esforço, recolocou-o na posição. Ao tocá-lo, sentiu-o molhado.

Dorinda não podia acreditar!

Tocou a mão de Kirby, sentindo-a molhada e tépida sob a sua.

Quando atingiram a sala de estar a jovem observou o rosto de Maximus à luz do lampião e verificou que havia suor na fronte e escorrendo pelo rosto.

— A febre cedeu! — gritou a moça. Devia ser um grito de alegria, mas sua voz emitia apenas um lamento cansado.

— Oh, meu Deus, é verdade! — exclamou Langton. — Vamos levá-lo para a cama.

Recolheram Maximus Kirby ao leito apoiando sua cabeça contra os travesseiros.

Langton trouxe o lampião e Dorinda, examinando o rosto amado, verificou que não se tinha enganado.

A febre havia cedido. A palidez desaparecera da pele bronzeada e Maximus Kirby era um homem normalmente adormecido.

Dorinda foi até o lavatório, mergulhou uma toalha numa bacia de água e voltou ao quarto, refrescando gentilmente o rosto de Kirby. Langton tinha retirado os sapatos de Maximus Kirby que agora respirava suavemente.

— Não podemos fazer mais nada até a chegada do médico — disse Langton.

Caminhou em seguida, pesadamente, para a sala de estar e Dorinda ouviu-o jogar-se numa das poltronas.

Estava exausto. E ela também.

Por um momento, a moça ainda permaneceu à cabeceira de Kirby, olhando-o ternamente.

— Oh, meu Deus... muito obrigada... — murmurou ela.

E, sem saber como, de repente estava no chão e já dormindo, mal a sua cabeça batera no assoalho...

\* \* \*

Dorinda acordou com o som de vozes na sala.

Ainda estava deitada no chão, mas alguém — Langton, certamente — colocara um travesseiro sob sua cabeça.

A jovem levantou-se ao ouvir uma voz de homem dizer, no inglês usado pelos chineses:

— Eu estava voltando para casa quando vi o menino à minha espera. Ele me disse que o Sr. Kirby tinha sido picado por uma cobra.

— É verdade, doutor, mas a febre já cedeu.

— Isso é muito bom. Posso vê-lo agora?

Dorinda estava de pé, alisando a saia amarrotada, quando Langton introduziu o médico no quarto.

— Esta é Miss Hyde — apresentou o capataz — que sugou o veneno da serpente logo após a picada...

— Fez o que devia — comentou o médico, um velho chinês com olhos cansados, mas que inspirou confiança a Dorinda.

O doutor examinou o braço de Maximus Kirby, verificando os cortes feitos por Langton.

— O ferimento está limpo — comentou ele.

Auscultou o coração do ferido, tomou seu pulso e colocou a mão em sua testa.

— Ele vai dormir por algum tempo — disse, afinal, o velho chinês. — Agora ele precisa se recuperar não apenas da mordida da cobra, mas também do uísque que tomou...

— Era o tratamento adequado? — indagou Langton.

O Dr. Seng sorriu.

— É o tratamento inglês — respondeu o médico. — Os chineses usam ervas.

— E são eficazes? — indagou Dorinda.

Ela se lembrava de que ouvira falar numa erva que os chineses e malaaios tinham sempre à mão quando estavam trabalhando na selva.

— Achamos que sim — respondeu o médico. — Vou deixar com o senhor um pouco da erva indicada, Sr. Langton. Convença o Sr. Kirby a tomá-la tão logo acorde.

Retirou um pequeno pacote de sua maleta e colocou-o ao lado da cama.

— Ele é jovem e forte — disse o doutor. — Mas precisa permanecer aqui para descansar pelo menos mais uma noite. Se ele insistir em voltar hoje a Cingapura, dê-lhe uma destas pílulas e ele dormirá.

O médico colocou uma pequena caixa de comprimidos junto à erva e olhou em seguida para Dorinda:

— E a senhorita, Miss Hyde? Está bem?

— Apenas um pouco cansada, doutor — respondeu a moça. — Mas fico muito feliz em saber que o Sr. Kirby está fora de perigo.

O médico assentiu com um movimento de cabeça.

— Foi certamente a sua pronta ação ao sugar o veneno que o salvou — disse ele. — Temos muitas cobras não venenosas nesta parte do mundo, mas a serpente que picou o Sr. Kirby é muito perigosa... sua picada normalmente é fatal.

Ele apanhou a maleta.

— Vai voltar a Cingapura? — perguntou Dorinda.

— Sim — respondeu o médico. — Tenho muitos pacientes à minha espera.

— Seria demais pedir-lhe que me levasse com o senhor? Lady Lettice e a Irmã Teresa se

encontram em casa do Sr. Kirby e devem estar muito preocupadas por eu não ter regressado ontem à noite.

— Será uma honra levá-la, senhorita.

Langton insistiu para que Dorinda tomasse uma xícara de chá antes de partir e o Dr. Seng também aceitou um refrigerante.

Depois, eles se despediram e subiram num pequeno veículo puxado por um velho pônei, muito mais lento e menos confortável que o faetonte em que Dorinda tinha viajado ao lado de Maximus Kirby.

Entretanto, ela podia manter a sombrinha sobre sua cabeça e, apesar da demora da viagem, Dorinda achou muito interessante conversar com o Dr. Seng.

O velho médico lhe falou a respeito do país, de seus costumes, os hábitos chineses, o êxito de Maximus Kirby na luta pela melhoria de suas condições de trabalho, levando a prosperidade a tantos lares em Cingapura.

Quando chegaram à casa, Dorinda agradeceu ao médico e convidou-o a entrar.

— Sinto muito, Miss Hyde, mas não tenho tempo para aceitar a sua generosa hospitalidade — respondeu ele, formalmente. — Mas posso dizer que foi um grande prazer estar em sua graciosa companhia.

Dorinda agradeceu o cumprimento e entrou correndo na casa à procura da Irmã Teresa e Letty.

Por certo, muito preocupadas com sua ausência na noite anterior, elas a deviam estar aguardando na sala principal. Mas as duas ali não se encontravam e a moça começou a subir os degraus para dirigir-se ao quarto de Letty.

— Onde está Lady Lettice? — perguntou a um dos criados chineses que se encontravam no vestíbulo.

— As moças foram embora — respondeu o chinês.

“Elas devem ter ido visitar a Missão”, pensou Dorinda, enquanto subia a escada.

Surpreendia-a o fato de as duas mulheres não se preocuparem com a sua ausência, mas achando que certamente a Irmã Teresa a julgaria segura na companhia de Maximus Kirby, acabou o considerando natural.

E, no entanto, ela podia ter morrido nas garras do tigre.

Maximus Kirby também podia ter morrido... justamente por ter pensado em apanhar uma flor para ela...

A jovem chegou ao topo da escada e, sabendo que a Irmã Teresa e Letty estavam ausentes, dirigiu-se para o seu próprio quarto, que lhe pareceu muito belo e luxuoso após a austeridade do bangalô do Sr. Langton.

Ela deixou a sombrinha na cadeira e tirou o chapéu, caminhando até a janela. Dorinda nunca se cansava de admirar o jardim cheio de flores e de árvores em floração.

Então, viu duas cartas sobre a penteadeira e pensou, de início, que tivessem vindo da Inglaterra. Ao segundo olhar, porém, notou que nenhuma delas tinha selo, apesar de estarem ambas a ela endereçadas. Num envelope estava escrito “Dorinda” e no outro “Miss Hyde”.

Assaltada por um súbito pressentimento, Dorinda apanhou a primeira, cujo envelope levava seu nome, escrita na letra redonda de Letty.

Abriu-o e olhou com apreensão o pedaço de papel. Pensou, a princípio, que o cansaço da noite anterior lhe estava perturbando a compreensão. Leu de novo:

*Querida Dorinda*

*Vou com a Irmã Teresa para Sarawak. Serei feliz ao lado dela e não quero casar com o Sr. Kirby. Por favor, diga-lhe isso. Lamento muito decepcionar papai. Beijos.*

*Letty*

Dorinda releu duas vezes a carta e depois, com os dedos trêmulos, abriu a da Irmã Teresa.

*Prezada Lady Dorinda.*

*Letty me deu conhecimento de sua verdadeira identidade, mas, é claro, não mencionei a ninguém o fato. É evidente que a senhorita, irmã dela, compreenderá que, como enfermeira experiente, não posso considerá-la capaz de se casar com homem algum e muito menos com o Sr. Maximus Kirby.*

*Por isso a estou levando para Sarawak. Olharei por Letty e estou certa de que ela se sentirá feliz na Missão, brincando com as crianças.*

*Estou assim agindo, não apenas pela felicidade dela, mas também pela do homem que tanto fez por Cingapura. Tenho uma grande admiração e uma enorme gratidão por Maximus Kirby. Sua carreira e sua vida particular não devem ser arruinadas por um mau casamento. Letty não é a mulher ideal para ele. Deixo com a senhorita o encargo de explicar-lhe por que tomei essa atitude.*

*Que Deus a abençoe.*

*Sua amiga no amor de Jesus Cristo,*

*Irmã Teresa*

Quando Dorinda terminou de ler as cartas, deixou escapar um profundo suspiro e deixou-se cair numa cadeira como se de repente as pernas não pudessem mais sustentar o peso do seu corpo.

Ainda não podia entender direito o que tinha acontecido e, de súbito, sua cabeça e suas pálpebras começaram a pesar como pedras.

— Não há nada que eu possa fazer — disse a si mesma.

Então, justamente porque a situação lhe parecia tão difícil e surpreendente, trocou de roupa e atirou-se na cama.

Dormiu a tarde toda e só acordou ao crepúsculo. Continuou deitada, tentando lembrar-se dos últimos acontecimentos.

E recordou tudo, o tigre do qual fora salva por Maximus Kirby, a serpente que o picara e, depois, as intermináveis caminhadas pelo bangalô, quando o rapaz parecia condenado à morte.

E, enquanto ajudava a amparar Kirby, a súbita descoberta de que o amava apaixonadamente.

Depois, as cartas que encontrara na penteadeira...

“Como puderam elas ter ido embora me deixando a missão impossível de contar a Maximus Kirby a decisão de Letty”, pensou a jovem.

Ele podia não amar Letty, Dorinda estava quase certa de que a irmã não tinha as qualidades necessárias para lhe tocar o coração. Mas ele a escolhera para esposa e tinha espalhado por toda Cingapura a notícia do próximo casamento, antes mesmo de Letty ali chegar. Além do mais, todos os conhecidos e amigos de Maximus Kirby tinham ido àquela casa

apresentar-lhe suas congratulações...

Maximus planejara nos mínimos detalhes o casamento, um casamento fabuloso que jamais se apagaria da memória de todos os que a ele comparecessem...

“Pode haver algo mais humilhante do que ser abandonado pela noiva uma semana antes do casamento porque ela preferia a companhia de crianças chinesas numa remota missão católica?”, perguntou-se Dorinda.

— Teria sido melhor se Letty tivesse fugido com outro homem — disse Dorinda a si mesma.

Seria mais que suficiente para ferir profundamente o orgulho masculino, mas preferir uma ilha nativa e primitiva à condição de esposa de Maximus Kirby era algo bem difícil de explicar.

— Como poderei contar-lhe? — perguntava-se a moça, aflita.

Dorinda se sentia tão fraca que se esforçou por comer algumas garfadas dos excelentes pratos que tinham sido levados ao quarto.

Depois de retirada a bandeja, ela permaneceu ainda por muito tempo quieta, na penumbra, sentindo que as palavras contidas nas cartas de Letty e Irmã Teresa continuavam martelando-lhe o cérebro.

Agora, a jovem se perguntava como poderia seu pai ou ela mesma ter achado possível o casamento de Letty com um homem como Maximus Kirby.

No entanto, em Alderburne Park, Letty não parecera tão psicologicamente perturbada quanto durante a viagem. Tudo começara com suas crises de histerismo ao ser afastada do seu ambiente familiar, para depois o físico pavor da tempestade na Baía de Biscaia e, finalmente, o choque do ataque dos piratas.

Ninguém poderia ter sido mais tolerante e compreensivo com ela que Maximus Kirby.

Outro homem teria certamente insistido em maior aproximação com sua futura esposa. Ou, pelo menos, teria exigido que ficassem a sós para conversarem livremente, sem a eterna presença de Dorinda ou da Irmã Teresa.

Maximus Kirby não tinha reclamado. Ele parecia ter compreendido que Letty sofrera um grande choque com o ruído da batalha e o pavor de ser assassinada na cabina.

“Entretanto, ele devia ter sabido”, pensou Dorinda. “Devia ter compreendido, desde o primeiro momento, que Letty, apesar de toda a sua beleza, não era como as outras mulheres.”

Devia ter ficado pelo menos surpreendido com o inusitado interesse que ela demonstrara pelos pássaros e, depois, com o fato de Letty não conseguir manter conversação com nenhum dos convidados que lhe freqüentavam a casa, muitos dos quais de grande importância na vida pública de Maximus Kirby. Apesar de terem todos demonstrado sua grande admiração pela rara formosura de Letty, acabavam achando impossível conversar com ela.

“Mas, apesar de tudo isso, Maximus Kirby queria se casar com Letty”, pensou Dorinda. “Ele tinha feito uma transação com o conde, e pago dez mil libras pelo privilégio de se tornar seu genro.”

Era quase uma afronta à dívida de honra a fuga de Letty às vésperas do casamento. E a Irmã Teresa a tinha ajudado...

Mas a Irmã Teresa pelo menos fora honesta. A missionária tinha dito claramente, em sua carta, que assim procedia não apenas pela felicidade de Letty, mas também pela de Maximus Kirby.

Não havia dúvida de que a freira gostava muito de Maximus Kirby, à sua própria maneira, talvez até de um modo um tanto maternal, já que tinha idade suficiente para ser sua mãe. Era até bem possível que assim se sentisse espiritualmente. Talvez pensando nele como o filho que seus votos de castidade a proibiam de ter.

E Dorinda se perguntou: se Maximus Kirby fosse filho da Irmã Teresa, gostaria a missionária de vê-lo casado com alguém como Letty? A moça sabia a resposta: não.

— Desejo que o Sr. Kirby seja feliz — murmurou ela, na escuridão do seu aposento. — Não gostaria de vê-lo decepcionado, magoado ou humilhado. E ele ficará profundamente magoado se souber que o povo de Cingapura está rindo às suas custas.

Dorinda suspirou fundo.

— Os chineses se compadecerão dele, porque julgam sagrado o compromisso de casamento. E homens como o Dr. Johnson e o comissário de bordo trocarão comentários irônicos em torno do acontecimento. E, inteligente como é, Maximus Kirby saberá exatamente o que todos estarão pensando.

Como um grito saído do fundo de seu próprio coração, ela perguntou a si mesma, em voz alta:

— Que posso fazer para ajudá-lo? Que posso fazer para amenizar esse choque?

A jovem pensou que, se fosse ao cais, talvez pudesse convencer o capitão do “Dragão do Mar” a seguir o navio em que Letty e a Irmã Teresa tinham embarcado.

O rápido iate de Maximus Kirby, logo alcançaria a outra embarcação e talvez ela conseguisse fazer com que as duas voltassem a Cingapura. Mesmo que já tivessem chegado a Sarawak, talvez ela pudesse forçar Letty a voltar.

Mas, no íntimo, Dorinda sabia que não haveria argumento capaz de persuadir Letty a fazer o que não desejava.

Era claro que, se tivesse sido mais observadora, teria percebido que a dependência de Letty em relação à Irmã Teresa aumentava a cada momento. Nos últimos dias, Letty quase não se afastara do seu lado, nem mesmo para conversar com Dorinda, como costumava fazer na Inglaterra.

Com a Irmã Teresa, Letty se sentia à vontade e desfrutava uma doce sensação de segurança.

“Não há esperança”, pensou Dorinda. “Mas como poderei contar-lhe isso? Como poderei magoá-lo assim?”

Ela permaneceu em seu quarto, pensando, buscando uma solução, e, como estava muito cansada, acabou adormecendo. Foi, porém, um sono inquieto, nada repousante.

Dorinda acordou cedo e, depois de vestir-se, desceu ao salão principal decidida a falar com Maximus Kirby assim que ele chegasse, para que ele não descobrisse por outras fontes o que tinha acontecido.

Sempre havia a possibilidade de Lee Chang Lo contar a Kirby o que se passara antes que ela pudesse ver o rapaz. Mas, rezando para que tal não acontecesse, a moça entrou na sala do secretário.

Lee Chang Lo levantou-se à sua chegada e fez uma reverência cortês, as mãos cerimoniosamente cruzadas no peito do seu quimono chinês.

— Está melhor, Miss Hyde? — indagou o secretário. — Ouvi dizer que o Sr. Kirby correu perigo de vida.

Dorinda não ficou surpresa ao ver que ele tinha conhecimento do ocorrido.

O Dr. Seng devia ter feito comentários na cidade e numa pequena comunidade como Cingapura, tudo o que se relacionasse com Maximus Kirby era importante.

— O Dr. Seng não quis que o Sr. Kirby voltasse ontem — respondeu ela. — Quando ele chegar, quero ser a primeira a lhe falar.

Lee Chang Lo fez nova reverência.

— Será como a senhorita deseja, Miss Hyde.

— Então, por favor, instrua a criadagem.

— Assim será feito, Miss Hyde.

Dorinda sabia que Lee Chang Lo a compreendia. Não havia nem mesmo necessidade de mencionar Letty ou a Irmã Teresa.

Inteligente como era, o chinês não podia ignorar o que estava acontecendo, ainda que ela não lhe tivesse dito nada.

— Estarei esperando pelo Sr. Kirby na biblioteca.

Dorinda pensava que Maximus Kirby chegaria antes do almoço, mas teve que fazer sozinha aquela refeição e depois voltar à biblioteca, repleta de tantos livros fascinantes, apesar de saber que seria impossível ler qualquer deles.

Podia apenas ficar à janela, olhando o jardim.

Parecia-lhe que até o sol brilhava menos e que o dia estava mais escuro.

Aprensiva, Dorinda se perguntava como poderia contar a Maximus Kirby o que se passara e demonstrar-lhe sua sincera tristeza. Antes de mais nada, como poderia justificar o inqualificável procedimento de Letty?

Com certo sentimento de alívio, a jovem se lembrou que Maximus Kirby desconhecia sua verdadeira identidade. Para o rapaz, ela era apenas uma amiga de Letty, não a irmã da moça que o traía.

Somente quando o sol já estava bem alto e a maioria das pessoas fazia a sua sesta, foi que Dorinda ouviu o som de uma carruagem parando diante da casa.

Alguns criados correram para a sala, onde, logo depois, soou a voz de Maximus Kirby.

— Sim, estou muito bem, obrigado. Não precisam preocupar-se comigo, está tudo bem.

Um dos criados devia ter-lhe dito que Dorinda estava à sua espera porque ela o ouviu perguntar:

— Onde está Miss Hyde?

— Na biblioteca, senhor.

— Vou falar com ela.

Dorinda teve a impressão de que seu coração falhava uma batida e que lhe era impossível respirar enquanto os fortes e decididos passos de Kirby se aproximavam da biblioteca.

Sua presença pareceu encher todo o cômodo.

Voltando para o rapaz seu rosto muito pálido, Dorinda estremeceu ao pensar no que devia dizer-lhe.



## CAPÍTULO 8

COM um sorriso nos lábios, Maximus aproximou-se de Dorinda.

— Estou de volta e tenho muito que lhe agradecer... — começou o rapaz.

Mas ela levantou a mão, interrompendo-o.

Kirby perscrutou-lhe o rosto e perguntou, calmamente:

— Que aconteceu? Por que está preocupada?

Foi incrivelmente difícil para Dorinda conseguir falar, mas, de algum modo, pôde dizer:

— Eu... tenho uma coisa para dizer-lhe...

— O que é?

Ela pensou que as palavras jamais lhe chegariam aos lábios, mas ouviu-se dizendo, com voz irreconhecível.

— Letty... ela... foi embora... com a Irmã Teresa.

— Foi embora?

Seu tom era duro.

— A Irmã Teresa levou Letty para Sarawak... ela pede desculpas... mas não quer casar-se com o senhor... deixou-me um bilhete... pedindo-me que lhe desse conhecimento disso.

Por um momento, um pesado silêncio pairou entre eles.

Dorinda não tinha coragem de olhar para Maximus Kirby. Não poderia encarar a expressão de seus olhos, a sua temida fúria.

Então, após um intervalo que lhe pareceu incrivelmente longo, ele exclamou:

— Maldição, por que não me disse a verdade quando eu lhe perguntei?

Havia violência em sua voz e Dorinda sabia que não a poderia suportar por muito tempo.

— Eu... sinto muito — murmurou a moça, saindo correndo da sala.

Dorinda não tinha noção do que estava fazendo, sabia apenas que precisava fugir.

Não podia responder às perguntas que Maximus Kirby certamente lhe faria.

A jovem quase esquecera que Kirby lhe tinha perguntado, no iate, se Letty queria se casar com ele e ela lhe respondera com evasivas.

Agora Dorinda sabia que ele a odiaria por não ter sido sincera, por não ter impedido, como poderia, a situação atual.

Se ela tivesse lhe respondido honestamente, talvez ele tivesse podido evitar de alguma forma que Letty chegasse a Cingapura e se pouparia a humilhação que devia estar sofrendo agora.

— Oh, por que fui tão tola? — perguntava-se Dorinda.

Sem mesmo ter consciência do que fazia, trancou-se nos seus aposentos. Num impulso, apanhou o chapéu e a bolsa com que viajara, desceu correndo os degraus da escada e saiu da casa.

Como de hábito, uma carruagem estava diante do pórtico, com o cocheiro à espera de ordens.

— Para a agência de viagens — disse ela.

Enquanto viajavam, descendo a colina e pelas ruas da cidade, Dorinda só tinha

consciência de sua própria infelicidade.

Era preciso voltar imediatamente para a Inglaterra. Não apenas porque não poderia enfrentar a ira de Maximus Kirby, mas também porque não podia ficar sozinha na casa do rapaz.

Difícilmente, depois do acontecido, ele se dignaria dirigir-lhe a palavra. E, além do mais, ela era uma moça solteira, não podia permanecer ali. Tinha que sair de Cingapura o mais depressa possível.

Ao pensamento do que a esperava na Inglaterra, Dorinda teve vontade de chorar, pedir a Kirby, de joelhos se preciso fosse, que a deixasse ficar. Então, a jovem disse a si mesma que precisava pelo menos manter o orgulho, agir como uma senhorita, por mais repreensível que pudesse parecer o comportamento de sua irmã.

Ela voltaria à Inglaterra e esqueceria que durante uma mágica semana tivera a companhia do homem que amava no único período fisicamente normal de sua vida e no qual se comportara como qualquer moça de sua idade.

Apesar de tudo o que o Dr. Johnson dissera, a moça tinha certeza de que, retornando à Inglaterra, o eczema voltaria.

Não talvez tão grave no início, quanto sempre fora, mas o frio do próximo inverno e dos invernos que se seguissem, poderiam de novo transformá-la na criatura fantasmagórica de antes, quando apenas utilizava as escadas traseiras de Alderburne Park, temendo encontrar estranhos.

A carruagem chegou ao escritório da agência de viagens sem que Dorinda tivesse sequer percebido as ruas por onde tinha passado.

A jovem entrou na agência e estendendo a passagem de volta que sempre estivera em sua bolsa, perguntou ao funcionário:

– Qual é o próximo navio que volta à Inglaterra?

– O “Homerick” chegará depois de amanhã à noite e partirá na manhã seguinte, senhorita.

– Por favor, reserve-me uma cabina.

– Com prazer, senhorita.

O funcionário estava tomando nota do seu nome quando um homem entrou na sala.

A moça nem mesmo reparou no recém-chegado até que ele exclamou:

– Lady Dorinda! É Lady Dorinda, não?

Ela voltou-se, surpresa, e viu o rosto familiar de um rapaz que tinha encontrado freqüentemente nas caçadas.

– Oh, Sr. Wakely, eu não esperava encontrá-lo aqui.

– Nem eu – respondeu o rapaz. – Apesar de ter ouvido dizer que sua irmã tinha chegado a Cingapura para casar-se com o Sr. Maximus Kirby. Não pensei que a senhorita a tivesse acompanhado.

Os olhos do recém-chegado estavam perscrutando o rosto da moça e Dorinda soube que, apesar de ser um jovem suficientemente educado para não o declarar, Wakely estava simplesmente estupefato pela mudança em sua aparência.

– A senhorita está muito bem... – murmurou Wakely, sinceramente impressionado.

– Estou marcando minha viagem de volta – respondeu ela, desviando timidamente os olhos diante de tão ostensiva admiração.

— Mas não pode voltar tão depressa! A senhorita mal chegou!

— Tenho motivos para voltar à Inglaterra.

Ela recebeu os papéis que o funcionário lhe estendia e agradeceu.

— Mas precisamos ver-nos de novo, Lady Dorinda — insistiu Anthony Wakely. — Não quer ir ao baile esta noite?

— Baile? — indagou Dorinda.

— Minha irmã vai dar uma festa. A senhorita deve ter ouvido falar a respeito. Sei que há dez dias ela mandou um convite para Lady Lettice e o Sr. Kirby.

— Minha irmã não tem passado bem.

— Bem, se ela não puder estar presente, a senhorita pode e deve... — disse Anthony Wakely, firmemente. — E por que não janta conosco? Não sei se a senhorita sabe, mas minha irmã casou-se com Hugh Armstrong, que tem uma grande plantação em Johore.

— Não, não sabia.

Dorinda lembrou-se vagamente de ter ouvido falar que um dos Wakely morava na região e ela nem pensara em perguntar onde.

— Virá esta noite? — tornou a insistir Anthony Wakely, enquanto saíam da agência de viagens e paravam ao sol, junto à carruagem.

De repente, Dorinda resolveu aceitar o convite. Qualquer programa seria melhor que ficar na casa de Maximus Kirby e enfrentar a sua cólera.

Teria que permanecer ainda lá o dia seguinte e a jovem se perguntava como o poderia suportar.

— Gostaria muito de ir — respondeu, com decisão. — Obrigada pelo convite.

— Irei buscá-la às sete e meia — disse Anthony Wakely. — Se Lady Lettice e o Sr. Kirby mudarem de idéia, minha irmã ficará encantada de tê-los como convidados também para o jantar. Mas, seja como for, prometa que não faltará.

— Prometo — respondeu Dorinda, com um leve sorriso.

O rapaz ajudou-a a subir na carruagem e depois a ficou observando enquanto o veículo se afastava.

Anthony Wakely era um homem de bela aparência e, como a moça bem sabia, um excelente cavaleiro. Dorinda conversara mais vezes com ele que com os habituais participantes das caçadas simplesmente porque, como ela mesma, o rapaz ia até o fim, ultrapassando quase todos os companheiros.

— Irei ao baile — disse Dorinda a si mesma, enquanto a carruagem a levava de volta para a casa de Kirby.

Ela sentia que talvez fosse sua última oportunidade de ser sequer convidada para um semelhante acontecimento.

Mas Dorinda sabia perfeitamente que Anthony Wakely, apesar de ter sido sempre muito delicado com ela nas caçadas, jamais a convidaria, no passado, para um baile ou mesmo para ser seu par numa daquelas reuniões...

Era vagamente reconfortante saber que finalmente um rapaz a olhava com admiração.

Quando chegou à casa, esgueirou-se para seu quarto.

Não havia sinal de Maximus Kirby e ela imaginou que, por ter estado ausente o dia anterior, ele devia ter uma porção de negócios para resolver, além de, provavelmente, não desejar vê-la.

A moça tomou chá em seu quarto e, após um revigorante banho, começou a escolher a roupa. Queria estar pronta quando Anthony Wakely fosse buscá-la.

Dorinda escovou bem os cabelos diante do espelho até torná-los suaves e brilhantes. Agora que caíam em ondas pelos seus ombros, podia arrumá-los como bem entendesse. Num impulso, puxou-os para o alto da cabeça, prendendo-os em pequenos anéis, de modo a acentuar-lhe a altura e a linha longa e graciosa do seu pescoço.

Olhando-se ao espelho, Dorinda já não via o cabelo brilhante e macio, mas a pele clara e limpa, com a qual nada podia fazer quando estava na Inglaterra.

A moça se levantou.

— Apenas esta noite, serei Cinderela — disse a si mesma. — Irei ao baile, se não tão bonita como Letty, pelo menos com uma bela e atraente aparência. Uma moça de pele limpa e macia e com quem qualquer homem gostaria de dançar.

Dorinda passou de seu quarto ao de Letty e abriu a porta do guarda-roupa da irmã. Era claro que Letty tinha apenas levado consigo os vestidos mais simples do seu enxoval.

Dorinda imaginou que a Irmã Teresa devia ter dito a Letty que aqueles vestidos maravilhosos vindos de Bond Street seriam inúteis numa Missão em Sarawak.

Dorinda conhecia muito bem aqueles vestidos e sabia que lhe caíam como uma luva. Durante horas ela os estivera provando, escolhendo os ornamentos de cetim, veludo e renda, tudo fazendo para que eles se ajustassem bem ao corpo, revelando as curvas suaves do busto e acentuando uma fina cintura.

Estendeu a mão de modo quase desafiante e escolheu um vestido de crepe verde, que lhe agradava mais particularmente. A cor lhe recordava a do pequeno dragão com que Maximus Kirby a presenteara. Dorinda tentou afastar seu pensamento do rapaz.

Vestiu o vestido e voltou-se para olhar-se no espelho.

Ele revelava cada linha de seu talhe perfeito, e caía em suaves babados dos joelhos para baixo. Babados de tule também cascadeavam pelas costas, presos por uma faixa de veludo.

Enquanto se olhava, ela sabia que o verde do vestido destacava a quase incrível brancura de sua pele e aumentava o brilho de seus olhos.

Ela estava bem diferente da figura discreta em que voluntariamente se transformara desde que deixara a Inglaterra como dama de companhia de Letty.

Dorinda lembrou-se de que havia uma pequena rede de cabelo que acompanhava o vestido e abriu uma gaveta da cômoda. Então, quase não pôde acreditar no que viu.

Letty tinha deixado todas as jóias que Maximus Kirby lhe dera! Todas ali estavam, fora dos estojos, jogadas desordenadamente na gaveta.

Reconheceu o anel de noivado e o colar, além da pulseira de safiras que completava o conjunto; as pérolas, o colar das borboletas, tão colorido com seus rubis, diamantes e esmeraldas.

Então, Dorinda reparou num broche que conhecera a vida toda. Um crescente de diamantes que tinha sido de sua mãe e que Letty usava, às vezes, em festas.

A condessa o dera à sua filha mais nova, como presente de casamento.

— Seria absurdo gastar dinheiro num presente caro, nas atuais condições financeiras de seu pai — tinha dito a condessa a Letty. — Por isso resolvi dar-lhe o meu crescente de diamantes.

— Obrigada, mamãe — respondeu Letty, vagamente.

— Você sempre pode devolvê-lo se o Sr. Kirby a cobrir de jóias. Vou sentir falta dele.

— Como pôde Letty deixar aqui esse broche? — perguntou-se Dorinda.

Mas, depois, lembrou-se de que diamantes não eram próprios para Sarawak.

“É melhor levar o broche de volta para mamãe”, pensou Dorinda, apanhando a jóia.

Então, enquanto a tinha na mão, olhou-a por um momento e, depois, prendeu-a na frente do vestido.

A jovem se perguntou o que faria Maximus Kirby com as jóias desprezadas por Letty. Iria vendê-las? Ou as guardaria para a próxima mulher que pedisse em casamento?

O pensamento de que ele podia casar-se causou a Dorinda uma súbita angústia, mas a moça compreendeu que era inútil aquele sofrimento, pois logo estaria longe de Maximus Kirby. E, uma vez de volta à Inglaterra, seria difícil ter notícias dele.

Notícias de seu casamento ou de qualquer de suas atividades dificilmente chegariam a Alderburne Park.

Dorinda fechou a gaveta da cômoda de Letty e, tendo encontrado a rede que acompanhava o vestido, voltou ao seu próprio quarto.

Olhou o relógio. Eram quase sete e meia. Caminhando na ponta dos pés, foi até a escada.

Não havia ninguém na grande sala do andar térreo, a não ser a criada. Apenas o som do relógio quebrava o silêncio. Do jardim vinha o perfume das flores.

Dorinda esperou.

Depois de alguns momentos, ouviu o som de uma carruagem que se aproximava. A jovem desceu correndo a escada e abriu a porta da frente.

Dorinda não se enganara: Anthony Wakely acabava de chegar para levá-la ao baile.

Ela subiu à carruagem antes que ele tivesse tempo de ajudá-la.

— Receei que mudasse de idéia — disse o rapaz.

— Estou ansiosa pelo baile — confessou Dorinda.

— E minha irmã está ansiosa por conhecê-la — disse ele. — Eu lhe contei... como a senhorita estava bonita.

O rapaz se atrapalhou nas palavras e Dorinda imaginou o que ele devia ter dito à irmã. Mas aquilo não importava pois, naquela noite, ela queria ouvir muitos elogios à sua aparência.

Dorinda queria que elogiassem sua beleza, a elegância do vestido, e esquecer que num futuro próximo os ventos frios e as nevascas a transformariam de novo numa pobre criatura evitada por todos.

Ela não estava prestando atenção ao que Anthony Wakely lhe dizia, a não ser quando o rapaz informou que o baile ia ser realizado na antiga residência de Sir Thomas Raffles.

— Oh, eu queria tanto conhecê-la! — exclamou Dorinda.

— Não posso entender como o Sr. Kirby não a levou lá — comentou Wakely. — É um dos pontos turísticos de Cingapura.

Dorinda não respondeu e ele acrescentou:

— Oh, a senhorita me disse que Lady Lettice tem estado doente. Deve ser essa a razão. Quer dizer que ela não estará conosco esta noite?

— Acho que não.

— É uma pena. Eu descrevi ao meu cunhado e seus amigos a beleza de sua irmã, mas é claro que eles não sentirão a falta de Lady Letty quando virem a senhorita.

Dorinda sorriu.

— Não exagere.

— Não estou exagerando — respondeu Anthony. — Eu não sabia que a senhorita era tão bonita. Desculpe se lhe pareço rude...

Anthony Wakely tinha acrescentado as últimas palavras como se temesse ofender a moça.

— Aprecio os seus cumprimentos, Sr. Wakely — respondeu Dorinda.

O jantar foi maravilhoso e Dorinda o teria apreciado muito mais, não fosse a consciência que a acompanhava, o tempo todo, da confusão em que se metera. E o peso das lembranças a impedia de aproveitar a festa.

Ela tentava não recordar Maximus Kirby e, no entanto, cada respiração sua parecia lembrá-lo.

Mas Dorinda não seria humana se não tivesse percebido, desde o momento de sua chegada ao local conhecido como “A Casa Raffles”, que seu sucesso era completo.

Anthony Wakely apresentou-a a todos, orgulhosamente, como se fosse o responsável por sua aparência, e os jovens oficiais dos navios, os fazendeiros e as autoridades do governo se desmancharam em cumprimentos à jovem.

Reunidos à sua volta, eles a olhavam com uma admiração que Dorinda jamais conhecera.

Ela percebia vagamente o despeito das moças e até de algumas das senhoras presentes à festa, mas naquela noite Dorinda não se importava com os sentimentos alheios.

— É o meu “canto do cisne” — disse a si mesma. — Depois de amanhã não estarei mais aqui.

Após o jantar, todos se dirigiram para o salão de danças, antes que os convidados para o baile comessem a chegar e Anthony Wakely exigiu a primeira valsa.

Era maravilhoso valsar sabendo que dançava bem e nenhuma mulher a igualava em elegância. E era ainda mais excitante descobrir que os homens disputavam a inscrição de seus nomes no carnê de baile da jovem, chegando até mesmo a organizar uma lista suplementar quando não havia mais danças a destinar.

— Você é a moça mais bonita que vejo em muitos anos...

— Como não a vi antes?

— Podemos encontrar-nos amanhã?

— Pode conceder-me a próxima dança?

Ela teve que responder, inúmeras vezes, às mesmas perguntas e, justamente porque era uma experiência nova para Dorinda, havia algo de excitante na repetição dos cumprimentos.

Ela desceu para a ceia, apesar de não ter fome. Estava tão preocupada com Maximus Kirby que não tinha conseguido comer direito ao jantar.

Tomou, no entanto, um pouco de champanha, o que de certa forma, lhe serviu como válvula de escape para os pensamentos e perguntas que continuavam lhe martelando o cérebro e prejudicando a doce sensação do seu sucesso.

Estava ficando tarde e ela se encontrava no salão de baile, rodeada por meia dúzia de rapazes, esperando pelo início da dança seguinte, quando, de repente, seus olhos foram atraídos para a extremidade da sala.

Dorinda pensou, mais tarde, que devia ter sido instintivo o seu gesto de olhar para a entrada do salão.

Então, viu-o.

Ele acabava de entrar na sala e parecia mais alto, forte e dominador que qualquer dos cavalheiros presentes, como se, diante dele, todos se amesquinhassem.

Então, como se uma corrente elétrica se estabelecesse entre ambos, Maximus Kirby instantaneamente avistou Dorinda e caminhou na sua direção.

Ela ficou imóvel, olhando-o, e, por um momento, as vozes e os risos dos homens que a rodeavam pareceram emudecer. Ela não podia ouvi-los e, de repente, mal percebia sua presença.

Quando Maximus Kirby chegou ao lado da jovem, Anthony Wakely exclamou:

— Sr. Kirby, é um prazer tê-lo conosco! Foi maravilhoso podermos contar com a presença de Lady Dorinda, mas sentimos a sua falta e de Lady Lettice.

Dorinda teve a impressão de que ficara petrificada e percebeu que Maximus Kirby estava também imóvel.

Kirby não respondeu a Anthony Wakely e nem mesmo o olhou. Seus olhos estavam presos ao rosto da jovem. Então, a música recomeçou. Ele deu um passo à frente e pôs o braço em volta de sua cintura.

— Esta é a nossa dança — disse Kirby.

Antes que o parceiro prometido de Dorinda pudesse protestar, ele a conduziu para o meio do salão.

Embora consciente do braço do rapaz em volta da sua cintura, da mão que segurava a sua, Dorinda não ousava olhá-lo e lhe teria sido impossível falar, ainda que sua vida dependesse de uma palavra.

O salão estava repleto, mas Maximus Kirby movia-se desembaraçadamente por entre os dançarinos, conduzindo-a até o outro lado da sala onde as grandes portas abriam para uma varanda.

Kirby parou de dançar e levou Dorinda até o jardim, com o braço firmemente passado pela sua cintura.

Ela queria protestar, dizer que não podia acompanhá-lo, mas sentia-se indefesa e sabia que, na verdade, não tinha escolha, a não ser obedecer.

Eles caminharam até um canto tranquilo do jardim, onde não podiam ser vistos da casa.

Maximus Kirby deteve-se sob a luz de um lampião meio escondido pelos ramos floridos de uma árvore.

Então, soltou a moça e, encarando-a, exclamou com fúria:

— *Lady Dorinda!* Então, foi mais uma mentira que você me pregou!

— Eu... vim... como dama de companhia de Letty — respondeu Dorinda, em voz baixa — porque pensamos que... seria embaraçoso para mim identificar-me como... sua irmã.

— Embaraçoso?

A palavra soou zombeteira nos lábios do rapaz.

— Então você fazia parte do plano para me impingir como esposa uma criança, uma mulher imatura!

— Não foi assim...

— Agora compreendo exatamente o que aconteceu! — continuou ele. — Compreendo a ambição de seu pai por um genro rico e como caí facilmente na armadilha que ele me preparou!

Tanta fúria vibrava em sua voz que Dorinda estremeceu.

— Ele... não queria enganá-lo...

— Está mentindo! Está mentindo novamente e você, como seus pais e sua irmã, tudo tramaram para que eu parecesse um completo idiota!

— Eu... sinto muito... — balbuciou Dorinda. — Sinceramente.

— Acha que isso é suficiente? — indagou ele. — Que chega para compensar-me do ridículo com que me cobriram, me tornando o alvo dos mexericos dos meus amigos e dos meus empregados?

A dureza de sua voz a fez exclamar, desesperadamente:

— Como posso explicar? Que posso fazer?

Ele a encarou e, à luz da lanterna, Dorinda achou cruel sua expressão.

— Vou lhe dizer o que pode fazer. Uma filha de um conde é semelhante à outra. Você vai se casar comigo. Você veio a Cingapura para ver-me casado. Bem, não quero que fique desapontada. Pode tomar o lugar de sua irmã.

Enquanto Dorinda o olhava, surpresa demais para sequer compreender o sentido de suas palavras, Maximus abraçou-a rudemente, cerrando os braços à volta de seu corpo. Ela deixou escapar um pequeno grito.

O abraço era tão violento que ela mal podia respirar. Então, Kirby inclinou-se e colou seus lábios nos da jovem.

Por um momento, Dorinda só teve consciência de que ele a estava magoando, que seus lábios eram brutais e queimavam os dela.

E, de repente, pareceu-lhe que ele a abraçava ainda mais estreitamente e seu beijo se tornava mais insistente, mais exigente.

Dorinda queria afastá-lo de si, lutar por sua liberdade, mas, em vez disso, sentiu uma onda de fraqueza lhe subir pelo corpo e chegar-lhe à garganta. Uma sensação tão insidiosa e irresistível que ela se abandonou nos braços de Kirby, entregando seus lábios aos dele.

Os lábios do rapaz lhe pareceram mais gentis. Dorinda experimentou uma súbita sensação de espanto e êxtase que jamais julgara possível. Algo tão mágico e arrebatador que parecia lhe arrancar do próprio corpo o coração.

Então, quando pensava que ele ia permitir que os lábios de ambos se separassem, seu beijo se tornou mais doce e Dorinda teve a impressão de que uma faísca elétrica a transpassava. Por um momento, sentiu apenas uma dor cruciante, depois sobreveio o êxtase, além de qualquer descrição e cuja intensidade a fez estremecer.

A moça nunca julgara possível experimentar tal sentimento, mesmo enquanto tentava prolongar-lhe o enlevo e então, de repente, Maximus Kirby levantou a cabeça e Dorinda ficou livre.

Ele ia falar, talvez para acusá-la ou zombar dela, como já tinha feito.

Mas Dorinda sabia que não poderia mais suportar suas acusações, sua revolta e seu desprezo, a declaração de sua decepção, depois daquele mágico momento que fora, enquanto durara, um pedaço do paraíso.

Com um pequeno grito e uma força que ignorava possuir, a jovem se libertou de seus braços e, levantando levemente a saia, correu pelo jardim, movendo-se tão depressa que estava quase fora de vista quando ele percebeu o que acontecera.

Usando seu instinto de autopreservação, Dorinda evitou o salão de baile e esgueirando-se por um corredor que levava à porta principal, parou, ofegante, no topo dos degraus.

— Carruagem, senhorita? — indagou um porteiro.



— Sim, por favor — respondeu Dorinda, com certa dificuldade.

Uma carruagem apareceu e ela entrou no veículo.

— Para onde, senhorita?

— Para o cais.

O cocheiro chicoteou o cansado animal e, quando com um solavanco, a carruagem partiu, Dorinda olhou para trás, não vendo sinal de Maximus Kirby entre as pessoas que estavam deixando a casa.

Ela escondeu o rosto entre as mãos. Agora sabia que não mais poderia vê-lo. Kirby a desprezava, mas ela o amava tanto que, se o revisse, acabaria lhe declarando o seu amor.

Maximus Kirby estava evidentemente furioso quando lhe propôs casamento mas, mesmo que, no dia seguinte, ele repetisse a proposta, a moça sabia que teria de recusá-la. Seria um sofrimento intolerável saber que ele se casava com ela apenas para salvar seu orgulho e que a odiava por julgá-la parte de um plano para enganá-lo.

Exceto em seus planos de casamento, Maximus Kirby sempre tinha sido muito bem sucedido em suas iniciativas. Poderia ele perdoar ou mesmo tolerar uma mulher, que, impensadamente, inadvertidamente, tinha sido em parte responsável pelo seu único fracasso?

Ela o amava muito. Kirby lhe provocava sentimentos que ela não podia controlar e Dorinda nada podia fazer senão colocar um oceano entre eles.

— Não posso vê-lo de novo... não posso... — murmurou para si mesma.

A carruagem diminuiu a marcha e, olhando para o cais, a moça viu as luzes dos navios, verdes e vermelhas, refletidas no mar.

Dorinda tinha certeza de que encontraria alguma agência aberta porque muitos navios saíam ao amanhecer.

A jovem mandou a carruagem a aguardar e, caminhando pelo pavimento, encontrou, como esperava, um escritório aberto com uma longa lista de futuras viagens.

Sem sequer tentar lê-la, ela perguntou ao funcionário chinês quando o próximo navio deixaria o porto.

— Há um que partirá dentro de cinco minutos — respondeu ele. — É um navio de carga, mas também transporta passageiros.

— Para onde vai? — perguntou ela.

— Para Jacarta — respondeu o funcionário.

Por um momento, Dorinda nem mesmo conseguiu lembrar-se onde ficava Jacarta, mas a localização não importava.

— Quero uma cabina de primeira classe.

— Há apenas uma cabina a bordo — declarou o funcionário. — E está desocupada.

Ele extraiu a passagem, aparentemente desinteressado na aparência da jovem ou no fato de que senhoritas em vestidos de noite normalmente não querem viajar em navios de carga.

Dorinda abriu a pequena bolsa e, consternada, verificou que não tinha dinheiro.

Por um momento, receou não conseguir viajar, mas, de repente, lembrou-se do crescente de diamantes que usava.

Retirou o broche e estendeu-o ao funcionário.

— É valioso — disse a moça. — Quero trocá-lo por dinheiro.

Imperturbável, o funcionário apanhou o broche e, após olhá-lo sob a luz do lampião pendurado às suas costas, bateu na parede posterior do escritório.

De início, não houve nenhum movimento, mas, afinal, um velho chinês num longo quimono apareceu na sala.

Os dois homens trocaram algumas palavras. O velho apanhou o broche, examinou-o e depois voltou ao aposento contíguo.

Dorinda pensou que aquele tipo de transação devia ser freqüente. As trocas eram bem aceitas pelos chineses e objetos de qualquer natureza sempre podiam ser trocados por dinheiro.

O velho voltou ao escritório e disse algumas palavras ao funcionário, que as traduziu para Dorinda.

— O broche vale cento e cinqüenta libras. Nós lhe oferecemos oitenta.

— Está bem — concordou Dorinda.

Ela pensou que devia ter discutido a insignificância da oferta, mas só tinha um único e urgente desejo: deixar Cingapura no navio que ia sair dentro de alguns minutos.

O funcionário descontou o preço da passagem e entregou o saldo a Dorinda. A moça voltou à carruagem, pagou a corrida, guardou o resto na bolsa e correu para o ancoradouro.

Ao chegar ao navio, os dedos dourados da aurora começavam a aparecer no leste, dissipando a obscuridade.

O navio era pequeno e pobre, com apenas dois conveses, o mais baixo cheio de chineses e malaaios pobres, amontoados com as caixas de carga, animais e galinhas.

Uma escada privativa, no entanto, conduzia ao convés superior. Era íngreme e Dorinda levantou um pouco a saia para não tropeçar nos babados de tule.

Um marinheiro chinês a conduziu à sua cabina, localizada perto da chaminé e provavelmente quente. Mas ela estava partindo e o calor não a preocupava, como também pouco importava que a cabina fosse pobre, mobiliada apenas com o beliche, uma cadeira e uma mesa, mais parecendo uma cela de prisão.

O marinheiro fechou a porta e Dorinda deu alguns poucos passos pelo chão sujo de madeira, até chegar à escotilha, de onde olhou a enseada.

O sol já começava a se erguer sobre o mar, e, olhando para Cingapura, através do vidro da vigia, Dorinda sentia ser aquela a última visão de tudo o que para ela tivera alguma significação.

Já não fazia parte daquele mundo, onde agora estava deixando não apenas seu coração, mas toda a sua alma.

As lágrimas lhe assomaram aos olhos e a lembrança do que sentira quando Maximus Kirby a beijara atravessou-a como uma fagulha elétrica.

Nada podia ter sido mais maravilhoso e, no entanto, justamente por esse motivo, ela não podia permitir que o rancor de Kirby a destruísse.

— Eu o amo — murmurou, olhando o mar. — Eu o amo, mas não poderia suportar a sua cólera...

Ela ouviu o sino do navio e um súbito apito partiu da chaminé. Os motores começaram a funcionar, sacudindo a cabina.

Ela estava partindo e não conseguia ver mais nada por entre as lágrimas.

— Adeus, meu amor — murmurou de novo, escondendo o rosto entre as mãos.

Mas um ruído alto e inesperado fez Dorinda voltar-se repentinamente.

Maximus Kirby estava na porta da cabina.

Por um momento, Dorinda, imóvel, nada pôde fazer senão olhá-lo. Então, sem uma

palavra, ele foi ao seu encontro, segurou-a pelo pulso e empurrou-a pela porta até o convés.

O navio estava se movendo, a plataforma tinha sido retirada e um marinheiro recolhia a corda.

Sem falar e tão depressa que Dorinda não pôde antecipar o que estava acontecendo, Maximus Kirby ergueu-a nos braços e, apertando-a contra o peito, pulou no cais.

O navio já estava a um metro e mais do ancoradouro, mas o rapaz caiu de pé. Dorinda sentiu como se todo o ar tivesse saído de seu corpo.

Tudo fora tão súbito e inesperado que ela mal pudera perceber o que se passava.

Então, enquanto ela escondia o rosto em seu ombro, lutando para respirar e abalada pelo impacto dos pés de Kirby contra o solo, ouviu, partidos do navio e do cais, os gritos e aplausos dos que ali se encontravam.

Ainda nos braços de Maximus, ela teve a impressão de que o rapaz estava sorrindo enquanto caminhava pelo cais, ao fim do qual um veículo puxado por dois cavalos o esperava. Dorinda compreendeu por que razão ele a alcançara, mas, ao mesmo tempo, se perguntou por que ele tinha resolvido vir buscá-la.

Vestígios de lágrimas ainda eram visíveis em seus olhos e no rosto. Sem uma palavra, Maximus Kirby a colocou num canto da carruagem, tirou um lenço do bolso e enxugou-as.

Seu gesto foi tão gentil que ela sentiu novas lágrimas lhe chegarem aos olhos e, tomando o lenço da mão do rapaz, escondeu nele o rosto, sem poder conter o pranto.

“Por que não me deixou ir embora?”, queria perguntar-lhe.

Mas, no momento, era-lhe impossível pronunciar uma palavra, e não apenas por causa das lágrimas, mas também porque ainda não conseguira normalizar a respiração.

“Como pôde ele arriscar-se a quebrar uma perna pulando daquela maneira?”, perguntava a si mesma, sabendo no entanto, que Kirby, uma vez resolvido a executar uma ação, não lhe teria permitido interferência.

“Eu... preciso falar com ele... preciso fazê-lo entender...”, pensava Dorinda, freneticamente, não tendo, contudo, muita certeza do que ele chegaria a compreender ou como poderia encontrar uma desculpa para o que tinha acontecido.

Mal tinham viajado uma pequena distância quando os cavalos reduziram a marcha e pararam. Dorinda retirou o lenço dos olhos.

Por um momento, ela pensou que nem tinham se movido, pois ainda estavam na enseada, onde avistou dois iates.

Um deles era “O Dragão do Mar”, em que ela viajara na semana anterior, a pintura branca brilhando à luz do sol. E a seu lado, o navio mais fantástico que Dorinda já vira, um junco chinês, com o dobro do tamanho dos juncos que ela tinha visto na costa, pintado de vermelho e dourado, com uma sereia esculpida na proa.

Enquanto ela observava o barco, Maximus Kirby saltou da carruagem, deu a volta até o seu lado e abriu a porta.

— Você pode andar ou quer que eu a carregue?

Eram suas primeiras palavras desde a difícil conversa de ambos no jardim, antes de beijá-la.

Assustada, ela o olhou por um momento, os olhos muito abertos. Então, viu a expressão do rosto de Kirby e seu coração disparou.

Dorinda fitou seus olhos cinzentos e julgou encontrar neles algo que ela não

compreendia e não ousava colocar em palavras.

Maximus a auxiliou a descer da carruagem e caminharam juntos a pequena distância que os separava do “Ninfa do Mar”, a bordo do qual ele a ajudou a subir.

Um oficial uniformizado cumprimentou-os.

— Bem-vindo a bordo, senhor.

— Para o mar, Sr. Chang — ordenou Maximus Kirby. — E peça ao Capitão Barnet que venha ao salão imediatamente.

— Sim, senhor.

Maximus Kirby guiou Dorinda até um grande salão que devia ter o comprimento do navio, onde se viam confortáveis sofás, largas poltronas e surpreendentes vasos de flores, além de uma estante cheia de livros e uma mesa encostada à parede.

Dorinda teve apenas uma rápida impressão do ambiente antes de voltar-se para Maximus Kirby. Estava muito pálida e tinha uma pergunta em seus olhos.

Por um momento, olharam-se em silêncio. Depois, numa voz trêmula, ela perguntou:

— Por que me trouxe aqui?

## CAPITULO 9

DORINDA percebeu que Maximus Kirby procurava as palavras adequadas, mas, antes que ele pudesse responder, a porta se abriu e o Capitão Barnet entrou.

Era um homem de meia-idade e, mesmo sem o seu uniforme, qualquer pessoa saberia, pelo seu rosto queimado de sol e pelos pálidos olhos azuis, que ele era um marinheiro.

— É muito bom vê-lo de novo, Sr. Kirby — disse o capitão, caminhando na direção de Maximus.

O rapaz apertou-lhe a mão e voltou-se para Dorinda:

— Quero apresentar-lhe o Capitão Barnet, o comandante do “Ninfa do Mar” e de outros barcos de minha pequena frota.

— Que cresce a cada dia — acrescentou o capitão, com um sorriso.

Barnet fez uma respeitosa reverência para a jovem.

— É uma honra tê-la a bordo, senhorita.

— Agora, capitão — continuou Maximus Kirby — Lady Dorinda e eu ficaremos honrados se o senhor consentir em casar-nos.

Dorinda olhou para ele com espanto.

Por um momento, ninguém falou. Finalmente, o capitão respondeu calmamente, como se aquele fosse o pedido mais natural do mundo:

— Certamente, senhor. Acho que há uma Bíblia na gaveta.

Ele atravessou a sala enquanto falava.

Dorinda, atônita, continuava olhando para Maximus Kirby, achando que não devia ter entendido bem as palavras do rapaz.

Mas os olhos cinzentos de Maximus Kirby estavam muito sérios enquanto a fitavam e a moça teve a estranha impressão de que ele estava lhe dizendo alguma coisa que ela não compreendia.

Dorinda queria protestar, discutir com ele. Mas sabia que não podia agir assim diante do capitão.

Maximus Kirby já tinha sido humilhado demais com o comportamento de Letty. Seria igualmente ruim, senão pior, se ela contestasse sua autoridade diante de um homem que, em última análise, era seu empregado.

Dorinda gostaria de pedir-lhe que não levasse adiante sua idéia de vingança por acreditar que tinha sido enganado pelo conde.

Enquanto pensava freneticamente que devia pedir para falar a sós com Kirby, o capitão voltou para perto deles, com uma Bíblia nas mãos.

— Já a encontrei, senhor. Se estiverem prontos... — disse Barnet, tirando o boné e colocando-o numa pequena mesa.

“Não! Não pode fazer isso!”, Dorinda gostaria de dizer, mas, quando Maximus Kirby tomou-lhe a mão, as palavras morreram em seus lábios e, como se sentia fraca demais para desafiá-lo, deixou obedientemente sua mão na do rapaz.

A moça sentiu a força daqueles dedos longos e soube que ele estava percebendo o seu tremor.

— Estamos prontos, Capitão Barnet — disse Maximus Kirby, em voz baixa.

Enquanto o capitão começava a ler as palavras solenes, Dorinda sentia-se despojada de toda personalidade, que não era mais ela própria, mas uma simples escrava do homem que estava a seu lado.

Maximus Kirby deu todas as respostas em voz firme, enquanto a voz da moça soava fraca e trêmula.

Terminados os votos matrimoniais, ele tirou seu anel com sinete e colocou-o no terceiro dedo da mão esquerda de Dorinda. Era um anel de ouro com uma pequena esmeralda no centro das iniciais do nome do dono.

Como num sonho, ela ouviu-o dizer lentamente:

— Com este anel, eu te desposo. Com o meu corpo te idolatro. Com todos os meus bens terrenos te doto.

Não podia ser verdade! Tudo não passava de uma peça de sua imaginação! Ela não podia estar ouvindo aquelas palavras, que a uniam ao homem que amava apaixonadamente.

O Capitão Barnet pigarreou e declarou solenemente:

— Com a autoridade de que sou investido como Capitão de Sua Majestade Britânica, a Rainha Vitória, Imperatriz da Índia, eu os declaro marido e mulher e que Deus abençoe a sua união.

Ele fechou a Bíblia.

Maximus Kirby levou a mão de Dorinda aos lábios. Ela sentiu o calor dos lábios do rapaz, contra a sua pele e, por uma razão que não poderia explicar, teve vontade de chorar.

— Meus parabéns, senhor — disse o Capitão Barnet. — E para a senhora também, Lady Dorinda. Espero que sejam muito felizes juntos.

Em seguida apanhou o boné na mesa, colocou-o na cabeça e, com um último cumprimento, saiu do salão.

Dorinda retirou a mão das de Maximus Kirby. O anel era grande demais para o dedo da jovem, que o protegeu com a mão direita para que não escorregasse.

Então, indecisa, ela encarou Kirby.

— Estamos... mesmo... casados? — perguntou, com esforço.

— De acordo com a Lei da Inglaterra, você é minha esposa, Dorinda — respondeu o rapaz.

Ela fechou os olhos.

— Você... cometeu um engano... — murmurou a jovem, desamparadamente.

Dorinda esperava que ele lhe respondesse, mas, em vez disso, Maximus tirou o relógio do bolso.

— São pouco mais de quatro da manhã. Você deve estar cansada. Sugiro que vá dormir um pouco. Teremos depois muito tempo para conversar.

Enquanto falava, ele atravessava o aposento para abrir uma porta na outra parede.

Dorinda seguiu-o, quase automaticamente. A frente do juncó parecia ter sido dividida em duas partes, sendo uma o salão e outra o quarto, este muito grande para um navio e tendo no centro a cama mais estranha que Dorinda já vira.

Era ornamentada na cabeceira e nos pés com dragões e flores no mesmo estilo da peça de jade com que Maximus Kirby a tinha presenteado.

Tudo no quarto era verde: o tapete, as paredes, a cama e as cortinas de seda, compondo

um agradável e bizarro ambiente que parecia quase submarino.

Dorinda olhou em volta, atônita. Então, Kirby disse:

– Vá dormir, Dorinda. Tudo lhe parecerá menos assustador quando acordar.

O rapaz saiu depois da cabina, fechando a porta atrás de si.

Dorinda permaneceu imóvel na fresca penumbra verde que parecia a caverna de uma sereia. Depois, quase de modo mecânico, porque ele assim lhe ordenara, ela começou a tirar o vestido.

Viu um guarda-roupa contra uma das paredes e caminhou até ali para pendurar seu vestido num cabide. Abriu as portas e ficou impressionada.

O armário continha vestidos que ela reconheceu imediatamente.

Ela os vira havia algumas horas no quarto de Letty e os provara em Londres porque sua irmã se recusara a fazê-lo. E, então, compreendeu.

Era apenas mais um exemplo da eficiência de Maximus Kirby. Como Lee Chang Lo tinha lhe contado, as próprias roupas do rapaz tinham cópias em seus iates e os costureiros chineses tinham procedido do mesmo modo com as roupas de Letty.

Dorinda pendurou o vestido num cabide, fechou as portas do armário e encontrou, em seguida, uma grande variedade de camisolas, também copiadas do enxoval de Letty, numa gaveta da cômoda.

A cômoda era pintada com flores e aves de longas caudas, além de entalhada e dourada nos quatro cantos à maneira chinesa.

Dorinda escolheu uma camisola de musselina e, depois de vesti-la, recolheu-se ao leito.

Então, apreensivamente, olhou para a porta fechada. Maximus Kirby viria ao seu encontro... como seu marido?

Sentiu-se tensa e preocupada. Havia tanta coisa que ela gostaria de tentar explicar-lhe! Mas Kirby tinha razão ao dizer que ela estava cansada. A cama era tão confortável e os travesseiros tão macios!

Ela continuou, ainda por muito tempo, olhando a porta, e não soube quando adormeceu...

\* \* \*

O som da água, a suave batida do vento na vela e de novo o som de pequenas ondas que se chocavam contra o casco do navio, chegaram aos ouvidos de Dorinda que imóvel, no leito, se pôs a escutá-los, sem se lembrar de onde se encontrava. E, então, com um súbito temor, recordou-se.

Ela estava casada e a bordo do “Ninfa do Mar”! Não fora um sonho.

A jovem sentou-se na cama. A cabina estava fresca e em penumbra. Pela porta aberta ela podia ver o salão.

Num grande sofá, em frente à porta que dava para a sua cabina, ela avistou Maximus Kirby. Ele estava deitado e dormia a sono solto.

Dorinda olhou-o por algum tempo. Depois, deitou-se de novo...

\* \* \*

A jovem acordou com a consciência da presença de alguém. Abriu os olhos e viu

Maximus Kirby de pé, ao lado da cama.

— Trouxe-lhe uma xícara de chá — disse ele, em sua voz grave.

Ela o encarou, ainda sonolenta.

Estivera sonhando com ele e experimentou uma irreprimível felicidade porque ele estava realmente a seu lado.

Então, Dorinda recordou o que se passara na noite anterior!

Ele sentou-se na cama, de frente para a esposa, e ela recebeu de suas mãos a xícara de chá.

A bebida estava quente e perfumada. Enquanto tomava o chá, Dorinda tinha os olhos fixos em Maximus Kirby.

Seu cabelo despenteado caía-lhe sobre os ombros e seu rosto ainda estava morno do contato com o travesseiro. Ainda não acordara de todo. Maximus Kirby pensou que jamais vira uma mulher tão pouco preocupada com a aparência.

Dorinda notou que ele usava uma gravata de seda e uma camisa azul de algodão.

O cabelo de Kirby parecia úmido.

— Estive nadando — explicou ele, como em resposta aos pensamentos da jovem.

— Deve ser ótimo... mas é seguro?

Maximus Kirby sorriu.

— Os marinheiros ficam observando para alertar-me da aproximação de tubarões, mas se eu estivesse em perigo, tenho certeza de que você encontraria algum meio de salvar-me.

Dorinda sorriu timidamente. Ele tirou a xícara vazia de suas mãos e colocou-a na mesinha ao lado da cama.

— Acho que temos muitas coisas a dizer um ao outro, Dorinda.

A jovem encostou-se mais nos travesseiros, como se procurasse defesas contra a sua súbita fraqueza.

— Mas, antes de começarmos — continuou ele — quero que me explique por que julga nosso casamento um engano.

Dorinda reteve a respiração.

“Havia tantas razões que podia lhe dar!”, pensou. Mas expôs a primeira que lhe ocorreu.

— Não sou... suficientemente bonita.

Kirby sorriu.

— Esse é um motivo muito feminino — disse o rapaz, suavemente.

Estendeu a mão, segurou o queixo da esposa e levantou-lhe o rosto.

— Talvez eu devesse ter-lhe dito antes que você é a pessoa mais bonita que já encontrei em toda a minha vida.

Sentiu que Dorinda estremecia e o olhava incredulamente, como se achasse que ele estava se divertindo às suas custas.

— É a pura verdade. Você é como as minhas pinturas chinesas. É o que se oculta por trás de seus olhos preocupados, seu narizinho adorável e seus lábios macios que me enfeitiça, me escraviza, me fascina a ponto de eu não me cansar de olhar, não somente para a sua beleza, mas para o que existe no seu íntimo.

Dorinda espantou-se com o tom solene da voz do marido.

— Está mesmo sendo sincero?

— Acha que eu seria capaz de mentir sobre algo tão importante para nós dois?



Ele viu a sombra da incredulidade ainda em seus olhos e prosseguiu:

– Querida, talvez você esteja se perguntando por que me casei com você dessa forma discreta, sem testemunhas, sem cavalos brancos, sem fogos de artifício.

Fez uma pausa antes de perguntar:

– Por que acha que eu não quis nenhum desses aparatos?

Era claro que Maximus Kirby esperava uma resposta e, após o que lhe pareceu um longo silêncio, Dorinda murmurou, hesitante:

– Bem... acho que foi porque... você não se orgulhava tanto de mim... quanto de Letty.

Maximus Kirby esboçou um movimento como se fosse tomá-la nos braços, mas pareceu arrepender-se e segurou-lhe apenas a mão.

– A razão é que nem eu nem você precisamos desse tipo de ostentação. Acha que eu exporia meus preciosos tesouros a quem não pudesse apreciá-los?

Seus dedos pressionaram os dela.

– Quero que me acredite quando lhe digo que você foi a única mulher e a única pessoa da Europa que jamais entrou naquelas salas secretas de minha antiga casa para ver as minhas pinturas. Tenho muitas outras e quero mostrá-las... só para você.

Dorinda teve a impressão de que algo elétrico passava da mão dele para a sua. Baixinho, numa voz que mal podia ouvir, perguntou:

– Está dizendo... que gosta de mim?

– Estou dizendo que a amo. Que a amei desde o primeiro momento em que a vi. E soube disso quando depois de eu ter beijado a esposa do Sr. Thompson você me acusou de ser muito generoso com meus beijos.

Kirby sorriu.

– Logo percebi que você era diferente das outras mulheres que eu tinha conhecido. E quando você se comportou tão corajosamente durante o ataque dos piratas e nas nossas conversas, enquanto costeávamos a península, compreendi que algo muito estranho me tinha acontecido.

Ele ficou um momento em silêncio antes de prosseguir:

– É difícil fazê-la entender, minha amada, mas até então eu nunca tinha conversado realmente com uma mulher.

Dorinda tinha os olhos presos em Kirby. O rapaz continuou:

– As mulheres sempre me pareceram Aves-do-Paraíso; eu as desejava, cortejava, me divertia com elas, mas... talvez isso até lhe pareça um pouco brutal... sempre as achei facilmente dispensáveis.

Dorinda pensou em Pérola Perfeita e em Goldie, certamente duas das Aves-do-Paraíso na vida de Kirby.

– Eu jamais conheci realmente uma mulher antes de encontrar você – continuou Maximus. – Era com você que eu queria discutir meus negócios... só você poderia se tornar uma parte não somente do meu coração, mas de toda a minha vida.

– Por que acha que sou diferente?

– Meu instinto nunca me falhou. Na primeira noite, ele me dizia que você devia permanecer em Cingapura... comigo.

O rapaz respirou fundo.

– Depois, mostrei-lhe as minhas pinturas. Eu não sabia explicar a mim mesmo por que

tinha rompido com meus velhos princípios e a levava àquela parte da casa onde mulher alguma jamais entrara.

– Que pensou você, então?

– Tive receio.

– Receio?

– Sim, porque sabia que me estava acontecendo algo que nunca me acontecera antes.

– O quê?

– Estava loucamente apaixonado.

– Como podia ter certeza?

– Era o que eu me perguntava. Eu não podia acreditar que meu sentimento era muito mais profundo que um simples desejo momentâneo diante de sua beleza e delicadeza. Mas, no íntimo, sabia que era algo diferente... um desejo que era uma necessidade espiritual...

– E, no entanto... não tentou falar a sós comigo depois...

– Já lhe disse que eu estava receoso. Temeroso do futuro, inseguro de mim mesmo, talvez pela primeira vez na vida e sem saber como resolver o problema com Letty... e você...

– Eu nem imaginava que você pensava em mim! Como é que *eu* podia saber que *você* gostava de mim?

Ele tomou nas dele a mão de Dorinda e pousou nela o olhar.

– Sua mão é tão pequena e, no entanto, logo percebi, ao ver você à mesa, conversando com os meus amigos de modo tão brilhante e inteligente, que toda a minha felicidade cabia dentro dela...

– Se ao menos você tivesse me dito...

– E isso resolveria alguma coisa? – indagou o rapaz. – Eu passava as noites insones, perguntando a mim mesmo como poderia explicar a Letty que não podia mais desposá-la, procurando desesperadamente uma solução para a armadilha que eu mesmo tinha armado e da qual parecia não haver uma saída honrosa...

– Posso compreender como se sentia.

– Então, você salvou-me a vida quando aquela serpente me mordeu – continuou Maximus. – E ontem, enquanto voltava a Cingapura, pensei que talvez, por algum milagre, você devia me amar um pouco para ter arriscado sua vida por mim.

– Um pouco! – murmurou Dorinda, quase num soluço, lembrando-se de como sofrera com o pensamento de que ele podia morrer.

– Quando cheguei em casa, você me disse que Letty tinha ido embora com a Irmã Teresa.

– Mas você ficou furioso... furioso comigo!

– Apenas porque você me mentira. Eu tinha acreditado na sua sinceridade. Jamais havia pensado que você estivesse ligada ao que – então compreendi – tinha sido um plano para me casar com uma criança que jamais amadureceria.

Envergonhada pela lembrança das dez mil libras que Maximus Kirby entregara a seu pai, Dorinda baixou os olhos.

– Mas eu estava indescritivelmente feliz por saber que ficara livre! – continuou Kirby.

– Eu podia então lhe ter pedido que se casasse comigo. Apenas porque achava que devia manter uma certa correção e decoro, não me aproximei de você naquela noite, mas eu certamente não esperava que você fosse ao baile com outro homem.

Seus dedos apertaram os dela, magoando-os.

— Quando descobri, tarde da noite, que você não estava em seu quarto, dormindo, como eu tinha imaginado, mas numa festa, fui assaltado por uma emoção que até então desconhecia... o ciúme.

Kirby sorriu de novo.

— No passado, eu tinha sempre zombado dos homens que sentiam ciúmes de suas mulheres. Mas agora sei que a minha imunidade se devia apenas ao fato de eu nunca ter amado de verdade.

O tom de sua voz fez Dorinda vibrar. E ela própria se lembrou de como sentira ciúmes de Maximus.

— Quando a vi, no baile, cercada por todos aqueles homens, pela primeira vez na minha vida tive ímpetos de cometer assassinato a sangue-frio! Você estava maravilhosa, mas eu pensava apenas em feri-la. De repente, senti-me o próprio homem primitivo, disposto a arrastar a mulher pelos cabelos até sua caverna, subjugando-a inapelavelmente.

Ele deu um riso curto.

— Você teve sorte, minha querida, por eu não lhe ter oferecido nada mais violento que um beijo.

Dorinda enrubesceu ao recordar o que aquele beijo lhe tinha significado.

Como se compreendesse, Maximus disse:

— Mas quando eu a beijei, percebi duas coisas.

— O quê?

— Primeiro, que você nunca tinha sido beijada antes. Segundo, que me amava...

Dorinda enrubesceu ainda mais e de novo ele ergueu seu queixo para poder encará-la.

— É verdade? Você me ama? Não me enganei?

— Eu o amo — Dorinda conseguiu murmurar, tremulamente.

Então, quando ele se inclinava para beijá-la, a jovem acrescentou, depressa:

— Por favor... ainda há uma coisa que preciso lhe contar.

Ele afastou-se e esperou.

Dorinda não tinha coragem de encará-lo. Permanecia de cabeça inclinada, os cílios longos e escuros sobressaindo em seu rosto.

Procurou as palavras adequadas.

— Estou esperando — disse Maximus Kirby, com delicadeza.

— Não sei como começar...

— Então, deixe-me ficar mais confortável...

Deitou-se ao lado da esposa, recostando a cabeça nos travesseiros. Puxou-a depois para si, forçando-a a recostar-se em seu braço. Sentiu que ela estremecia e murmurou, carinhosamente:

— Assim vai ficar mais fácil para você, querida, por mais difícil que lhe pareça...

“Assim era mesmo melhor”, pensou Dorinda. O braço de Kirby lhe dava uma gostosa sensação de segurança. Por algum estranho motivo, já não tinha medo.

— Quando você foi a Alderburne Park — começou ela, baixinho — não apareci porque era... muito feia. Eu nunca aparecia quando havia hóspedes porque poderia constrangê-los... com a minha aparência...

— E o que havia com ela?

Ela sabia que o que lhe ia dizer não era certamente o que Maximus esperava ouvir.

— Eu tinha um problema de pele que nenhum dos médicos da Inglaterra conseguiu resolver. Essa doença me desfigurava a tal ponto que as pessoas jamais me olhavam... diretamente.

Pelo ligeiro tremor na voz da esposa, Maximus compreendeu como ela devia ter sofrido.

— Você deve ter adivinhado que eu só vim a Cingapura porque, de outro modo, Letty não viria — continuou Dorinda. — Papai e eu sabíamos que, ainda que conseguíssemos convencê-la a fazer a viagem, era difícil que ela concordasse em casar com você...

A voz de Dorinda morreu de repente. Ela sabia que estava implicada no plano do conde, mas tinha que ser absolutamente honesta.

— Continue — pediu ele.

— Quando atingimos o Mar Vermelho, um milagre aconteceu. Acordei certa manhã e descobri que o eczema tinha desaparecido e minha pele estava limpa.

— Já ouvi falar em fatos semelhantes.

— O Dr. Johnson assegurou-me que ele não voltará, a não ser que eu retorne para o clima frio e seco da Inglaterra.

— Isso torna as coisas muito simples, não é? É tudo o que tinha a me dizer?

— Não... ainda há uma coisa...

— O quê?

Ela escondeu o rosto no ombro do marido.

— Você disse... — murmurou Dorinda — que gostava de conversar comigo... que me achava inteligente... mas como fui tão feia, não sei nada sobre o amor... os homens. E... tenho medo de entediá-lo.

Kirby retirou o braço e, enquanto Dorinda voltava a recostar-se nos travesseiros, ele a encarou e disse:

— Acha que eu gostaria que você aprendesse com outros homens os segredos do amor? Eu mesmo lhe ensinarei, minha querida — seus lábios se apertaram por um momento e ele acrescentou: — Matarei qualquer homem que ouse tocá-la! Você é minha!

Dorinda reteve a respiração ao sentir a violência do seu tom de voz. Então, Maximus continuou:

— Adorada, você é tudo que eu queria encontrar numa mulher, tudo o que eu sonhei e procurei, sem acreditar que pudesse existir, a não ser em minha própria imaginação.

— É... verdade?

— Vou lhe provar... — sua voz era bem grave.

Maximus Kirby inclinou-se e os lábios de ambos ficaram muito próximos.

— Eu a amo, amo-a mais que tudo na vida e finalmente encontrei a mulher dos meus sonhos, a mulher a quem entreguei minha alma e meu coração.

Seus lábios se encontraram. Foi um misto de dor e prazer, o sentimento que, como uma faísca elétrica, atavessou o corpo de Dorinda.

Kirby estreitou cada vez mais o abraço até que ela não mais pôde pensar, mas apenas sentir, no êxtase selvagem e incontrolável, que eles eram um só corpo, uma só alma...

Ouvia-se apenas o som da água batendo no casco de madeira e do vento agitando levemente as velas.

— Você... ainda me ama? — sussurrou uma voz débil.

Maximus Kirby atraiu mais para si a esposa. O corpo de Dorinda era macio e dócil.

— Era a pergunta que eu ia lhe fazer, minha querida.

— Eu... não o desapontei?

— Adorada, será que preciso lhe dizer que foram os momentos mais maravilhosos de toda a minha vida?

Dorinda deu um leve suspiro.

— Eu não sabia... que o amor era assim.

— Assim como?

— Como um fogo, um relâmpago. Sempre pensei que era doce e tranqüilo, gentil, delicado, não assim tão intenso... quase doloroso...

Ele sorriu e beijou-lhe a testa.

— Você o descreveu muito bem, minha querida. É o que os chineses chamam de “gume da suprema alegria”.

— É exatamente isso.

Ela deixou escapar um pequeno grito.

— Oh, Max, agora sei...

— Sabe o quê?

— O que sua pintura significa... aquela que eu não consegui entender.

— Diga.

— Os dois riachos que se reúnem sob a ponte são o homem e a mulher unidos pelo casamento. As nuvens são a vida cotidiana, o mundo rotineiro que somos obrigados a viver. Mas os picos brancos, vividos contra o céu, são o êxtase que encontramos juntos... quando nos amamos...

Maximus inclinou-se para fitá-la.

— Foi assim que eu a fiz sentir?

— Você sabe que sim.

— Oh, minha adorada, era isso o que eu desejava, por isso rezei...

— Amar você foi... ao mesmo tempo uma agonia e uma glória indescritíveis...

Havia um novo brilho nos olhos de Dorinda. Mesmo na penumbra da cabina, sua pele tinha uma nova transparência, um matiz de pérola.

— Ainda acha que nosso casamento foi um engano? — perguntou Kirby.

— Não... é maravilhoso...

Kirby fitou-a durante um longo momento e Dorinda pensou que ele ia beijá-la de novo na boca, mas o marido moveu primeiro os lábios sobre suas sobrancelhas.

Depois, beijou-lhe os olhos, as orelhas, o pescoço, provocando-lhe estranhas e desconhecidas sensações.

— Eu o amo — murmurou Dorinda, entreabrindo os lábios. — Eu o amo, meu maravilhoso, magnífico marido.

Os beijos de Kirby se tornaram mais exigentes e o corpo de Dorinda estremeceu sob o do esposo. Sua boca exigia dela a mais completa rendição. Os lábios eram ardentes e apaixonados.

E, então, tiveram apenas consciência dos picos das montanhas e do “gume da suprema alegria”.

FIM